

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AZAMBUJA, Marcos Castrioto de . Marcos Castrioto de Azambuja (depoimento, 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (6h 57min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS (FINEP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Marcos Castrioto de Azambuja
(depoimento, 2010)**

Rio de Janeiro

2016

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Lucas Assis Nascimento; Matias Spektor; Tatiana Pedro do Coutto;

Levantamento de dados: Lucas Assis Nascimento; Tatiana Pedro do Coutto;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Tatiana Pedro do Coutto;

Técnico de gravação: Marcela Baptista Teixeira; Marco Dreer Buarque;

Data: 19/01/2010 a 28/01/2010

Duração: 6h 57min

Arquivo digital - áudio: 8; Arquivo digital - vídeo: 8; MiniDV: 8;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória Histórica e Estratégica da Energia Nuclear no Brasil”, desenvolvido pelo CPDOC/FGV com financiamento da FINEP, entre setembro de 2009 e setembro de 2011. O projeto visa à criação de um banco de entrevistas com pessoas de grande expressão na história da energia nuclear no Brasil. Serão realizadas 100 horas de entrevistas, que resultarão na construção dos originais de um livro. A escolha do entrevistado se justifica pelo seu papel relevante em embaixadas brasileiras no exterior, na Organização das Nações Unidas (ONU) e junto à presidência da República em diferentes momentos históricos da política nuclear brasileira, principalmente entre os anos de 1960 a 1992.

Temas: Acordo Nuclear Brasil - Alemanha (1975); Acordos e tratados nucleares; Antônio Azeredo da Silveira; Antônio Carlos Magalhães; Argentina; Atentados de 11 de setembro (USA); Ato Institucional, 5 (1968); Carlos Menem; Carreira diplomática; Colonialismo; Conferência Rio 92; Conselho de Segurança da ONU; Direitos humanos; Domingo Cavallo; Energia nuclear; Estados Unidos da América; Fernando Henrique Cardoso; França; George W. Bush; Golpe de 1964; Governo Fernando Collor (1990-1992); Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Governos militares (1964-1985); Guerra das Malvinas (1982); Guerra Fria; Guido di Tella; Itaipú Binacional; Jânio Quadros; Luiz Felipe Lampreia; Marcílio Marques Moreira; Marcos Azambuja; Meio ambiente; Mercosul; Milagre brasileiro (1968-1974); Palácio Itamaraty; Partido dos Trabalhadores - PT; Paulo Nogueira Batista; Política; Política nuclear; Privatização; Programa Nuclear Brasileiro; Raul Alfonsín; Relações

interamericanas; Relações internacionais; Tratado de Cooperação Amazônica; Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP);

Sumário

1ª Entrevista: 19/01/2010

Entrada para o Itamaraty e as primeiras funções na casa; o prestígio do Itamaraty na década de 1950; as relações hemisféricas do Brasil e as origens da Política Externa Independente (PEI); a identificação e a resistência do Brasil frente aos EUA; as críticas à PEI dentro do Itamaraty; o Terceiro-Mundismo no México da década de 1960; o Brasil e a questão das colônias portuguesas; o Brasil e o Movimento dos Países Não-Alinhados; as ambiguidades das posições brasileiras; relações Brasil/Portugal: uma exceção; percepções do Itamaraty em relação ao fim do colonialismo português; a Crise do Mísseis e a proposta feita pelo Brasil de uma zona desnuclearizada na América Latina; a apropriação da proposta pelo México e a mudança de posição do Brasil pós-64; o novo regime e suas relações com o Itamaraty; a embaixada brasileira no México e o “tracking” de exilados brasileiros; a assistência humanitária do Brasil na América Central antes do Golpe de 64; percepções em relação ao Golpe de 64; o fim da tolerância ao regime com o AI-5; a assinatura do Tratado de Tlatelolco; a ida para embaixada de Londres (1969); a relação Sergio Correia da Costa/ Ovídio Melo/ Italo Zappa; origens da decisão do Brasil de não mais se candidatar à vaga rotativa do Conselho de Segurança da ONU; a falta de sintonia entre o regime militar brasileiro e as novas idéias disseminadas internacionalmente; a valorização do aspecto econômico-comercial da política externa por Azeredo da Silveira; o veto a Silveira ao cargo de Secretário-Geral do Itamaraty no Governo Medici; funções na embaixada de Londres; a atuação da Embaixada do Brasil em Londres; a atuação de Sergio Correa da Costa; Celso Amorim na Embaixada do Brasil em Londres; os anos do Milagre Econômico; a ida para Embaixada do Brasil em Buenos Aires (1972); o contexto político da Argentina; Silveira e o endurecimento com a Argentina; a questão de Itaipu; a ida de Silveira para o Ministerio de Relaciones Exteriores; o cargo de Chefe da Divisão das Nações Unidas (1976); os problemas do Acordo Brasil/Westinghouse; o Acordo Brasil/Alemanha e suas falhas; a preponderância de Paulo Nogueira Batista e da Nuclebrás na política nuclear brasileira; a personalidade de Geisel; as pressões americanas, a relativa fraqueza da Alemanha Ocidental e as dificuldades econômicas do Brasil no âmbito do Acordo Nuclear Brasil/Alemanha; o surgimento do Programa Paralelo; o domínio de tecnologia de armas atômicas como elemento de prestígio; o cargo de Chefe do

Departamento de África, Ásia e Oceania (1978); Italo Zappa, suas origens socio-econômicas e as expectativas sobre sua carreira; os motivos que levaram Silveira a substituir Marcelo Raffaelli por Azambuja no Departamento de África, Ásia e Oceania; as diferenças entre as gestões de Zappa e Azambuja no Departamento de África, Ásia e Oceania; o encontro com al-Khadafi na Líbia; a aposta de Geisel no Oriente Médio; as relações preferenciais com o Iraque em detrimento de seus vizinhos; o cargo de Subsecretário-Geral de Coordenação e Programas (1984) e o fracasso dessa secretaria; a função de Subsecretário-Geral de Administração (1986); as origens do programa nuclear brasileiro e sua falta de objetividade; Chefe da Delegação Permanente em Genebra, Representação para Assuntos de Desarmamento (1987); temas sob responsabilidade da Delegação: meio-ambiente, direitos humanos, desarmamento; a importância dos “novos temas” no processo de redemocratização do Brasil; Paulo Tarso Flecha de Lima como Secretário-Geral do Itamaraty; as diretrizes como representante em Genebra; a relevância da questão dos direitos humanos para o Brasil; a participação na Comissão de Proteção aos Direitos Humanos, no Ministério da Justiça; a criação de novos canais de comunicação entre Estado e Sociedade Civil.

2ª Entrevista: 21/01/2010

Comentário sobre Jânio Quadros e ruptura com o Itamaraty; paralelo entre Jânio e Lula; Lula e FHC: continuidade; chegada à Secretaria Geral em 1990 – expectativa em torno do governo Fernando Collor; força moralizadora e modernizadora; a abertura de mercado; patriotas vs. Consumidores; Collor e Bush: intimidade decrescente; a agenda dos dois países; distanciamento dos EUA em relação ao Brasil; comentários sobre corrupção; menção à Lei da Informática; comparação entre informática e programa nuclear; os obstáculos externos à política nuclear brasileira; histórico da relação Brasil-EUA: 2ª Guerra Mundial, Cuba, apoio dos EUA na década de 1960; origem e percepção do presidente Collor em relação ao sistema internacional; a escolha de Francisco Rezek para o Ministério das Relações exteriores (MRE); preparação da Rio-92; a escolha de Lutzemberger para MMA; a percepção de “novas agendas”; a relação entre Azambuja e Collor; Marcos Coimbra e impacto na relação entre Itamaraty e Presidência; o gabinete ao final do governo Collor; analogia com a Regência; afinidades políticas; Itamaraty, PMDB, PSDB; a relação com Collor; a relação com Antonio Carlos Magalhães (ACM); a influência de ACM na política brasileira; a ONU e observadores

parlamentares; o contato com José Sarney; a relação com Fernando Henrique Cardoso; o governo Collor e EUA; a relação com Marcelo Marques Moreira; os interlocutores nos EUA: embaixadas, departamento de estado e trade authority; a Embaixada Argentina na década de 1990; o comportamento do Brasil durante a Guerra das Malvinas/Falklands; da rivalidade à cooperação: Itaipu – Malvinas – Mercosul – Desmonte dos programas paralelos; relação Brasil Argentina sob Getúlio Vargas, Geisel, Sarney e Collor; Collor e Mercosul; Azambuja e Paulo Nogueira Batista: união aduaneira vs. mercado comum; comparação entre Mercosul e União Europeia (UE); a ausência de instituições supranacionais; Collor e Carlos Menem; origem de Menem e sua percepção do Brasil; declaração de Las Leñas; a questão nuclear e processo de negociação do acordo Quadripartite; origens: Sarney e Alfonsín: contenção dos militares; o sistema de salvaguardas e acordo Quadripartite; Collor e o Tratado de Não Proliferação (TNP); adesão ao TNP e acesso a tecnologia dual para outros usos (supercomputadores); o Protocolo Adicional do TNP; Embaixada em Buenos Aires; a transição Collor-Itamar.

3ª Entrevista: 28/01/2010

Transferência para Buenos Aires; contexto político; relações com Brasil: Itaipu, Argentina, desencantamento com Europa e EUA, aumento dos investimentos brasileiros na região; a figura e o papel do embaixador brasileiro na Argentina, histórico das relações Brasil/Argentina e a crescente assimetria de poder; Carlos Menem e o plano de convertibilidade; referência à Guido di Tella; Fernando Henrique Cardoso (FHC) e o ciclo de entendimento com a Argentina; Domingo Cavallo (1992-1994) e as críticas à política econômica brasileira; programas de privatização brasileiro e argentino; a embaixada brasileira em Buenos Aires e a função de lobista / facilitador de negócios; o partido dos trabalhadores (PT) e Argentina na década de 1990; relação de FHC, Lampreia e Gelson Fonseca com Argentina; reeleição de Menem, em 1995, e percepção do Brasil; o “sonho” argentino de institucionalização do Mercosul; o problema da assimetria de poder no Mercosul; a transferência para Paris; as diferenças entre a embaixada em Buenos Aires e Paris; missão na França: política agrícola e a busca por uma relação mais densa; Chirac/Jospin e a relação com Brasil; relação do PT com a França; o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA) e condominium amazônico; a atuação como 1º comissário organizador do ano do Brasil na

França; percepção mútua Brasil/França; compra dos porta-aviões franceses pelo Brasil; repercussão do 11 de setembro em Paris e relação França / EUA; a adesão argentina ao TNP em 1995; a ideia e início das atividades da ABACC; a iniciativa Global Zero objetivos, relação com outros comissários, agenda para a reunião em fevereiro de 2010 em Paris; Rio-92 (UNCED); energia nuclear e meio ambiente; as negociações para o Tratado de Tlatelolco e a participação de Alfonso García Robles.

1ª Entrevista: 19/01/2010

M.S. – Embaixador, vamos começar com a sua entrada para o Itamaraty e a situação que leva ao seu primeiro posto.

M. A. – Olha. Eu entrei no Itamaraty, literalmente, nos anos de ouro: era metade do governo Juscelino Kubitschek; e saí do Itamaraty, quando me afastei, me aposentei, de novo nos anos de ouro, que foi no período Fernando Henrique Cardoso. Tanto que eu entrei numa democracia florescente e saí numa demo.... O que aconteceu no meio é uma história mais complicada que isso. Portanto, eu entrei nesse período em que havia um otimismo brasileiro extraordinário, uma autoconfiança nacional estupenda. E culmina tudo isso na primeira missão que eu tive, importante, foi interna: foi integrar a Casa Civil temporária do presidente Kubitschek para a inauguração de Brasília. Eu passei alguns meses. De modo que eu sou uma espécie de pai fundador de Brasília naquele período. E também a visita do então presidente Eisenhower... De modo que houve uma... A parte externa da minha ação, já como jovem diplomata, foi que eu tive uma classificação boa no Instituto Rio Branco, que me deu uma bolsa de estudos de viagem na OEA e nas Nações Unidas, e então começou uma espécie de opção preferencial pelo multilateralismo. E é meu primeiro posto. Foi Nova Iorque.

M.S. – O senhor já tinha ido para os Estados Unidos antes de entrar na carreira?

M. A. – Eu tinha ido, apenas, em caráter pessoal, de férias. Eu tinha um irmão que então estudava numa universidade americana. Mas eu tinha vivido dois anos, estudando, na Inglaterra. Porque naquele tempo a Inglaterra ainda aparecia como centro. E havia um certo...

M.S. – Onde é que o senhor estudou?

M. A. – Eu estudei na Universidade de Londres. E estudei durante dois verões, numa universidade chamada Wadham College, que é em Oxford. Então é... E, ao mesmo tempo, era uma espécie de aperfeiçoamento para o vestibular do Instituto Rio Branco, que era, então, um exame (e é até hoje, eu creio) um exame rigoroso.

M.S. – De onde veio sua opção pela carreira?

M. A. – A minha opção pela carreira veio por uma ausência de outra opção caracterizada. Eu era uma dessas pessoas (que eu imagino que ainda existam pessoas assim) que tinha uma aptidão difusa mas nenhuma vocação específica. Eu tinha entrado

para a Faculdade Nacional de Direito, da então Universidade do Brasil, não queria ser juiz, não queria ser advogado, não havia em mim uma vocação de política interna clara; o jornalismo era uma possibilidade... Em suma, eu não tinha uma clara... Eu tinha uma espécie de preferência por áreas, história, geografia, a política, os assuntos contemporâneos, mas não havia... Eu não fui um vocacionado, em momento nenhum. Eu me lembro, uma vez, até que fiz um exame de avaliação de aptidão profissional, vocacional, e tudo o que eu dizia, que eu estou dizendo agora, causava a pior impressão. Eles imaginavam que devia haver um diplomata vocacionado para aquilo. Embora eu deva dizer a você que a diplomacia é sempre uma vocação secundária. Não há nenhuma criança que queira ser diplomata. Não é uma coisa que... Não é feito jogador de futebol, polícia, coisas que crianças... cowboys... Quer dizer, a diplomacia é uma... Então, era, foi uma coisa acessória, ligada a uma certa curiosidade intelectual, um certo cosmopolitismo, um certo interesse...

M.S. – Vindo da família?

M. A. – Vindo da família. Mas meu pai era oficial de Marinha, o resto da família, advogados. Não havia uma vocação clara, nem uma descendência. De modo que havia um pouco essa... Meu pai foi adido militar no Peru e depois na França, então houve algum contato...

M.S. – Em que ano, embaixador?

M. A. – Meu pai foi, em Lima, de 47 a 49 e em Paris, de 53 a 55. Portanto foram momentos em que eu tive um certo convívio com embaixadas, com atividades. Mas naquele tempo as opções que se ofereciam a um jovem carioca com meu perfil não eram tão... Você, mais ou menos, tinha no serviço público... Isso aqui era a capital, é difícil explicar a vocês a que ponto o Rio concentrava então... E o Itamaraty tinha um prestígio, que estava até ligado ao seu próprio nome. A palavra Itamaraty tinha uma conotação de excelência, de qualificação. Era uma casa, literalmente, uma casa. Porque as pessoas esquecem que... O que é hoje? É um ministério. No Rio era uma casa. Quer dizer, casa não era um eufemismo, era a descrição de casa, que era dos condes de Itamaraty. E era uma coisa muito pequena. Nós éramos trezentos e poucos, fora e dentro do Brasil. Ao todo. Hoje, agora, houve uma ampliação de quinhentos. Então, a idéia de clube, de grupo, de aproximação por (afinidade) era muito grande. E, sobretudo, havia uma idéia de excelência intelectual, que era muito sedutora. O Itamaraty, até meu ingresso, você tem... da Academia Brasileira de Letras, de quarenta membros, uns nove ou dez eram sempre

diplomatas. Então era Guimarães Rosa, era San Thiago Dantas, era Afonso Arinos, era Vinícius de Moraes, era Ribeiro Couto. Em suma, havia uma idéia de... E a política nossa, então, externa tinha um perfil mais defensivo do que proativo. O Brasil queria... não queria se envolver em encrencas. A idéia essencial da diplomacia era dizer *olha aqui, vamos deixar o Brasil navegar em paz, sem imbrólios externos*. Eu não me lembro tanto de mandar... ser mandado fazer coisas muito expressivas. Era evitar. A idéia era evitar.

M.S. – Claro. Reagir.

M. A. – Reagir. Então havia uma idéia muito...

M.S. – Agora nesse período que o senhor vai para o seu primeiro posto em Nova Iorque, em 1960, a diplomacia está em estado de ebulição. Há um debate público interno muito cindido, de uma maneira não totalmente diferente ao que se vê hoje em dia. Nesse embate, onde é que o senhor se situava, ainda jovem? Se é que se situava em algum lugar.

M. A. – A idéia... Nas Nações Unidas, nós éramos essencialmente... Porque um dos nossos mentores era o então embaixador Araújo Castro, que era uma pessoa que define os termos do que chama-se política externa independente. Na missão, éramos um grupo, em que estavam o Antonio Houaiss, meu compadre e amigo, Sérgio Paulo Rouanet, éramos um grupo de pessoas muito ligadas a certas causas e certa idéia de um não automatismo na relação com os Estados Unidos ou que chama potências ocidentais. Não era uma ruptura, era uma desautomatização do vínculo.

M.S. – Que vinha de onde, intelectualmente, do Iseb?

M. A. – Vinha mais... Essa idéia do desafio, é isso? Vinha do Iseb, em parte, vinha um pouco de uma reflexão nacional, juscelinista e pós juscelinista, de que o Brasil tinha crescido além daquele perfil. Porque a idéia não era... Eu não quero ser injusto com os que vieram antes. A idéia do americanismo, pró americanismo... Rio Branco, Nabuco, como você quiser –, era um pouco para nos distanciar da América Latina, vista, ela, como um corpo homogêneo, e nós não, e a idéia de que convinha a nós uma relação preferencial com Washington, para que com isso tivéssemos... Vinha também da Segunda Guerra Mundial, com toda uma idéia de combatentes na mesma causa, contra o nazi-fascismo. Então havia uma certa legitimação. Agora isso tinha levado a certos hábitos mentais de... de subordinação, ou de automatização da resposta. A idéia de que ao Brasil convinha, sempre, ficar com os Estados Unidos e se distanciar de vizinhos, no fundo, que eles desprezavam um pouco, com exceção da Argentina, e consideravam um pouco uma

espécie de zênite turbulenta e irracional. A idéia do Brasil é de que o Itamaraty e o Brasil representavam uma certa racionalidade, então, que os Estados Unidos... Então, havia um pouco essa vocação Rio Branco, Nabuco, pan-americana, que vem da idéia de que o Brasil tinha, na América do Sul, um papel... contrapeso, de equilíbrio, mas que nós não éramos farinha do mesmo saco. Havia uma distanciamento da América Latina, desdenhoso. O sentimento era de que, primeiro, a nossa diplomacia era melhor, dois, que o Brasil era mais. A Argentina, havia a idéia de uma... um certo respeito, um certo paralelismo; mas não havia mais do que isso.

M.S. – O senhor acredita que parte do motivo pelo qual nos anos Juscelino Kubitschek começa a haver esse distanciamento em relação aos Estados Unidos tem a ver com a leitura que se fazia no governo dos resultados parcos da cooperação prometida à época da Segunda Guerra Mundial?

M. A. – Ah. Eu creio que sim.

M.S. – Quem representava isso?

M. A. – Representou, primeiro, que houve...Durante os anos Dutra, (que eu já não sou contemporâneo deles) houve uma aposta de que o Brasil seria premiado pelo fato de ter sido aliado e combatente. Então as expectativas se cumpriram, em parte, ainda com Getúlio, da primeira vez, com Volta Redonda. Depois, havia a idéia de que o Brasil teria... a primeira esperança, e até hoje está vivo, é de que o Brasil fosse ser membro permanente do Conselho de Segurança. Como um país combatente, (país de guerra) tal, nós tínhamos um lugar assegurado. Isso ficou muito claro em todos. Dois, que haveria um favorecimento, que aquilo geraria uma espécie de crédito. O que o Brasil foi se dando conta é de que, terminada a guerra, os saldos da guerra tinham acabado. Não havia. Dois, que, terminada a guerra, os Estados Unidos, que tinham perseguido uma política de boa vizinhança, de aproximação, para impedir que o Brasil tivesse qualquer propensão a uma aliança germânica, aquilo acabado, o interesse... O Brasil sempre foi mais afetivo do que racional. O Brasil achava que – aspas – a amizade, o reconhecimento, a gratidão iam operar. Mas aquilo terminou. Terminou, quer dizer, Carmem Miranda acaba. Ela que é, se você quiser, a epítome dessa brasilidade festiva, solidária. Então, você tem essa primeira... E dois, começa a haver a idéia de que o... subdesenvolvimento ou o desenvolvimento começam a surgir como conceitos. Quer dizer, a idéia de que havia uma estratificação da sociedade internacional em níveis de renda, de poder econômico, de poder nacional, isso começa a surgir no Brasil. Antes, havia uma idéia de que o nosso...

a palavra era progresso, não era desenvolvimento – que o nosso não progresso era resultado da nossa preguiça, dos nossos defeitos. Havia uma idéia moralizante, de que nós éramos o que devíamos. Então, nesse período, surge a idéia de que há regras do jogo ou desigualdades embutidas e que, portanto, o Brasil tinha de começar a corrigir essa situação.

M.S. – Existia a percepção de que o papel norte-americano no progresso brasileiro era necessariamente deletério? Porque, olhando para a parte da retórica da época, fica essa impressão. Entretanto o Brasil foi um dos principais, se não o principal destinatário de recursos da Aliança para o Progresso, na época em que o senhor chega à carreira, a embaixada americana no Rio de Janeiro tinha mil e quatrocentos funcionários, por exemplo, e é dinheiro americano que cria as primeiras escolas de economia, de administração, que ajuda a criar os primeiros planos nacionais de desenvolvimento.

M. A. – É. A idéia é sempre... No Brasil, há uma esquizofrenia brasileira com relação aos Estados Unidos. Há uma imensa identificação, a idéia da semelhança, do assemelhamento, a idéia da modelação do Brasil em termos dos Estados Unidos, o Brasil não se compara a nenhum outro país, e culturalmente, às vezes, com a França, havia uma... Mas a idéia, para nós, do país modelar era os Estados Unidos. Então, esse lado. O segundo é a idéia, um pouco paranóica, de que... uma coisa que nós usamos quase que entre aspas, o americano – é uma palavra: o americano –, como se existisse essa figura...

M.S. – Protótipo.

M. A. – Protótipo. Que fosse uma pessoa maligna, cujo objetivo é... Como se em Washington... Primeiro, a idéia brasileira, já nessa...sobretudo nessa época, é que nós pesávamos muito mais do que pesávamos. A idéia de que em Washington tinham passado horas, dias, semanas maquinando algum tipo de política que nos inibisse, controlasse ou impedisse. O Brasil era muito incapaz de imaginar a sua relativa... O Brasil prefere ser vítima a ser irrelevante. Então havia a preferência pela idéia de que nós não éramos porque não nos deixavam, e não que não éramos porque não sabíamos ser melhor. (risos) A preferência é culpar alguém. Então essa idéia fica muito clara nesse período todo. Nós vamos evoluindo e a percepção é muito clara, de que você tem essa dualidade: os Estados Unidos visto como modelar, multicultural, multiétnico, grande república federativa, as afinidades estavam todas; e a outra idéia, de que havia uma... essa estereotipação ao contrário: um país de ingênuos, de meninões, de bobos. E no Brasil, também, corresponde duas coisas: a idéia de que os Estados Unidos é diabólico e os Estados Unidos é ingênuo;

e que é um país, de certa maneira, de bobocas, de paspalhões. Então, essas duas coisas existiam. Mas nesse período começa a haver, cada vez mais, a idéia de que o Brasil tinha um status menor do que nós supúnhamos. Terminada a guerra, sobretudo, o nosso papel ficou muito pouco importante, nós não nos víamos mais com nenhuma função importante; apenas vender certas commodities... Não vender. Elas vinham ser compradas aqui. Nós não tínhamos nenhuma capacidade de...

M.S. – Claro. De promoção comercial. Embaixador, dentro da Casa, nesse período da política externa independente com San Thiago Dantas e Araújo Castro, quem é que estava na oposição intelectual? Quem resistia ao programa? Ou não havia um foco de resistência que fosse claro?

M. A. – Havia. Havia uma... Primeiro, havia a idéia de que aquele projeto era um pouco ambicioso e pretensioso. A idéia... *O país não sabe os seus limites*. Quer dizer, desde quando o Brasil terá uma política externa independente? Tudo isso parecia a um grupo grande de diplomatas, como uma forma de exaltação do nosso ego. Na segunda, havia todos aqueles viam, mesmo nos Estados Unidos kennedyano, uma idéia de um Estados Unidos... Para o conservadorismo Itamaraty, dona Odete Carvalho e Souza, Manoel Pio Corrêa, os grandes defensores do Itamaraty e do mundo mais tradicional, convencional, os Estados Unidos pós Roosevelt era um Estados Unidos que tinha feito um pacto ou uma tolerância com o comunismo, com o modernante, que não era a rigor...

Quer dizer, então havia uma idéia de que... Nós que defendíamos éramos já parte dessa mesma diluição da clareza da idéia ocidental, portanto tolerância com o socialismo e com o comunismo, indulgência para Cuba quando começava, a incapacidade de reagir às ameaças soviéticas e, depois, soviético-chinesas, sino-soviéticas; então havia um grupo grande, que achava que o Brasil estava apenas se atrelando a políticas que, nos Estados Unidos, não iriam sobreviver. E de fato, mais tarde, há uma reação no próprio Estados Unidos, de que o conservadorismo é a expressão, de insatisfação. E também não era aquilo. Então havia um sentimento, no Itamaraty, contrário àquele pensamento e contrário a sua matriz norte-americana.

M.S. – Embaixador, quando o senhor vai para a cidade do México em 62, o México tem uma política externa que está mais distanciada dos Estados Unidos do que a brasileira, à época. Esse tema do terceiro mundismo é vibrante no México do começo da década de 60. Como foi viver esse período?

M. A. – É verdade. Aí o Brasil tinha pelo México uma idéia... A frase é engraçada, do Azeredo da Silveira, meu chefe em mais de uma ocasião. O Silveira dizia, “o México é um Canadá com buzina”. (risos) Ele não tinha nenhuma dúvida que o México não tinha, de fato, uma convicção, aquilo era uma espécie de retórica, de estridência. De modo que a idéia nossa é de que o México não era muito *pra* valer. Aquilo era uma espécie... Que é a realidade. Era... O Napoleão dizia, “os povos têm de fazer a política da sua geografia”, e a geografia mexicana não permitia outra coisa. Porque aquilo... havia uma espécie de autodissonância declarada... E que os Estados Unidos incorporavam completamente. Era inócuo para eles. Sobretudo, eles tinham uma idéia de que o México tinha na América Central um papel de intermediador útil, de que em grande parte o México era uma espécie de *loyal opposition*, de oposição que não causava... Mas havia essa idéia. Em 62, 63, isso não se nota, não, que o Brasil e o México eram muito perto em muita coisa. É depois de 64, é que há uma ruptura, quando Garcia Robes sai daqui, deixa, então há uma mudança. Mas em 63, 62 não havia essa... Eu fico em Nova Iorque até 60 e... E até 63, em Nova Iorque, nós tínhamos como causas, a primeira causa nossa, que nos causou grandes problemas, aos que estavam lá então, era a emancipação das antigas colônias portuguesas; porque no Brasil a causa portuguesa tinha um imenso alicerce numa imigração muito grande no Rio de Janeiro, em que o... Então havia na imprensa, o *Jornal do Brasil*, os grandes interesses estavam muito ligados a Portugal. E a idéia não foi de lucro, de ganho; era de uma deslealdade a Portugal, coitadinho, tão dependente, tão frágil. Portugal sempre (se olhou) com o Brasil, não uma relação de metrópole com colônia, mas de avó frágil com neto forte. De modo que era uma espécie de chantagem emocional. Então a grande... Dois, no período de 60, nós estamos, então, com as jogadas do Jânio de abertura para o Leste europeu. Primeiras missões, envios. E aquilo tudo, também, fazia sus...

M.S. – Movimento não-alinhado.

M. A. – Não-alinhado. Em que o Brasil... É. E eu fui, durante muitos e muitos anos, o delegado brasileiro ao movimento não-alinhado. A tal ponto de que uma vez eu fui chamado pelo Narazi Mahal, que era então o primeiro ministro da Índia, e que me disse: “*Mister ambassador, you’ve been observing for more than thirty years. Time do make up your minds. Join us ()*” Eu digo: “Mister prime minister, o Brasil é um *founding observer*. De modo que nós somos... o Brasil foi o único país que esteve em Bandung, na primeira. Então, havia essa idéia, o Brasil... A relação nossa com... (Isso está ficando

muito desordenado, mas...) A relação nossa com o não-alinhamento é típica do que o Brasil é. O Brasil se aproxima, mas não adere plenamente, fica sempre como observador.

M.S. – Por que a gente não aderiu, embaixador?

M. A. – Porque havia a idéia de que, ao aderir, o Brasil tinha uma rotulação excessivamente clara. O Brasil é um país de imensa complexidade e de grande ambigüidade. Sempre que alguém disser alguma coisa sobre o Brasil muito claro, desconfie, não é bem aquilo. O Brasil tem *on the other hand*, por outro lado, quem sabe. Nós nos sentimos desconfortáveis com a idéia de acompanhar um movimento que tinha posições que nos pareciam retóricas e simplistas. Por outro lado, nós não queríamos nos dissociar de um movimento que tinha conosco amplas... Então, aquela observância era, se você quiser, o retrato da nossa posição. Eu, durante quarenta anos da minha vida, eu sabia exatamente como votar, em qualquer momento, porque o Brasil estava naquela relação norte-sul, leste-oeste, o Brasil estava ao sul, mas não muito ao sul, estava mais para oeste, mas não tão a oeste do que o leste. Então... É como se fosse uma espécie de... de alvo. Eu sabia exatamente onde o Brasil estava. O Brasil era mais do sul do que do norte, mais do ocidente do que do leste, mas também não era, também, tão ocidental, nem... Era...

M.S. – Estava nas margens do Ocidente liberal, digamos.

M. A. – Nas margens do... Exatamente.

M.S. – Embaixador, no quesito, ainda, Nações Unidas, a questão do colonialismo. Como é que vocês articulavam o discurso dos três Ds com essa posição ainda muito próxima a Portugal, quando, claramente, a sociedade brasileira já avançava, apesar dos lobbies, em direção a uma postura bastante diferente em relação a?...

M. A. – Não se reconciliava. Você fazia era uma cláusula de exceção, você admitia com pesar que os fatos da vida real impediam você de ser com Portugal o que você queria... Porque o próprio Juscelino, que tinha uma posição muito progressista em muita coisa, em matéria de Portugal, era absolutamente conservador. Não havia nenhum espaço. E dois. A presença da comunidade, da colônia, dos interesses... Porque veja bem, nesse tempo, Brasil e Portugal tinham acordos de dupla nacionalidade. É difícil explicar hoje, mas naquele tempo eu poderia me fazer português apenas ao entrar; votaria em eleições portuguesas, se é que as houvesse lá. (risos) Mas de qualquer maneira havia... havia... Era um direito mais virtual do que real. Mas é. Então, havia uma incoerência. Mas a

incoerência... O Brasil era de um anticolonialismo com tudo mais, e ao mesmo tempo, com Portugal, o que o Brasil... A retórica brasileira era a seguinte: nós precisamos de tempo; porque o nosso voto adicional não vai alterar a realidade em Angola, em Moçambique, Cabo Verde, enquanto que nós estamos agindo atrás dos bastidores para convencer Portugal. O que de fato, de certa maneira, existia, mas não muito. Era o argumento...

M.S. – De maneira muito mitigada.

M. A. – Muito mitigada. Porque o Brasil não tinha a convi... Porque também a própria descolonização brasileira não parecia nada com a descolonização africana. Nós tivemos aqui foi uma transferência de corte para o país. Príncipe herdeiro. Não estava na nossa matriz genética.

M.S. – No horizonte intelectual de vocês existia a idéia de que dali a quinze anos não haveria mais colonialismo português na África, quando, em 60, Portugal ainda detém quase oito por cento do continente africano?

M. A. – Eu creio que havia a idéia de que, possivelmente, Moçambique iria depressa. A idéia de que Moçambique tinha tido uma colonização tão tênue, tão remota e tão voltada para o Indico, a idéia que não. A idéia de que Cabo Verde continuaria muito ligada a Portugal. Havia, de novo, ambigüidades. Quer dizer, não era um império homogêneo. Mas havia a convicção de que os dias estavam contados. Apenas, os líderes políticos brasileiros – aí entra Jânio, entra... Jango, depois – nenhum deles era um antiportuguês. O colonialismo aqui não dava nenhum voto. O anticolonialismo. O colonialismo gerava uma...

M.S. – Apoios.

M. A. – Apoios de grandes grupos. Então, há a nossa ambigüidade; não porque tivesse a idéia de que o colonialismo não tivesse seus dias contados; apenas, o Brasil achava que ele não seria cobrado. Porque não havia aqui um lobby africano. É difícil explicar a vocês. Nem a própria africanidade, no Brasil, existia...

M.S. – Era reconhecida como tal.

M. A. – Reconhecida. Nada. Quer dizer, o Brasil tinha uma certa capacidade de não ver a África. Havia... não ser algum sentimento afetivo, ligado a negas fulôs. Era uma coisa mais assim. O Brasil não se achava... O Brasil tem uma idéia de si mesmo singular. Ele não consegue se rotular como nada, então ele fica como um mosaico de percepções.

Não, não é bem assim... E a idéia de que se nós fizéssemos uma descolonização contra Portugal, maior, nós estaríamos ajudando as outras potências coloniais...

M.S. – A ocuparem um lugar que é chave.

M. A. – A idéia é fascinante, que era a seguinte. Portugal alegava que os outros podiam deixar a ocupação colonial porque tinham o controle econômico, investimentos e tudo, e Portugal dependia da presença dos seus funcionários. Em outras palavras, Portugal alegava para nós, olha aqui, se vocês estão fazendo esse trabalho, não é a favor da... , é a favor da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Rússia, que vão ocupar o nosso vácuo.

M.S. – Embaixador, outro episódio importante na sua passagem pelas Nações Unidas é a crise dos mísseis. Tem algo que seja particularmente relevante?

M. A. – Tem.

M.S. – O que me interessaria saber é qual é a percepção brasileira, depois da resolução do drama, que, imagino, o senhor deve ter acompanhado aí de perto.

M. A. – Eu estava lá, naquele tempo, na primeira comissão. Trabalhamos juntos. Araújo Castro era o delegado na primeira comissão.

M.S. – Era seu chefe.

M. A. – Meu chefe. O número dois, Antonio Houaiss. Chama delegado alterno. E eu, assessor. Então, nós três na primeira comissão, que era o foro (para tudo isso) O que teve de mais (importante), além da sensação, que eu nunca tive igual, de risco total... Houve um momento em que a idéia de que nós estávamos caminhando inexoravelmente, não para uma guerra como outra, mas talvez para uma destruição da... são palavras grandiloquentes mas... destruição da civilização, do mundo que nós conhecíamos e tudo. Isso deu para o Brasil um momento de grande ação, que o Afonso Arinos, que então era o chefe da delegação como um todo, que foi o nosso projeto de desnuclearização na América Latina. O projeto brasileiro de desnuclearização é lançado em outubro ou novembro de (61), como uma resposta a um impasse que se tinha criado. A idéia nossa é de que íamos apresentar um projeto que daria a Cuba a possibilidade... o *faith saving device*, de retirar os mísseis, não aceitar outros, em troca de uma desnuclearização de toda a América Latina. Essa era a idéia. Foi lançado, foi apresentado o projeto como isso.

M.S. – Isso é uma proposta americana na origem?

M. A. – Brasileira. Não, não. Brasileira. Não. Os Estados Unidos estava com um grande menu de... ,mas não concebia essa como uma opção. Não rejeitou. Mas não era um projeto deles. Aquilo foi uma iniciativa, um *brainstorm* brasileiro. Quer dizer, nós achamos que aquilo...

M.S. – Saiu de onde, embaixador?

M. A. – Araújo Castro. João Augusto de Araújo Castro foi quem concebe isso como uma possível saída para todos, honrosa. Porque a idéia que havia... (Não sei se recordo isso). A esquadra americana rodeando Cuba e aqueles novos navios russos trazendo outros mísseis; então, a idéia de um enfrentamento, que teria... Então nós apresentamos aquilo. Não chegou a ser votado. Foi apresentado, foi... nas Nações Unidas chama-se *estabulado*. Foi colocado na mesa. E isso vai prosperar depois, dois anos depois, quando o México...

M.S. – Se apropria da agenda.

M. A. – Se apropria e faz o projeto, que vai levar depois ao tratado.

M.S. – Por que a gente fica de fora quando o México se apropria?

M. A. – Porque o Brasil tinha mudado então. Quer dizer, o Brasil nesse momento sai de uma posição proativa favorável à desnuclearização a uma que é achar que aquilo... Era uma idéia que o Brasil... Com os militares, volta ao Brasil a idéia, a fantasia *dele* ser uma potência nuclear. Então a idéia da desnuclearização... está muito bem, mas... Nós acabamos desnuclearizados. E talvez o Brasil queira guardar essa opção, essa carta na sua manga. Então nós perdemos aquela oportunidade. Mas, por sua vez, como tínhamos sido os donos da idéia e os seus promotores... Na segunda vez, ainda, antes da revolução, o Brasil ainda apresenta, com o México, mas já como um segundo violino. Depois é que o Brasil... não consegue se separar. Então, (é uma longa história) o Brasil começa a criar óbices a que o tratado seja plenamente valioso.

M.S. – Embaixador, depois do golpe de 64, Araújo Castro e a equipe são afastados do poder mas não são exonerados, não são postos para fora. O que explica essa peculiaridade do golpe de 64 em relação ao Itamaraty especificamente, onde há uma caça às bruxas, mas é muito limitada e não, necessariamente, passa por opção ideológica.

M. A. – Ah... A sensação que você tinha então é de que... o Araújo Castro era um homem de tal qualidade, de tal... e, evidente, não era um comunista, nunca foi, de modo que penalizá-lo era quase impossível. Então a escolha de mandá-lo como embaixador em

Lima, depois Atenas, foi uma maneira de preservá-lo. O Itamaraty sempre teve grande hesitação nesses processos de autopunição. Quer dizer, caça às bruxas tem de ser feita com vassouras externas. Nós não conseguimos fazer. O Antonio Houaiss foi vitimizado porque ele já vinha de um processo anterior. Isso é uma outra história. E nós todos, que trabalhávamos naquilo, ficamos objeto de uma certa suspeita de que tínhamos simpatias com a causa esquerdista; mas não sofremos nenhuma sanção. Apenas, eu sou mandado para o México, exatamente, um pouco pelo meu envolvimento com toda essa negociação, onde estava o embaixador Pio Corrêa, que era uma pessoa inteiramente ligada... e que, de certa maneira, exerceria sobre mim uma certa supervisão, para que certos pecados da mocidade não prosperassem. Então havia essa... O Itamaraty não tem essa coisa sanguinária, ideológica, doutrinária. E dois, porque, num certo momento da transição, um homem extraordinário, que era o embaixador Vasco Leitão da Cunha, atua para moderar.

M.S. – Como moderador.

M. A. – Todos atuam como moderadores. Quer dizer, a idéia de que não deveria haver uma... E dois, também porque o sentimento nacional em matéria e a causa das colônias portuguesas também está muito dividido. Quer dizer, não havia brasileiro lúcido que não se desse conta de que aquilo era uma coisa terminal, que não havia como sustentar; embora Portugal defendesse, *não, nós não somos racistas. A colônia é diferente...*” Aquelas coisas. Mas houve essa... Então não houve uma... Houve uma ou duas comissões de inquérito com Jaime de Azevedo Rodrigues, mas mais por questões que o Jaime, que era uma pessoa de grande... de grande desenvoltura pessoal, faz uma pequena marcha contra o golpe: vindo de uma reunião no Hotel Glória, se nega ... Em suma, há, no caso dele, uma insubordinação. Antonio Houaiss é apanhado porque ele... já era a segunda vez que apanhavam. Mas João Cabral de Mello Neto, que foi vítima na primeira, não é na segunda. Em suma, não há uma espécie de... de extermínio. O que há é uma sensação... Você sabe que nesses momentos, a sensação de que você está na mira, no alvo, é suficiente para intimidar. Quer dizer, o poder não precisa fazer grande gesticulação não.

M.S. – Embaixador, nesse período imediato pós o golpe, tem gestões em Brasília para *track* brasileiros esquerdistas que tivessem porventura saído do país? Porque afinal de contas o México, à época, era um destino preferencial.

M. A. – É verdade. É verdade. Há. Havia. Sobretudo através das adidanças militares. O poder militar nunca confiou no Itamaraty para fazer isto. Eles suspeitavam que em nós haveria ou uma certa simpatia ou, minimamente, um certo pudor ético de fazer certas coisas. Eu no México, eu tinha vários amigos que chegaram asilados, e minha relação com eles continuou fluida, pessoal. Quer dizer, sem uma provocação clara, mas... Aonde eu tive de fazer um processo mais complicado foi em Cuba. Porque... Energia nuclear... Nós estamos saindo para toda uma outra... Não, não...

M.S. – Está excelente, embaixador. Por favor, continuemos assim.

M. A. – Nós fomos para... Eu fui mandado para Cuba a primeira vez porque, na medida em que países sul-americanos foram rompendo relações com Cuba, o Brasil foi acumulando a responsabilidade por outras embaixadas. Então, a primeira vez que eu fui lá, as duas primeiras ou três vezes, eu ia... o Brasil com relações normais com Cuba, mais cinco ou seis outros países tinham entregue ao Brasil cuidar dos seus interesses, entre os quais interesses havia dezenas, centenas de asilados. Então eu ia com imensa quantidade de alimentos, remédios, num daqueles aviões da Cubana Aviación ou da AeroMexico, levando mantimentos. Então o Brasil era um grande vetor de assistência a esses asilados. Portanto, nós tínhamos uma comunidade, num certo momento, quase milhares de pessoas em cada uma dessas embaixadas, foram se acumulando. Isso, depois, vai me causar uma grande encrenca na minha vida, que a primeira vez que eu fui nomeado chefe da Divisão das Nações Unidas pelo Silveira, ele me chama e diz: “olha aqui, Marcos. Eu estou com um problema, que o SNI não libera o seu nome, alegando que você é um guerrilheiro conhecido, uma pessoa que tinha com Cuba relações mais intensas, freqüentador muito assíduo num momento... Portanto, você está com uma situação muito complicada. E aí? O que é que?...”. Ele perplexo. Eu disse: Embaixador. A única coisa que eu posso explicar é durante muitos meses, mais de um ano, eu ia com uma grande freqüência a Cuba para socorrer aqueles... E depois, quando o Brasil por sua vez rompe relações, eu deixei de ir, porque não tínhamos mais como fazer. Mas durante muitos anos eu era uma espécie de mensageiro. E aquilo tudo tem, de volta, cartas... Há todo um aspecto humanitário. Então eu, durante meses, fiquei sem uma designação para chefiar porque, nos registros do SNI, eu era uma pessoa treinada, especificamente, em certos campos. Então voltando.

M.S. – Mas isso depois foi revertido pelo Silveira?

M. A. – Pelo Silveira. Pelo Silveira com então amigos deles. Porque o próprio Silveira, você se lembra, quando... É difícil explicar a vocês como era uma situação mais

perigosa do que hoje é. Então nós tínhamos essa coisa. Os adidos militares, eles ampliaram a presença dessas adidorias, é que faziam um processo de levantamento com alguns diplomatas ligados especificamente ao nosso serviço de inteligência interno, que tinham... eram escolhidos já por que tinham certas afinidades de convicção e de ideologia.

M.S. – O senhor lembra de alguns nomes?

M. A. – Eu preferia... (ri) Não sei.

M.S. – Se prefere não dizê-lo... São pessoas que ainda estão...

M. A. – É, estão vivas. (ri)

M.S. – Estão vivas e circulam por aí.

M. A. – É. Mas havia sempre esses nomes, pessoas que eram... Eu não quero acusá-los de nada, degra... Mas eram simpatizantes, estavam ligados à idéia do movimento de 64 e viam nisso uma... uma certa proibidade, uma certa virtude; achavam que o Brasil tinha sido salvo. Eu devo confessar uma coisa a você. Ninguém foi muito a favor do Jango no fim. Inclusive eu. O Jango, no fim, era de tal maneira um regime falido, terminal, que não havia... O que se esperava, e era a esperança de todos, é de que aquela intervenção militar fosse fugaz, fosse remedial, e que meses depois o Brasil retornasse... A idéia que o Juscelino voltaria em 65... Havia todo um encadeamento. O que surpreende na história do Brasil, muito, é que, de 64, aquilo gera, vamos dizer uma... um ciclo...

M.S. – Vinte anos.

M. A. – Vinte anos. Que eram impossíveis de prever. E sobretudo porque há um agravamento gradual. Em 64 há uma percepção que Castello Branco, Bulhões, Roberto Campos estão fazendo uma tarefa, de fato, de saneamento de uma situação intolerável, para depois... O que rompe a relação de tolerância com o regime de exceção é o AI-5. O AI-5 acaba. Quando o AI-5 é proclamado, todos nós nos damos conta de que tinha havido uma desconstrução da democracia, e que talvez, irreversível. A impressão que tinha é que aquilo era uma demolição. Como hoje em Port Prince. Debaixo daqueles prédios, só podia haver cadáveres, não havia mais nada. Foi-se... Eu que ouvi o AI-5 sendo lido na televisão, era uma sensação de... você via a demolição gradual de todas as instituições que tinham sido aquelas de um estado de direito. Então é isso. Os adidos militares tinham *essa* função. Eles não tinham tanto uma função de coleta de dados. O Brasil nunca foi um ator estratégico a esse ponto. Era subinformação de... Mas isso era mais presente em... depois, em Buenos Aires, será mais. No México também.

M.S. – Embaixador, como se dá a sua volta do México para o Brasil? O senhor fica um período curto no Brasil, de dois anos, antes de partir para Londres. Como é a seqüência dos convites?

M. A. – Aí eu volto do México porque foi assinado o Tratado de Tiatelolco. Foi concluído o tratado. O Brasil assina, como você sabe, sem assinar os dois protocolos, um e dois; portanto, criando uma situação... De novo, o Brasil encontrando um nicho específico dele, um perfil próprio. E, com aquilo, a minha tarefa lá no México estava esgotada, que era levar aquilo... Eu era assessor então de um grande homem, de um grande brasileiro, que era o nosso negociador (), que era o embaixador José Sette Câmara. Sette Câmara era o nosso negociador. E que depois acaba, também ele, perseguido. Ele era diretor do *Jornal do Brasil*... Mas de qualquer maneira, eu e o Sette trabalhamos muito próximos. Volto para o Brasil. E eu, naquele momento, tinha um desejo grande, que era fazer um mestrado. E eu queria ir para o consulado do Brasil em Boston. Primeiro porque era uma situação política. Era complicado. Um consulado tira você desse jogo todo, você não se chateia, você vai... Quando... Isso é anedótico. Eu vou contar. Eu fui mandado pelo então ministro...Acho que era o Magalhães Pinto. Disse assim: “Vá à casa do Sérgio Corrêa da Costa, porque o Oswaldo Aranha morreu e o velório vai ser em casa dele.” Então eu fui à casa do Oswaldo Aranha, que era num alto, em Laranjeiras, acima do Palácio Laranjeiras. Porque naquele tempo havia velórios em casa. Estava o Oswaldo Aranha morto, *enterrado*, na sala, e o Sergio Corrêa da Costa me diz: “Eu gostaria muito que você fosse para Londres comigo.” E eu me lembro, aquela situação curiosa, velório... (risos) Eu digo: “Olha embaixador, com muito prazer. Pode contar comigo.” Eu estava pensando... poxa... Ele disse: “Não. Mas você... lá tem universidades também...” Então foi ainda com o Sérgio Corrêa da Costa, que era um homem extraordinário. Era uma pessoa que tendo tido uma... uma posição sempre muito importante, tinha uma capacidade de autonomia, de integridade, e era muito amigo, ligado a dois sujeitos que representam o Itamaraty mais progressista, que são o Ítalo Zappa e o Ovídio de Mello.

M.S. – Qual era a relação dele com o Ítalo Zappa?

M. A. – O Ítalo era...era o assessor... assessores, pessoas próximas. E o Ovídio, também, foi assessor mais direto e próximo dele. De modo que havia...

M.S. – Chegou a ser cônsul depois.

M. A. – Chagou a cônsul depois. Diziam até que o Sérgio Corrêa da Costa tocava de *ovídio*, em vez de tocar... (risos) Quer dizer, são frases, que refletem um pouco a idéia

de que ele tinha uma influência excessiva. (ri) Então a idéia de que esse período meu de Brasil não é um período... Na Divisão das Nações Unidas. Em que nós tínhamos então uma política inteiramente discreta. O Brasil deixa de se candidatar ao Conselho de Segurança, porque era uma situação... primeiro, não ser eleito, e dois, se for eleito, ser colocado em posição de voto, de difícil resolução. Então eu passei dois anos e pouco, que era o mínimo que eu podia ficar. O ambiente brasileiro naquele momento não era o ambiente mais agradável. E fui para Londres com o Sérgio Corrêa da Costa.

M.S. – Embaixador, antes de chegar a Londres. O senhor poderia explicar um pouco melhor a decisão brasileira de não se candidatar mais ao Conselho de Segurança? Um dos argumentos, na literatura diz que isso é motivado pelo TNP, que a assinatura do TNP termina ofendendo o Brasil, como se fosse em 1926, com a Ásia, e o Brasil decide fechar a porta, e fica fora do Conselho durante vinte anos. Somente volta na Nova República. Isso faz sentido, essa linha interpretativa?

M. A. – Não, não. O TNP não foi visto com... Primeiro, o Brasil não foi signatário. Dois. Era um constrangimento, mas não era... o TNP não era objeto de negociações no Conselho de Segurança. Foi a percepção de que o mundo se movia em direção... Dois. Continuava o problema das colônias. A palavra...eu quase que volto a dizer, territórios ultramarinos. (risos) Sabe que certas coisas ficam. Depois de você falar muito tempo territórios... Havia a idéia de que nós teríamos dificuldade em nos eleger. E que, se fôssemos eleitos, ia reavivar uma situação que, fora do Conselho, era fácil administrar, no Conselho, você é obrigado a votar de maneira clara, em situações muito difíceis, que você não queria, de certa maneira, ter de assumir. Então, é uma percepção de que não éramos bem-vindos, de que não nos convinha estar e de que um perfil baixo era o melhor que nós podíamos ter naquele momento. Em suma, comparado com a política de hoje, que é de um Brasil imensamente protagonista, ativo, era um raciocínio... *aqui não, não se metam em nada, porque, no momento, nós estamos tão vulneráveis em área de direitos humanos...* Começam a surgir no mundo idéias com as quais nós não estamos em sintonia: meio ambiente, direitos humanos, descolonização, terceiras vias, Unctad, movimento não-alinhados, tudo isso sugeria um mundo em que o Brasil não era mais um sócio natural. A percepção era essa. Então não houve... Não era uma decisão tão categórica. Apenas, a cada vez... *ah... Olha aqui. Melhor estar fora disso.* E nós, que ... achamos que, de fato, ir para fazer um papelão, era melhor não estar; para fazer votos que depois nos

embaraçassem, nos constrangessem, então era preferível você ter um perfil mais baixo, em lugar de ter votos que, explicitamente, fossem constrangedores.

M.S. – Dando um pulo breve para o futuro, e depois voltamos a Londres. Quando o senhor trabalha com o Silveira em Nações Unidas, em 77, vocês não chegaram na possibilidade de voltar? Porque afinal de contas o Silveira era um ativista e tentou dar um perfil muito mais protagônico ao Brasil do que o governo do general Médici, por exemplo, que já foi bastante mais assertivo e ativista do que Costa e Silva e do que Castello Branco.

M. A. – É. É verdade.

M.S. – Ou isso não fazia parte da agenda de fato? (Mais um café?)

M. A. – Quero. Deixa eu pensar um pouquinho para ver como é que te respondo a isso. Como é que... Eu tenho *flashback* agora, uma certa distância. Naquele tempo, o Silveira acha que a única área em que ele pode operar... Embora Felipe Lampreia era mais próximo do Silveira que eu. Mas ambos muito ligados a ele. O Silveira acha que a área em que ele pode operar de fato bem é a área das negociações comerciais internacionais, é a Unctad, é o G-77. É a idéia de colocar o Brasil num terreno neutro da economia e do comércio. Então...O Conselho de Segurança era a epítome do mundo internacional político, onde nós não estávamos confortáveis. E então ele transfere tudo isso para o mundo das negociações internacionais comerciais, em que nós estamos confortáveis. Aí nós estamos, podemos reivindicar, sem bater de frente com o poder militar. Em suma, ele encontra uma saída. Então o Silveira se faz um unctadiano, uma pessoa de grande... de grande protagonismo no G-77.

M.S. – Nessa área limitada.

M. A. – Mas nessa área limitada. E mesmo assim, quando ele volta, designado secretário-geral, ele não consegue assumir.

M.S. – Claro. E vai para Buenos Aires.

M. A. – Vai para Buenos Aires. Então... É onde...Aí eu vou...

M.S. – E depois o senhor vai, em 72.

M. A. – Eu vou atrás, é. Eu tenho uma tendência, você vê...(ri) a me meter em encrencas um pouco assim. É porque o Silveira, foi uma coisa tão surpreendente... aquilo

foi, talvez, dos momentos mais claros de intervenção do estamento militar, de inteligência militar no processo de...

M.S. – Ao barrar a nomeação do Silveira.

M. A. – Ao barrar a nomeação dele. Que depois o Geisel resgata. Então...São... Os jogos, se você não morrer, dá tempo para ganhar o jogo depois do problema. (risos) O problema é a morte, é que acaba o jogo. Fora disso... Então havia essa idéia de... Mas o TNP não. O TNP não representa uma razão, porque o TNP nunca foi debatido no Conselho, onde estavam, com poder de veto, a China e a Rússia, que não são membros do... não eram membros do TNP. Tanto que não foi isso. Foi a idéia de que aquilo nos levaria, em situações que nós não controlávamos, a emitir votos para assuntos que não nos interessavam. A palavra essencial era essa. Olha aqui. O Brasil, em outras foros, pode entrar, sair, votar, se abster, sair da sala, mas no Conselho não há essa figura. O Conselho, você está contra a parede, com uma grande visibilidade, e é obrigado ou a votar de uma maneira embaraçosa, constrangedora ou a ter de... Houve a percepção de que não convinha o Brasil star. A ausência...Não nos querem muito; mas sobretudo nós queremos menos ainda.

M.S. – Perfeito. Voltando a Londres, embaixador. O senhor chega em 69, que é o ano onde explodem as revoluções globais, seja em Berkeley, em Washington, em Londres, em Paris, em Praga, em Berlim e na China. E no Brasil tem 68. Como é a situação da embaixada em Londres? Qual era a sua tarefa, o que o senhor fazia lá?

M. A. – Eu fazia, sobretudo, a área de imprensa e assessoramento político. As duas coisas.

M.S. – Área de imprensa era o quê? Defender a ditadura?

M. A. – É. Se você... De certa maneira, era. Mas como o Sérgio Corrêa da Costa tinha um perfil muito próprio, era ao mesmo tempo defender e ter um efeito emoliente sobre ela. Era fazer um jogo duplo de... de defesa do Estado brasileiro em todas as suas manifestações mas, ao mesmo tempo, através de comunicações a Brasília e através de todo um processo de interlocução, sugerir caminhos de acomodação. Olha aqui. Vamos trabalhar melhor com o pessoal. Vamos trazer mais jornalistas ingleses para virem ao Brasil. Vamos criar uma coisa mais fácil com a BBC. O Sérgio Corrêa da Costa era um homem muito convencido da sua...(causa). Estava lá comigo nessa época o Celso Amorim, que era meu colega. Mas... Era uma embaixada muito voltada para, ao mesmo

tempo, de boa-fé e disciplinadamente refletir o que o Brasil era, mas influenciar o Brasil sobre o que é que o mundo estava se tornando. E era evidente que um ciclo estava se esgotando. Quer dizer, todo aquele ciclo eisenhoweriano pós segunda guerra mundial estava chegando ao fim. Havia uma revolução de costumes, de valores, e era possível transmitir isso para o Brasil. E dois, havia também, na área em que eu operava, a possibilidade de uma aproximação com exilados brasileiros. Naquele tempo, Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque. Havia um grande...

M.S. – A embaixada tinha contato com eles?

M. A. – Tinha. Sem dúvida. Não tão explícitos como... Mas havia uma relação muito... Porque nesse momento, a partir dessa época, começa a haver a ruína do sistema militar. Claramente. Começa a haver aquelas brechas de... Eu disse a você, o AI-5 é que faz o divisor de águas. Então começa a haver... Isso não é mérito meu. Era o Sérgio Corrêa da Costa, que era um homem de grande coragem pessoal, e também muito ligado a uma idéia de uma política brasileira... ele era genro do Oswaldo Aranha... Ele tinha também uma reputa... Não esqueça você que, nesse período todo, cada um de nós tinha uma espécie de reputação a zelar. Uma coisa é cumprir ordens, outra coisa é cumpri-las com açodamento, com... Você tem maneiras de fazer, protegendo de certa maneira a sua...

M.S. – A sua biografia.

M.S. - Sua biografia. E o Sérgio, muito claramente, era... era assim. Então nós tínhamos, então, em Londres uma... E eu trabalhava com Sérgio em imprensa, na área política e um pouquinho na área cultural. Mas essencialmente era ir a programas de televisão, conversar com jornalistas. Eu fiz várias visitas com grupos de jornalistas que vinham aqui, ingleses, e isso tinha efeito duplo. Eles qualificavam um pouco a visão do Brasil e por outro lado o Brasil, ao ter contato com eles, tinha de se repensar também um pouco. A idéia da... Porque a máxima do militarismo, a idéia era a compartimentalização, era a fortaleza Brasil, fechada.

M.S. – O senhor conseguiu fazer o seu mestrado?

M. A. – Não. Não. Eu acabo sempre, eu acabo sempre envolvido nessas coisas, muito relação com o próprio chefe da missão, e aí... *não, fica para depois, Marcos, o importante é... agora, você está envolvido nisso, nós estamos nessa...* O Celso sim. Mas não eu.

M.S. – O que o Celso fazia à época na embaixada?

M. A. – Celso fazia a área econômica e a área cultural também. E estava fazendo o mestrado dele na London School of Economics. Mas ele era menos ligado ao Sérgio do que eu. Quer dizer, eu sempre criei...

M.S. – Claro. O senhor era mais () também.

M. A. – Nós tínhamos sempre uma relação mais próxima de contato. De modo que foi um período bom. Que vai... vai... coincide com os anos... Uma das perversidades da história é que o *milagre econômico* brasileiro, a Copa do Mundo de 70 e uma situação de euforia nacional – comparável, em certa maneira, à que há hoje, apenas numa dimensão... – gerou uma espécie de dificuldade de oposição, porque os deuses estavam sorrindo. Uma das coisas que a gente nota quando a gente vive muito tempo é que há momentos em que as coisas dão certo para os *bad guys*, de uma maneira que parece que os *good guys* não terão mais vez. Mas é circunstancial. É que nos gera uma... O Brasil estava numa fase de... Não é o crescimento de cinco por cento de hoje. Era quatorze, doze. Era uma espécie de sensação de... como nos anos Juscelino, de que nós estávamos chegando lá.

M.S. – Anos de ouro.

M. A. – Anos de ouro. Uma outra coisa.

M.S. – Não de chumbo.

M. A. – Não. Uma sensação, vista apenas sob a lente da economia, que era uma coisa extraordinária.

M.S. – Como se dá a sua ida para a Argentina, agora com Silveira embaixador em Buenos Aires?

M. A. - Eu tenho... Há um momento que tentam me mandar para o consulado geral em Buenos Aires. Mas eu digo, “olha, o consulado geral em Buenos Aires eu não aceitarei”. E o Silveira, com quem eu tenho contato nesse período, concorda em me receber numa...

M.S. – Na embaixada.

M. A. – Na embaixada.

M.S. – Tem contato por quê? Como? Quando foi o primeiro encontro?

M. A. – Deixa eu me lembrar quando foi exatamente. Eu já conhecia o Silveira de encarnações anteriores. Foi quando... Eu não me lembro. É possível fazer uma pausa, suspender, se continuar?...

M.S. – Sim, claro.

M. A. – E eu vou dizer quando foi. Silveira me convida, aceito para ser, e vou para a embaixada. E passei a ser lá a pessoa encarregada do setor político da embaixada. E aí eu vivi uma das experiências mais difíceis da minha vida, que foi a Argentina no seu pior momento. É aquela guerra suja no seu momento de paroxismo, em que nós temos uma sensação de insegurança pessoal muito grande...

M.S. – Mesmo em 72, 73? Volta do Perón, não é?

M. A. – 73. É. Volta do Perón. É. A volta do Perón foi uma coisa de uma ferocidade... Uma das experiências que eu lembro com clareza foi a delegação brasileira que fora para as festas da posse, toda vestida de casaca, condecorações todas, que não conseguiu, saiu (sair?) da embaixada, pelo tiroteio que era. Quer dizer, a sensação de você... seqüestros de um lado, assassinatos de outro, Escola de Mecânica da Armada... Foi um período de grande turbulência na vida argentina e de muito más vibrações. E o Silveira nesse momento, e eu, muito ligado a ele nisso, as negociações sobre Itaipu. O grande problema que me ocupava na Argentina era o problema dos recursos naturais compartilhados.

M.S. – Embaixador, o Silveira substitui, em Buenos Aires, o seu antigo chefe, Pio Corrêa, e a orientação que ele dá à embaixada é quase que oposta à do Pio Corrêa, que era um sujeito conciliador. O Silveira é duro com a Argentina, de uma maneira que era inédita na história. De onde vem essa leitura? A capacidade do Silveira perceber em determinado momento que o equilíbrio de poder já havia sido quebrado a favor do Brasil?

M. A. – Primeiro, a inteligência do Silveira, que é extraordinária. A intuição. Silveira é um intuitivo extraordinário. Primeiro, o Pio Corrêa tinha com os militares antigos uma relação de afinidades de cavalaria. Bons cavalos. O Pio vem de um mundo militar, foi oficial da reserva. Tem grande afinidade com aqueles valores... Não estou falando de valores de tortura, nada. Apenas os valores de *los hombres a caballo*. O Silveira chega e se dá conta de que atrás daquele debate sobre aproveitamento das águas do rio Paraná, o que havia era um designo argentino de impedir que o Brasil efetivasse, o que hoje é evidente, a disparidade do seu poder econômico. Então, o Silveira se dá conta que... Você se lembra que havia duas grandes idéias. Do nosso lado, é que um país não podia fazer nada num rio comum sem...

M.S. – Consultar.

M. A. – Sem con... Não. Sem causar prejuízo sensível. E eles queriam otimização dos recursos e consultas prévias. Otimização queria dizer, o rio era criado como uma escada, em que os degraus, os aproveitamentos bateriam o embalce de um na base do muro do outro. Então seria: Itaipu lá em cima, depois Jaciretã, e a terceira, que era Corpus. Eram três. A idéia argentina era condicionar... E o Silveira se deu conta que, primeiro, não iam construir isto, e dois, que o Brasil ficava com uma espécie de dependência eterna da *bienveillance*, da disposição argentina. Então o Silveira trabalha exclusivamente sobre a base do prejuízo sensível. Quer dizer, você não pode causar, estando a montante, prejuízo sensível a quem está a jusante. Então, esse era o grande *issue*, a grande causa. E com isso aí tem toda uma technicalidade, que vem de: quantas turbinas, qual é a vazão máxima, vazão mínima, vazão assegurada em casos de seca. Em outras palavras, a idéia argentina, retórica, é de que o Brasil pretendia de certa maneira... havia duas hipóteses: ou o Brasil inundava a Argentina ou o Brasil secava a Argentina. As duas hipóteses eram... você agiria de uma maneira malévola para... (fazer). Então meu trabalho muito foi ligado à política interna argentina, ao fim dos anos Lanusse, a preparação da chegada do Perón, a crise, e depois, aquele período de turbulência que é: Perón, depois o Campora e depois a Isabelita. Que foi uma situação de caos de tal ordem, de tal desordem... Quando o Silveira é chamado pelo Geisel para... E é um dessas... *reversals* de expectativas, de um embaixador que chega a Buenos Aires vetado pelo governo militar, que não lhe dava a Secretaria Geral, a um embaixador que sai de Buenos Aires convidado, por um outro general, para ministro das Relações Exteriores. Quer dizer, é uma dessas situações, não é, extraordinárias de... Nesse mesmo período, quando o Silveira saiu...

[Interrupção da gravação]

M. A. – (.....) o embaixador Carlos Silvestre de Ouro Preto era um dos que dizia, “o Silveira trouxe a República ao Itamaraty”. Porque inclusive, uma coisa que... É uma digressão. Quase todos os quadros do Itamaraty eram de pessoas do Império. Não havia virtualmente ninguém... No Itamaraty daquela época, Deodoro e Floriano eram vistos como dois generais golpistas. Quer dizer, a idéia de que a grande linhagem do direito brasileiro na diplomacia foi imperial, que aquilo foi uma espécie de... (risos) de quase... É um lugar curioso. (ri)

M.S. – Claro. Totalmente. (ri)

M. A. – Não começou ainda não, não é?

M.S. – Começamos agora. Estamos em...

M.S. – Estamos então em Buenos Aires nesse período. O caos estabelecido, o Silveira volta ao Brasil, convidado pelo Geisel. E sempre aquela suspeita de que, de novo, ia dar uma grande dificuldade, que talvez ele... E ele vai, com a inteligência dele, seduz o Geisel, que não o conhecia, a não ser de uma maneira muito superficial, e... volta. E eu sou convidado pelo embaixador Souza e Silva... hoje embaixador, que morreu já, Souza e Silva, para vir chefiar a Divisão das Nações Unidas. Onde entra, enquadra aquela história que eu te contei, que é: o Silveira volta, eu volto dois meses depois, e sou vetado – por ser uma pessoa suspeita. Então venho chefiar a Divisão das Nações Unidas. E que o... acima dela havia a Divisão... Departamento de Organismos Internacionais, cujo chefe era o embaixador, hoje embaixador João Clemente Baiana Soares. Então ficamos uma outra... configura-se de uma outra... E secretário-geral o embaixador Ramiro Saraiva Guerreiro. Então era... a *order*, a *pecking order*, se quiser, era Silveira, Guerreiro, Baiana, e nível de divisão, eu, com a Divisão das Nações Unidas. Essa é a volta ao Brasil. Mas aí um Brasil que já começa claramente, com Geisel, a mudar. Aí é uma outra situação. Começa a haver a idéia de que há luz no fim do túnel, de que o Brasil vai sair... Embora o Geisel tenha tido decisões, em matéria de política econômica, muito desacertadas, que ele põe o pé no acelerador quando não há mais condições de. Inclusive, em matéria de política nuclear, a idéia de que aquele acordo de 75...

M.S. – Vamos falar disso um pouco, embaixador. Em 73 o Brasil tem um problema com a Westinghouse e há um fracasso na idéia de haver cooperação com os Estados Unidos. Logo em seguida, o Silveira, já ministro, viaja à França e tenta com os franceses, e não dá certo. Não há transferência de tecnologia. E finalmente com a Alemanha. Como é esse processo?

M. A. – O Angra I, que é a... tem todas as dificuldades que você possa imaginar. Parte, primeiro, de que nós não tínhamos, nós, um sistema de controle eficaz nem o conhecimento técnico para ver falhas de modelo, falhas de sistema, falhas operacionais. Em outras palavras, há a Westinghouse com um mau projeto, e nós sem condições de medir a que ponto o projeto não é bom e como corrigi-lo. Então há uma espécie... Então a idéia de criar mais fontes de suprimento. E o Brasil tem uma tendência, um tropismo em direção à França como um transmissor mais generoso de tecnologia, como agora estamos vivendo, de novo, a mesma situação. E naquele momento a idéia brasileira é de Brasil potência. Há uma subestimação da nossa capacidade de energia elétrica, que estaria se esgotando, petróleo não haveria ou não seria... coisa, e, portanto, uma grande esperança

de que energia nuclear haveria. E há um trinômio de pessoas muito interessadas nisso: o presidente Geisel, o Shigeaki Ueki e o Paulo Nogueira Batista. São as três pessoas que são intervenientes nisso. Os três acham que há um espaço a fazer. E o Paulo Nogueira Batista, que tinha uma idéia grandiosa do Brasil no que ela tem de positivo e no que ela tem de perigoso, considera e propõe e recomenda e consegue assinar com a Alemanha um acordo, em 75, tão grandioso, tão grandiloquente – oito ou nove usinas nucleares, e, sobretudo, o fornecimento de... enriquecimento de urânio enriquecido através de uma tecnologia não provada, então e agora, que era o que eles chamavam *jet nozzle*, que era uma tecnologia que não é nem difusão gasosa nem ultracentrifugação. Então há uma... E isso gera inicialmente, com o Brasil grande, o Brasil potência, uma imensa sensação de autoconfiança e tudo. Todos erraram. O Brasil, na sua... sobredimensionamento das suas possibilidades, a Alemanha, na sua capacidade de agir autonomamente, sem o controle dos Estados Unidos, e os Estados Unidos, que no começo não se dá conta que aquilo tinha um valor maior. Depois, há uma reversão de expectativas. E o que nós vivemos hoje, ainda é, de certa maneira... quando eu vejo que para Angra III vão tirar todo aquele equipamento da Siemens, KW1000 e tal, lá nas prateleiras... De modo que é uma tentativa brasileira de fazer um *great leap forward*. A idéia atrás daquilo era que o Brasil queimaria etapas. O Brasil naquela época tinha uma idéia de desenvolvimento, não é como nós temos hoje, a idéia de cumulativo, não, havia a idéia de grandes saltos possíveis. Um pouco à maneira maoísta. Embora...

M.S. – Claro. De decolagens.

M. A. – Decolagem. Você ia *take off*. A palavra, inclusive, era *take off*. A idéia de que você decolaria em outras direções. Então houve esse momento extraordinário, com gastos que hoje não teriam sido tolerados, pela falta de controle deles... Eu não estou dizendo nenhuma ilegalidade, nenhum roubo, não. Apenas, foi uma coisa de imenso... Era uma caixa preta. E, mesmo com o projeto alemão, não havia nenhuma transferência real de tecnologia presumida.

M.S. – Qual era o papel do Itamaraty nisto?

M. A. – O Itamaraty não. Foi o Paulo Nogueira Batista. O Paulo, de certa maneira, chamou a ele esse assunto; criou, com a... como é que chamava-se a coisa? Não era a Cnen, não. Era...

L. N. – Nuclebras.

M. A. – Nuclebras. Criou escritórios próprios. Ele tirou isso de dentro do Itamaraty e levou com ele para aquela sede dele.

M.S. – Como é que Silveira lidava com isso?

M. A. – Silveira não era contrário à idéia. O Silveira era um grande nacionalista. Silveira era um grande patriota. Toda vez que no Brasil há a sugestão de que você pode, finalmente, chegar lá, nós aderimos todos, mesmo quando a nossa prudência sugere que não é bem aquilo. Em suma, há um entusiasmo nacional que nos carrega a todos. E se você faz muitas reservas dá a impressão que você desconfia, não do projeto, mas do Brasil. *Olha aqui. O senhor não acredita no Brasil, não acha que o Brasil vai...* Há sempre uma idéia de que na sua hesitação e relutância há uma falta de confiança na própria empresa que é o Brasil. Então o Silveira... E o Silveira tinha com o Paulo Nogueira Batista, que era um homem de grande capacidade de sedução e de convencimento, uma relação; e o Geisel, sobretudo, que era um dos sujeitos mais autoritários que o Brasil já teve. O Geisel era uma pessoa que tinha... Foi, de fato, o único chefe militar da revolução. Os outros todos não eram. Eram pessoas... O Castello Branco era uma pessoa... Costa e Silva era um *bonhomme*, uma pessoa... O Médici, acho que ele nunca ouve. O Médici, eu tenho a impressão que é uma espécie de mistério, ele é... aquele radinho, aquele negócio... Quer dizer, ele, aconteciam coisas terríveis em volta dele, mas ele dava a impressão que nem sabia nem se interessava. Era uma pessoa obscura. E o Geisel é que é a pessoa que encarna o espírito do golpe de 31 de março. É o homem que encarna uma vontade de poder organizada, um certa... como dizia o general De Gaulle, *il avait une certaine idée du Brésil*. Ele tinha uma idéia do Brasil, que era uma idéia que se provou muito errada em muita coisa, mas que era uma idéia em que a grandeza estava embutida. Ele tinha uma grande... Então, voltando a isso. O Paulo Nogueira Batista retira a coisa, pela Nuclebras, do Itamaraty, cria uma relação direta entre ele e os alemães, onde ele tinha sido ministro conselheiro...(?), e vai-se criando a idéia de que o Brasil... Aí uma série de coisas acontecem. Choque do petróleo um, choque do petróleo dois, perda... Nós estamos chegando ao fim do ciclo do *milagre*. Então aquilo nasce no momento em que o Brasil não tem mais oxigênio. Então aquilo passa a ser uma despesa extraordinária. Há, no caminho de Itajaí, uma coisa da Nucleb, que é uma coisa extraordinária, quer dizer, quando eu vejo aquilo... vasos para reatores ali. É todo uma linguagem, como se o Brasil fosse capaz de dar o *great leap forward*, o grande salto para frente. O que não era... E, sobretudo, nós subestimamos a determinação americana de trabalhar na causa da não

proliferação da tecnologia nuclear e sobretudo do enriquecimento, ciclo completo de enriquecimento de urânio.

M.S. – O senhor diria que o acordo com a Alemanha morreu pela mão dos americanos em Bonn?

M. A. – É, eu creio que foi o... Nós não íamos poder sustentá-lo. Ele teria de ser encolhido. Mas a Alemanha tira o time de campo antes. A Alemanha se dá conta de três coisas: que ela tinha ido além das suas pernas, esqueceu que ela era um país ainda ocupado por tropas americanas, que ela não tinha autonomia de fazer isso, que ela não tinha credibilidade internacional para fazer, que a causa da não-proliferação era muito mais poderosa nos Estados Unidos, que o Brasil tinha perdido seu oxigênio. E o Brasil por sua vez, docemente constrangido, reconheceu que melhor ele ter de negar o pactado – *olha aqui, os senhores é que estão deixando de cumprir*. Quer dizer, foi um colapso. Mas eu creio que a pressão americana... Começam a ser publicados agora os telegramas, as coisas da embaixada americana, que revelam até que ponto eles agiram de uma maneira muito... A idéia nossa nuclear sempre esbarrou numa coisa que o Brasil não acredi... Os Estados Unidos têm em matéria de não-proliferação uma das poucas políticas inteiramente consistente deles. Desde o almirante Álvaro Alberto, da primeira ultracentrífuga, que os Estados Unidos têm uma grande preocupação com quem quer dominar o ciclo completo do enriquecimento. E o Brasil entrou claramente nessa categoria.

M.S. – Embaixador, quando o governo brasileiro decide criar o programa paralelo, em parte para resgatar o esforço perdido, esse programa é um segredo público, não é?

M. A. – É. É, primeiro, porque nós não temos no Brasil os instrumentos para o sigilo. O Brasil é um país que não está dotado das estruturas do segredo. Quer dizer, primeiro, por temperamento nacional, é um país loquaz, comunicador; e dois, porque nessa (época), isso em matéria nuclear, ele tem o desejo de esconder e o desejo de mostrar ao mesmo tempo. É uma espécie de grande volúpia de mostrar. Quer dizer, quando você está com o Rex Nazaré, Rex Nazaré queria falar de ultracentrífugas. Aquilo era o seu prestígio, era o seu *stock and trade*. Ele queria fazer. Dois, todas as coisas que foram feitas tinham uma certa visibilidade excessiva. Iperó, Aramar, Serra do Cachimbo, o que você quiser. Não é fácil fazer um programa nuclear clandestino. Primeiro, porque ele requer instalações de uma certa... gigantismo. Dois, porque como ele toca o orgulho nacional, para você ter apoio, você precisa tocar o seu próprio tambor. Voltando a sua pergunta. Havia no Brasil uma vontade de mostrar... Quase todo país esperto tem um

programa nuclear que ele nega. O Brasil afirmava ter um programa nuclear que ele não tinha. (risos) Nós fazemos a coisa ao contrário, podemos dizer. O objetivo nosso é parecer que nós somos mais perigosos... Então a idéia... Porque o problema nosso nuclear foi que o Brasil sempre teve uma carência essencial, que era de um uso para a sua arma nuclear. Em última análise, arma nuclear contra quem? Mesmo na situação mais grave com a Argentina, nunca se criou uma hipótese nuclear. Nós sermos vítimas, também não era... Então, o problema do Brasil é que a arma nuclear ou () é um símbolo de prestígio, não de poder. Não há utilidade para aquilo. O que há, aquilo é uma espécie de emblema de que você chegou lá, de que você é uma grande potência. Então é muito difícil mobilizar recursos, mobilizar interesses, quando você não consegue criar um cenário de utilização, ativa ou passiva. Olha. Vamos ter isso, porque senão o Equador nos ataca. Vamos fazer isso, senão nós temos aí um problema com o Gabão. Nós não conseguimos, aqui, criar uma modelagem que explique. Então, voltando ao que você disse. Havia uma certa efervescência. E dois, sobretudo, o país nunca conseguiu ter o estamento científico-tecnológico que é necessário para fazer isso. Quer dizer, houve uma opção pelas áreas militares, onde você não tem *know how*. Quer dizer, não havia. Você chega, eles não sabem fazer aquilo. Então... É claro que houve um projeto crescente de ultracentrífugas, que hoje é real, existe, é bom; com aquele problema daquela levitação, que nós queremos, deus sabe até que ponto aquilo...

M.S. – Por que é um problema aquilo?

M. A. – Porque o Brasil não quer que aquilo seja revelado, então...

M.S. – Ah sim, claro. Os tapumes em Resende.

M. A. – É. Que é uma coisa de um... De qualquer maneira... Tudo isso, você não pode... ter cuidado para não cair no ridículo. Uma idéia de você ter um equipamento com o biquíni aqui, protegendo. (risos) Mas a idéia de nós, de fato, temos... Um dos grandes problemas da ultracentrifugação é que ela é imensamente abrasiva, daqueles rolamentos. Quer dizer, então, você criando uma coisa que seja um colchão de ar suspenso, aquilo de certa maneira é importante. Mas não era para... O problema é que o Brasil sempre achou que, na sua renúncia às armas nucleares, ele tinha aberto, pela primeira vez, mão de uma das dimensões da sua grandeza futura, quando a nossa mitologia é de que o Brasil não pode abrir mão do futuro. Quer dizer... Não sei se dei uma resposta...

M.S. – Excelente. Como se dá sua ida para a Divisão de África, em 78? Estamos falando pós caso Angola.

M. A. – Olha. Aí foi já... Não era mais divisão, aí era o departamento África, Ásia e Oceania. Eu dizia que o sol nunca se punha sobre meu departamento. (risos) Eu era muito multilateralista, muito ligado ao Silveira, muito satisfeito da minha vida com o que eu estava fazendo, quando o Ítalo Zappa sai de chefe do Departamento da África.

M.S. – Por que ele sai?

M. A. – Ele sai porque ele tem de ter um outro destino. O Ítalo Zappa, de uma certa maneira, precisava de dinheiro, precisava ganhar algum dinheirinho, ir para fora, para o exterior, cumprir certos prazos para poder ser promovido. O Ítalo acabou como símbolo, que ele virou, de uma espécie de povo, no Itamaraty, que, quando ele queria fazer uma coisa boa, ele não podia fazer porque contraditava. Eu me lembro quando eu, em outra encarnação, como secretário-geral de Administração do Itamaraty, o convidei... Ele me disse: “Olha. Estou querendo sair agora de Havana e estou querendo ir para Washington, porque meu filho está lá em Washington.” Explicação mais simples. OEA, em que ele já tinha estado, o filho, o Flávio, estava lá. Todas as razões. Eu digo: “Ô Ítalo, naturalmente. Washington, você tem todo o perfil.” Aí a pressão na imprensa foi tanta, que ele fosse para Cuba. Ou para Moçambique. Para Moçambique não. Para Moçambique, é. Em suma, o Ítalo não podia escolher o que era bom para ele, porque ele era pressionado, como o símbolo do povo, da...

M.S. – Por que ele virou símbolo, embaixador? Isso é importante para a gente pegar a narrativa desde a independência de Angola em 75 até o seu período à frente do Departamento.

M. A. – O Ítalo Zappa era a figura mesma do Itamaraty não aristocrático. Ele vinha de Barra do Piraí; o pai dele era um imigrante pobre; Zappa, em italiano, quer dizer enxada; ele era o homem da raiz, da base. Muito inteligente, muito articulado, mas foi sendo... não digo excluído, mas naquele grupo de diplomatas (ri) um pouco à maneira do século XVIII, que era o Itamaraty, ele era...

M.S. – *Avis rara*.

M. A. – *Avis rara*. Ele e o Ovídio. Os dois vindos de Barra do Piraí, tinham os dois a idéia de que não vinham de Petrópolis. Era uma outra... um outro ramal.

M.S. – O Zappa não tocava de *ovídio*.

M. A. – Não. O Zappa tinha muita influência também, junto ao Sérgio, mas não era tão próximo ao Sérgio como foi o Ovídio. O Ítalo Zappa era chefe, então, do

Departamento da África. Saiu por necessidades. Sabe que naquele tempo, para você ser promovido, antes, você tinha que cumprir certas exigências fora e dentro do Brasil.

M.S. – Não foi por pressão política pelo imbróglio reconhecimento de Angola.

M. A. – Não, não. Não, não. Aquilo teve um efeito, mas, pelo contrário, aquilo *catchs both ways*. Ele tem um... Mas é um lado... Tem a idéia de que ele apostou (a longo prazo) no cavalo vencedor e.... O Silveira, então, designa para chefe do Departamento da África, Ásia e Oceania um homem de bem, um homem correto, um colega meu chamado Marcelo Raffaelli, que não tinha nenhuma empatia nem com a África nem com o Terceiro Mundo nem com a Ásia; pelo contrário, ele queria voltar atrás. Não a uma posição neocolonial, mas a uma posição muito menos engajada. E o Silveira se dá conta que ele não pode manter o Marcelo Raffaelli lá. Ele me chama, diz: “Olha, Marcos, eu tirei o Ítalo, tinha de sair; mas agora, o Marcelo não dá pé. Marcelo é uma pessoa que tem uma cabeça inteiramente convencional”... Não é nem um idiota nem um... Mas não era nada... “Eu quero que você assuma o Departamento no lugar do Ítalo”.

M.S. – Qual era a sua identidade com a África?

M. A. – Nenhuma. Zero. Nenhuma. Eu só tinha estado na África em missões das Nações Unidas. Eu era um multilateralista. Desarmamento, direito do mar, eu trabalhei muito tempo em recursos naturais compartilhados. Não tinha nada que ver com aquilo. Ele disse: “Não. Você vai.”, porque ele achou que não podia jogar fora a herança que ele tinha acumulado com África, Ásia e Oceania, sobretudo a África, com um chefe que anulasse o que tinha... Então eu fui. De certa maneira o Marcelo foi um breve interregno, e eu de certa maneira substituo o Ítalo, com quem eu tinha muitas afinidades, em muita coisa, e uma divergência fundamental: o Ítalo acreditava sobretudo na importância de grandes investimentos brasileiros na África; e eu achava, naquele tempo, que aquilo era dinheiro jogado fora. Não é a África hoje, capaz de absorver. Era um fundo perdido. Eu dizia, olha aqui, vamos dar todo o apoio mas mais verbal, porque esse dinheiro não volta. Em suma, eu não era uma pessoa cuja sensibilidade e ideologia me levassem a querer financiar a África. Pelo contrário, sobretudo. Então, de certa maneira, foi possível continuar a política africana sem rupturas, e dois, alterando um pouco o ângulo, mantendo no nível das declarações a solidariedade, mas sem comprometer... O Brasil estava fazendo investimentos demais, que eram exportações, financiadas por nós, que o comprador não pagava nunca. Que eu achava um ato insensato.

M.S. – Em determinado momento em 81, o senhor participa de uma comissão mista com a Líbia, que não estava no seu porte-fólio.

M. A. - (ri) Não. Eu estava... Que é a África.

M.S. – O que era essa comissão?

M. A. – Aí foi uma coisa louca. Eu tive um único encontro, que eu tive na minha vida, que eu não sei onde foi. Eu fui com o então ministro de Minas e Energia César Cals para a Líbia, para ver o Kadafi. E ficamos dias num hotel, sem... ninguém dizia quando é que via o homem. O governo autoritário, arbitrário, lunático tem isso, você ganha muito dinheiro, são bons negócios, mas você não sabe... Então ficamos uns dias em Trípoli, esperando alguma coisa do Kadafi. E finalmente nos levaram de avião a um lugar, que eu não sei qual foi, depois, de caminhão, a outro lugar que eu não sei onde foi, e finalmente, no meio da noite, nós chegamos numa grande tenda, onde estava o Kadafi. Quer dizer, eu, torturado, não saberia dizer onde foi que eu encontrei com o Kadafi. Então... A idéia naquele tempo nosso era diversificar as nossas fontes de suprimento de petróleo. O Brasil naquele tempo fez uma aposta muito grande – Geisel – no Oriente Médio. Ele confiava mais no Oriente Médio do que na Venezuela. Não era Venezuela no caso, quer dizer, ele não acreditava no suprimento próximo. Ele achava que se dependêssemos dos vizinhos, podíamos ficar...

M.S. – Fosse Bolívia com gás natural, fosse Venezuela. Uma desconfiança brutal.

M. A. – Completa. Volto àquele meu *leitmotiv* inicial. A idéia, sempre, que a América do Sul era um lugar de cordialidade mas de inconfiabilidades. *Não aposta nessa gente*. Então fomos lá, diversificar. Aí é um jogo. E entra toda uma outra história. Que eu fiz uma série de viagens com o Paulo Tarso para o Iraque, para aplicações da Petrobras no sul, em (Masnune), Líbia, Argélia. O Brasil queria então...

M.S. – Ao Irã não? Ou vocês chegaram a ir também, naquele período?

M. A. – Ao Irã também. Nós queríamos diversificar nossas fontes de suprimento, na presunção de que energia elétrica estava – não se esgotando, mas não seria suficiente, petróleo não haveria, o *offshore* é uma coisa que vem muito depois, e que, portanto, o Brasil tinha de criar fontes. A segurança viria não da auto-suficiência, mas da diversificação de fontes. Então é toda uma... O que explica certas atitudes do Geisel em relação a sionismo e tudo isso. Quer dizer, há uma política deliberada de cortejar os países árabes produtores.

L. N. – Castro Neves, ele falou de uma troca de petróleo por urânio. O senhor participou?

M. A. – Não. Com que país?

L. N. – Com o Iraque.

M. A. – Eu não sei se o Iraque tem muito urânio não, mas... Quer dizer, é possível que sim.

L. N. – Não. O nosso urânio pelo petróleo deles.

M. A. – Ah! (ri) Está certo. A equação era ao contrário. Não, eu não me lembro, não. Não, não, não. Eu trabalhei lá várias vezes, ligado a vários projetos. Uns nos campos do sul, perto de Basram, que era um campo chamado (Masnum), que foi um *windfall*, uma coisa imensa, que acabamos tendo de devolver a eles, tal a dimensão. Era um... Ele morreu ou está doente hoje. O meu negociador era o Tarik Aziz. Depois a Mendes Júnior, com grandes obras de ferrovias, rodovias... Então havia uma grande tentativa. O Iraque... Porque nós sempre achamos que o Irã tinha dono e a Arábia Saudita tinha dono.

M.S. – Quem era o dono do Irã?

M. A. – Era o Estados Unidos e a Inglaterra, que deram o golpe contra o Mossadegh. Quer dizer, a idéia é que...

M.S. – Mas não têm a percepção, em 78, que aquilo é insustentável.

M. A. – Não. Pelo contrário. A idéia de que...

M.S. – Foi uma surpresa. Vocês foram pegos de surpresa.

M. A. – Completa. Pelos iranianos que a gente conhecia, eram pessoas que pareciam...inteiramente ocidentalizados. A idéia de... A própria idéia xiita de aiatolás vem um pouco depois. Quer dizer, a idéia de que fosse uma insânia. Quando o que se conhece do xá e da sua entourage, eram, se você quiser, mimeticamente europeus na maneira de ser, de vestir, de falar. Quer dizer, não, não havia nenhum...Tudo que nós fazíamos com o Iraque era porque parecia ser o que nos sobrava. A Arábia Saudita, quem controlava eram os Estados Unidos, Irã, quem controlava eram os europeus e os Estados Unidos, então o que sobrava era o Iraque. Então o jogo com o Iraque era para conseguir um supridor, onde havia possibilidade de encontrar, e de fato encontramos muito petróleo para eles, mas que não tinha... não era uma *chasse gardée*, não era uma reserva de caça de um país qualquer. De modo que havia uma possibilidade, que nós exploramos. E

também porque os Estados Unidos nos encorajaram muito a isso. Naquele tempo, naquele momento o objetivo era controlar o Irã, que parecia, com a sua revolução, cada vez mais forte e ameaçador. E Iraque era o estado laico, razoável; de certa maneira, o seu Baath era um partido com quem dava para conversar, não era marcado pelo fanatismo, e sobretudo, quem nos empurra um pouco em direção, também a Saddam Hussein, é os Estados Unidos.

T. C. – O nuclear tem espaço nessas conversas? A venda é outra história. Mas falava-se nessas comissões mistas, seja no Iraque ou na Arábia Saudita, na possibilidade de geração de energia e enriquecimento? Isso era abordado?

M. A. – Arábia Saudita não. Mas Iraque sim. Iraque, sempre a idéia de que o Iraque queria diversificar as suas fontes de suprimento. E Irã, não me lembro, não me lembro de termos falado nunca com eles. Porque tudo que se fazia com o Irã fracassava um pouco. Quando chegou perto de dar certo, foi quando Mario Henrique Simonsen e eu fizemos uma viagem a Teerã para estar com o ministro da Economia do Irã, chamado Ansari, de onde vem um memorando chamado Ansari – Simonsen. É um memorando dos dois. Mas meses depois, cai o Ansari, cai a revolução... Quer dizer, o Irã, até hoje, o Brasil nunca fez nada, porque tudo o que a gente faz...

M.S. – Encontra obstáculo.

M. A. – Encontra obstáculo. Ou um morre antes ou... Não é uma relação que tenha... Como até pouco tempo atrás foi com a Índia. Agora corrigiu. Mas há países com que às vezes... há uma caveira de burro, quer dizer, a coisa não anda. Mas havia a idéia de diversificação.

M.S. – Embaixador, quando acaba o governo Geisel e começa o governo Figueiredo, o senhor continua no Departamento, e continua bastante no Departamento. Isso é por gosto pessoal?

M. A. – Foi. Era. Naquele momento a política afro-asiática-brasileira tinha um grande dinamismo. A idéia de que havia uma grande esperança de que certas promessas se cumprissem; e dois, havia, para mim, essa idéia de que eu tinha um espaço tão grande, tanta coisa para fazer e tanta possibilidade... Hoje, o que era o departamento que eu fui diretor geral, hoje são três ou quatro departamentos. África I, Oriente Próximo, Oriente Médio, Ásia I, Ásia II. Quer dizer, era uma coisa de imensa extensão. De modo que eu

fiquei por prazer, por gosto. E só fui sair depois, para ser subsecretário-geral de uma coisa que não prosperou, que era a Subsecretaria Geral de Coordenação e Programas.

M.S. – O que foi essa história, embaixador?

M. A. – Isso é aquelas coisas que o Itamaraty às vezes dá... Uma espécie de... A idéia de que além das áreas geográficas e dos departamentos temáticos, haveria espaço para uma área de coordenação e programas. Você sabe, o que eu vou dizer a você é uma platitudo. Não pode haver coordenação entre iguais, porque os iguais não se coordenam. O coordenador...

M.S. – É coordenação hierárquica.

M. A. – Hierárquica. Tem alguém em cima que é o coordenador, que determina, vamos fazer assim. Se houver uma coordenação puramente paritária, ela não se exerce porque as forças de divergência são maiores que as de convergência, e ninguém quer ceder a autoridade ou poder. Então fiquei meses, semanas, não sei, nesse lugar, em que eu contei com, inicialmente, um pouco com o Gelson Fonseca, depois com Samuel Pinheiro Guimarães; mas nós não conseguíamos operar. Era uma missão impossível. Você não pode coordenar paritaria... Quem coordena tem que dizer assim: vem aqui a minha sala hoje, vamos coordenar, às três da tarde. (risos) Não. Se você deixar o sujeito... apareça... Mas se não houver uma desigualdade hierárquica, isso não existe.

M.S. – E, logo em seguida, então o senhor sai disso para a Subsecretaria Geral de Administração.

M. A. – É. O que também é outra, na minha vida, é uma excentricidade, porque eu não tinha nenhuma tradição de administração. Quando eu fui nomeado, eu liguei para o Silveira, que já estava aposentado, disse: “Olha embaixador, estou ligando para o senhor, que o senhor não vai acreditar. Eu fui escolhido para subsecretário-geral de Administração”, que é a terceira função no Itamaraty. Tem três grandes áreas: pessoal, material e comunicações. E de certa maneira é a víscera do Ministério. Eu digo, “ô embaixador, eu não tenho a menor idéia. O que é que eu faço? Nunca fiz nada disso.” E o Silveira tinha uma voz muito marcante, metálica, disse: “Meu filho. Pense no Brasil e aja com grandeza.” (risos) E eu digo é, o conselho é bom; um pouco genérico, mas eu vou trabalhar com ele. E aí um outro grande especialista em administração, que era o embaixador Dário Castro Alves, eu liguei para ele, disse: “Ô Dário, olha aqui...” Ninguém acreditava que eu fosse () aquilo. Ele disse: “Não. Mas você tenha três

gavetas apenas. Uma chama-se SOTR, a outra, NOTR e a terceira, Lázaro.” Eu digo: “O que é que são?” Ele disse: “olha aqui. A primeira, SOTR, são assuntos que só o tempo resolve. Guarde tudo lá. NOTR, são assuntos que *nem* o tempo resolve. E Lázaro, são assuntos mortos, mas que podem ressuscitar. Você tendo essas três gavetas...” (risos) Então, essencialmente, naquela época, era fazer uma administração que não fosse uma coisa autônoma, mas que fosse... que os recursos fossem para onde os interesses da política externa... Era a idéia de...

M.S. – *Streamline*.

M. A. – *Streamline*. E criar uma idéia de que a administração não existia *in abstractus*, como era no Itamaraty desde o tempo do embaixador Maurício Nabuco, mas que era uma coisa a serviço de uma política externa. Era criar uma funcionalidade maior. E passei um bom período nisso.

T. C. – O programa nuclear, o oficial e o paralelo, em que gaveta eles estariam? Ou, que gavetas eles ocupavam?

M. A. – Na administração, isso aí não, não... Na administração, nenhuma, porque eles não (incluíam) nenhum tipo de gasto. O programa nuclear anterior, vamos dizer o inicial, começa com o almirante Álvaro Alberto tendo o sonho de que traria ao Brasil três ultracentrífugas alemães. E elas são de certa maneira seqüestradas. Uma chega... Em suma, há uma longa história sobre essas ultracentrífugas. Depois nós tínhamos um pequeníssimo núcleo de sabedores. Leite Lopes, o Ervásio de Carvalho, César Lattes. Eu mais ou menos conhecia. Mais tarde virá o Goldemberg, que entende. Mas era um... Não era uma massa crítica, para usar uma palavra de física, suficiente para desenvolver um programa de... Então, o que funciona são dois ou três argonautas, são os reatores de pesquisa, se criam. Nós não tínhamos idéia do urânio que nós tínhamos então. O que nós tínhamos era tório misturado com areias monazíticas, no Espírito Santo sobretudo. E sobre isso cria-se no Brasil... No Brasil, tudo que é meio para ser secreto acaba sendo objeto de uma explosão popular, então, areias monazíticas, era a idéia de que nós estávamos vendendo a... Sabe que o tório que se tira é um tório de baixo... Hoje, se usa muito pouco.

M.S. – Baixíssima qualidade.

M. A. – Baixíssima qualidade. Mas criou-se a idéia de que Augusto Frederico Schmidt e outros estavam vendendo o Brasil. A idéia do vendilhão brasileiro, o

entreguista. Aí surgem várias palavras. Aquilo não prospera. Então o Brasil começa a procurar, de certa maneira, desenvolver um programa nuclear; mas, sem urânio, sem grandes cientistas, sem objetivos claros, ele começa a desviar para o que dava para fazer: isótopos, para a medicina e agricultura... Pouca coisa. Quando há a idéia do programa com a Alemanha, que geraria... Como não funciona e falha, que os recursos eram muito acima da nossa previsão de gastos, você cai então na tentação do programa nuclear paralelo, que vocês conhecem melhor que eu, quer dizer, os gastos que ele representa e o que ele faz. Então o Brasil nunca teve, de fato, uma política nuclear, em investimentos, talentos; e sobretudo, a idéia de fazer tudo isso na área exclusivamente militar, é uma má idéia. A ciência exige você contratar os melhores cérebros, e não, apenas, oficiais, cujo patriotismo ninguém põe em dúvida, mas cuja expertise é muito... é muito... Então, nada disso prosperou, ou prosperou muito pouco. Agora é que nós temos, de certa maneira, com Resende, com Iperó, uma coisa com uma certa credibilidade. E sobretudo, eu fui muito ligado na Argentina, e depois pela... ao... eliminação do programa nuclear Brasil – Argentina, quer dizer, os dois juntos. Foi uma das boas conseqüências da redemocratização. Foi isso. Deve-se muito ao Sarney e ao Alfonsín.

M.S. – Mas isso o senhor já embaixador lá.

M. A. – Já, já embaixador.

M.S. – Embaixador, nesse período, o senhor passa seis anos na Administração antes de ser o chefe da casa. Esses seis anos de administração, tem algum componente substantivo de definição de política, ou é o gerenciamento da casa, e portanto, suponho eu, uma quantidade de poder político dentro da casa...

M. A. – Mas não foram seis anos não, hein.

M.S. – De 84 a 90. O senhor vira secretário-geral em 90.

M. A. – Não. Não, mas eu só sou subsecretário de Administração de...

M.S. – De 84...

M. A. – Não.

L. N. – O senhor vai para Genebra em 87.

M. A. – É.

T.C. – Aqui está 84, na Subsecretaria de Coordenação e Programas.

M. A. – É. Que é brevíssima a passagem.

M.S. – E depois Subsecretaria Geral de Administração e de Comunicações.

M. A. – Mas isso de 80 e... Dois anos, talvez, dois anos e pouco.

M.S. – De 84 a 86. Em 86, Subsecretaria Geral de Administração.

M. A. – Seis. Aí são só dois anos, isso.

M.S. – Até 88.

L. C. – 87.

M.S. – 87 o senhor vai para Genebra. Mas brevemente.

M. A. – Vou para Genebra para assumir uma função que depois... Eu gostava de despedida. Eu fui ser chefe da delegação do Brasil, que era autônoma então, na Conferência do Desarmamento e representante do Brasil na Comissão de Direitos Humanos, e também representante do Brasil nos órgãos humanitários das Nações Unidas, isto é: Alto Comissariado dos Refugiados, Comissão Internacional da Cruz Vermelha... Em suma, era tudo aquilo que não era da alçada do então GATT e da Missão Permanente, que era OIT, OMC... Quer dizer, então era desarmamento, direitos humanos, órgãos humanitários.

M.S. – Por que isso não ficava com a embaixada?

M. A. – Primeiro, que havia uma tradição de que desarmamento era um outro perfil. Dois, porque você tinha a idéia de que direitos humanos, o Brasil precisava aumentar o seu perfil. Era uma idéia e uma invenção, quer dizer, criar um embaixador dedicado a direitos humanos, para mostrar nosso compromisso com isso. E os órgãos humanitários, Cruz Vermelha, Alto Comissariado dos Refugiados e tudo, para... A idéia que surge num certo momento é de que o Brasil tem de começar a se ajustar à nova agenda: direitos humanos, meio ambiente e questões de outra natureza . Eu começo a trabalhar nisso para mudar o nosso perfil; que, até então, o Brasil era resistente a tudo. Direitos humanos, a rejeição vinha da idéia de uma ingerência indevida, que não eram temas suscetíveis a (consideração) internacional; meio ambiente, é porque era uma conspiração internacional para impedir que o Brasil crescesse; e as outras coisas, é porque nós não queríamos muita aproximação. Portanto, com a redemocratização ou com a aproximação dela, começa a haver uma aproximação de um temário que antes era considerado inaceitável. De modo que eu vou tratar dessas coisas de Genebra... Aí nós dividimos, duas delegações. O outro era Rubens Ricupero, que estava na missão. Primeiro o Paulo Nogueira Batista. Quando

eu cheguei é Paulo ainda. Depois, Rubens Ricupero. Então nós criamos uma espécie de divisão territorial. E, sobretudo, o embaixador, representante permanente lá, acabou sendo cada vez mais um homem da OMS.

M.S. – OMC. Absorvido por temas comerciais.

M. A. – OMC. Totalmente. O resto é tudo acessório aí. Ele só pensa, Paulo Nogueira Batista, Rubens Ricupero, Felipe Lampreia, Celso Amorim só se dedicam a isso.

M.S. – O seu secretário-geral nesse momento é o Paulo Tarso. Qual é a orientação para questão do desarmamento? Qual era a sua agenda lá?

M. A. – O Paulo não tinha interesse particular por assuntos de desarmamento. O Paulo era um dos maiores operadores de sistemas burocráticos que eu conheci. Era um grande *infighter*, era um *insider*. O Paulo era um dos grandes operadores da máquina burocrática. Tinha um interesse por isso nominal, mas não havia, não havia... O Brasil nesse momento...

M.S. – E qual era a batalha dele nesse momento?

M. A. – Era comércio exterior. O Paulo é o grande campeão, no Itamaraty, da promoção comercial. Ele acha que *the business... Brasil is business*. Quer dizer, o que ele quer é isso. Então dava grande latitude de ação. O Brasil nesse tempo não era sócio, não era parte, ainda, do Tratado de Não-Proliferação, portanto, na área de desarmamento, o que você tinha de fazer era criar condições de credibilidade, sem assinar o Tratado, que era... Por outro lado, a idéia de que o Brasil não era signatário, mas não era um ameaça ao Tratado. Quer dizer, o Brasil não era, por estar fora, não era um país que fosse violá-lo. Aliás, no Tratado de Viena sobre relações diplomáticas, você não pode, mesmo que você não tenha assinado ou ratificado, você não agir contra as intenções do tratado que você de certa maneira... Então o Brasil nunca teve uma motivação para violar. E sobretudo, depois, vai, crescentemente, se aproximando da boa causa. Então eu tinha uma liberdade de ação. Nesse momento você tinha a idéia de que certas armas de destruição em massa tinham de ser eliminadas, e o Brasil, com elas, não tinha problemas. Quer dizer, armas químicas, em que nós estamos num grande acordo. E depois eu fui convidado para chefiar a Organização Internacional de Armas Químicas. Mas como eu já estava em Buenos Aires, o Bustani me telefonou dizendo “eu estou sendo pensado para o seu lugar”. eu digo, “olha, seja”... O Bustani acabou com um problema lá. De modo que... Direitos

humanos é que era uma causa mais interessante. Primeiro, que o Brasil, em matéria de direitos humanos, achava que a ingerência era uma violação a uma das normas fundamentais do direito internacional, e dois, que quando direitos humanos se aplicavam a propriedade fundiária ou indígenas, isso vinha no âmago do pacto nacional. Quer dizer, a idéia brasileira de que índios, sobretudo índios perto da fronteira são um grande risco para a soberania. A idéia de que o índio é brasileiro ou é o brasileiro inicial não ocorre, a idéia de que o índio é ou um estrangeiro ou um instrumento de interesse... E direitos humanos ligados também a qualquer coisa por propriedade rural, ameaça de outra... Então, eram áreas em que eu tinha de agir com uma certa prudência, uma certa cautela, mas ao mesmo tempo pondo o Brasil dentro do barco, quer dizer, o Brasil não podia continuar a ser um *non actor*, que o Brasil... Aliás, o que o Brasil sempre sonha é que certas coisas não aconteçam. *Olha aqui. Isso vai nos chatear, vai ser um aborrecimento, vão inventar moda...* Quer dizer, a idéia brasileira... O Brasil não é mais conservador, é um país que defenderia quase que uma certa inércia nas coisas, para que ele... Ele quer ter espaço para fazer a sua coisa sem ser chateado pelos demais.

M.S. – De onde vinham as instruções a respeito de direitos humanos? Porque, presumivelmente, essa era uma agenda importante do ponto de vista da política interna.

M. A. – Muito.

M.S. – Então, presumivelmente, a Presidência da República tinha interesse na sua voz em questões de direitos humanos. Como era o?....

M. A. – Tinha. Tinha. Começou a se criar uma... Deixa ver se eu consigo lembrar a sigla. Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Que era com sede no Ministério da Justiça, em que estava eu, do Itamaraty, estava o ministro da Justiça, que era o Ibrahim Abi-Ackel, estava o Pedro Calmon, que era reitor, um homem eminente na sua coisa, estava o... como é que se chama ele, meu Deus? É meu companheiro agora, no Conselho do Comércio. Foi presidente do processo da Constituinte. O senador pelo Amazonas. Namorava a Zélia.

M.S. – O Pedro Cabral.

M. A. – Paulo... Não. Pedro Cabral não. Cabral, sim. Como é que ele chama? Ó meu Deus! Como é? *Sic transit gloria mundis*. Bernardo Cabral. Então começou a haver no Brasil licença para que você começasse a falar do assunto e que você tivesse o direito de petição. Quer dizer, pessoas atingidas, entidades podiam peticionar a esse órgão

colegiado para que houvesse uma preocupação. Então, isso começa a criar.. De ilegítimo passa a ser legitimado e depois passa a ser canalizado. Então você começava a ter...(eu ter lá) interlocutores. A OAB, o Bernardo Cabral era o presidente da OAB, outros órgãos desse tipo, que eram vistos como vetores de preocupações legítimas. Então era através disso. Mas a Presidência, em tanto que presidência, muito poucas vezes ela... ela... Ela dava limites, não tanto dizer *olha, esse assunto está...* Mas a essa altura o ideário autoritário do governo militar estava... As coisas morrem antes que morram formalmente. Quer dizer, não há mais convicção atrás das coisas, não há mais a capacidade de...

M.S. – Como é o convite para a Secretaria Geral?

M. A. – Meu convite para a Secretaria Geral, eu estava nesse momento em Genebra, quando me telefona o... Não. Eu tinha ido a Paris, passar uns três dias, com um grande amigo meu chamado José Guilherme Merchior. Então, eu e José Guilherme estávamos, quando telefona Rubens Ricupero e me diz: “Olha Marcos. Eu fui convidado para ser secretário-geral do Itamaraty.” Eu digo: “Olha Rubens, eu fico encantado com isso. Eu estou com José Guilherme aqui, vamos pegar um trem para Genebra imediatamente, para estar com você, nos despedir. Tudo de bom. Felicidades”. E virei para o José Guilherme, *olha aqui, Rubens Ricupero, para festa nossa, é o secretário-geral.* (Não pode ser) (Que eu não conhecia o Paulo). Volto ao meu hotel. E me telefona, horas depois, Rubens. Marisa, a mulher dele. Diz: “Olha aqui. Eu não vou aceitar mais. Minha mulher, Marisa, não quer que eu aceite, por uma série de razões. Os meninos, as crianças... Uma série de coisas. Eu não vou aceitar. E eu dei ao presidente... (o Rezek que era então...Ministro das Relações Exteriores) o seu nome como sendo a pessoa que eu acho que tinha o perfil.” Eu disse: “Ô Rubens. Uma recomendação sua vinda agora, eu tenho a impressão...” Então, quando chego a Genebra para me despedir do Rubens, o Rezek me telefona, diz assim: “O presidente, eu dei seu nome, com grande prazer aceita. Acha que você é a pessoa certa. Você embarque em vinte e quatro horas para o Brasil.” Então fui. Essencialmente, o convidado inicial era Rubens Ricupero, que não aceita, propõe meu nome, que aceito. Então volto para o Brasil para assumir a Secretaria Geral. Então, essa é a história.

M.S. – O senhor conhecia o Rezek já?

M. A. – Já. Eu tinha sido, durante anos, presidente da banca do curso de altos estudos do Itamaraty. E o Rezek era o nosso membro, durante vários anos, extramural. Era o *scholar* convidado.

T. C. – Vocês estavam na banca do Castro Neves sobre uso civis da energia nuclear, em 82. Ele comentou.

M. A. – Estava. Exato. Então a... Foi isso, conheci o Rezek nessas condições. E me convidou. E trabalhamos dois anos e pouco juntos, que vai desde o início do governo até logo depois da Conferência do Rio, Conferência do Rio de Janeiro, de 92. Foram dois anos, antes de eu ir, portanto, depois, para Buenos Aires. Então foi essa a idéia. Eu fui convidado, sem conhecer o presidente Collor, com quem nunca tive uma relação nem fácil nem fluida.

M.S. – Embaixador, temos duas opções. Que horas são?

T. C. – São dez para as quatro.

M.S. – Agora começa o grande filé mignon dessa entrevista. O segundo filé mignon dessa entrevista. Podemos fazer uma breve pausa, tomar mais um café e continuar? Ou podemos, se o senhor estiver cansado...

M. A. – Eu não estou cansado, não. O que eu quero é que a minha... eu não fique mais impreciso. Porque eu pensei que fosse falar mais de energia nuclear especificamente, e não a minha... O que vocês... convém mais a vocês?

M.S. – Está tão interessante, que eu acho que vale a pena a gente inserir a energia nuclear na narrativa, na longa trajetória. Agora, vamos entrar no período Collor...

T. C. – Até porque serve para outros projetos. Entrando para o acervo de História Oral, isso, depois, fica como fonte para pesquisa.

M.S. – Os historiadores do futuro depois se esbaldam.

T. C. – É muito rico, sem dúvida. Então...

M. A. – Não está sendo muito digressivo, muito anedótico, não?

M.S. – Está excelente. Está excelente, de excelente tamanho.

M. A. – Chega a uma idade, você vai ficando... Eu tive um amigo meu... Eu era menino, moço, lá em Petrópolis, e um dia fui vê-lo. E a mãe disse: “olha, papai está aqui. Está com setenta e poucos anos, teria grande prazer em conhecer alguns amigos de fulano.” Nós entramos na sala, estava um senhor lá, sentado. E a filha disse: “Papai, fulano de tal, filho de fulano”, ele disse: “Ah. Conheci muito seu pai. Como vai?” “Olha, fulano é sobrinho de...” Ela ia situando. Quando chegou uma pessoa, um amigo meu, ela disse: “E esse aqui, papai, é filho de fulano”, ele disse: “Ah...conheci muito seu pai, muito,

muito. Um patriota, um homem eminente, um brasileiro digníssimo; nas maneiras, uma dama. Chamava-se Ismênia.” (risos) Bateu num coágulo qualquer, ele saiu para Ismênia. (risos) Eu estou chegando a Ismênia aqui. Meu problema agora é esse. De forma que vocês... Há uma digressão. (risos)

T. C. – Não, mas quanto a isso, isso é da entrevista mesmo; principalmente quando faz-se a história de vida da pessoa. Isso depois é... O CPDOC tem excelentes especialistas para...

M. A. – Elas são... a palavra é escolmada.

M.S. – Sim. São editadas. A questão é se o senhor está com disposição para continuar ou se o senhor está cansado.

M. A. – Será que não podíamos fazer isso depois não? Mas estou à disposição. Quer dizer, amanhã é feriado.

M.S. – Amanhã é feriado. Mas podemos ir...

M. A. – Quinta-feira?

L. N. – Quinta-feira não podemos.

M.S. – Quinta-feira... Poderia ser pela manhã.

M. A. – Pela manhã? Quinta-feira de manhã está bem.

M.S. – Quinta-feira de manhã.

M. A. – Está bem? Porque eu também não quero ficar... Porque agora vai entrar uma parte mais... E eu queria digerir tudo isso um pouco, porque eu não...

M.S. – Pode fechar, Marcelo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

2ª Entrevista: 21/01/2010

M.S. – Bom. Embaixador, vamos então voltar, para fazer três esclarecimentos sobre a nossa primeira entrevista.

M.A. – Eu queria dizer duas ou três coisas sobre o contexto daqueles dois primeiros anos. Primeiro, o Itamaraty era uma casa. A palavra casa tem de ser sublinhada porque,

de fato, era uma casa, que tinha se transformado, depois, em sede do governo provisório da República, Ministério das Relações Exteriores, mas era uma casa. O espírito era muito... As dimensões eram de uma comunidade restrita. Dois, era um lugar em que se privilegiava mais estilo e prudência do que produção intelectual. Havia uma ideia de que o que se cultivava lá – em inglês se diria *character* – mais uma maneira de ser do que uma maneira de agir e proceder. Havia um estilo, havia uma maneira de ser, havia um certo elemento... Palavra, eu digo sem nenhuma conotação, nem pejorativa nem valorativa – elitista. A ideia de que aquilo era um corpo de elite do país, que representava.

M.S. – Mas não de elite intelectual.

M.A. – Não... Intelectual na medida em que... Sim, que aquilo era uma escolha, sobretudo depois do Rio Branco, dos talentosos. Mas o exercício da profissão, não era um exercício que reclamasse uma performance intelectual extraordinária. Era mais um exercício de estilo, uma maneira de ser; uma maneira de ver o Brasil; uma representação do Brasil. A palavra representação é uma palavra muito rica em conteúdos. Então havia muito essa ideia. E aquilo tinha vivido o Itamaraty, depois, ficou muito marcado pelo ciclo Rio Branco; que, de fato, a diplomacia teve no Brasil um papel que tiveram os pioneiros no Oeste americano, tiveram navegadores na Inglaterra. O Brasil se faz mais por atos diplomáticos do que por batalhas. Em suma, a diplomacia adquiriu uma legitimidade na constituição mesma. Então havia um grande sentido de legitimidade do que se fazia. Mas depois do Rio Branco há um ciclo de diminuição de relevância. Não havia mais nenhuma tarefa, nem se criaram, porque o Rio Branco era incompatível com o espírito burocrático. O talento dele é que ele era absolutamente...

M.S. – Carismático.

M.A. – Carismático, individualista, pessoal, desprezador. Quer dizer, o Itamaraty funcionava porque havia um Itamaraty conduzido pelo espírito do visconde de Cabo Frio, que era, aí sim, a burocracia, a regra...

M.S. – A racionalidade administrativa.

M.A. – A racionalidade... Exatamente. O cânone. A capacidade. Então, o Brasil tinha... Tudo isso funcionou muito bem. Até que, com a ruptura do Jânio... O Jânio, na minha impressão, na minha avaliação, é o único vilão da história brasileira; todos mais foram... Tiveram os limites do seu talento, da sua qualificação: uns mais burros, outros

mais bem preparados, outros mais... Mas o Jânio foi a única pessoa que jogou o Brasil deliberadamente num ciclo de turbulências.

M.S. – Por que o senhor diz isso?

M.A. – Porque ele tinha um elemento chavista. O Jânio tem muito que ver com o Chávez: o carisma, o caudilhismo, o bonapartismo subdesenvolvido, o tropicalismo, a ideia de uma missão que transcendia. O Jânio é o homem que pega um país que estava de certa maneira se encadeando para que a sucessão Juscelino se fizesse com naturalidade, com suas metas de desenvolvimento, de crescimento... O Brasil tinha um ideário razoavelmente estabelecido. E ele faz uma... Autogolpe. A renúncia do Jânio, que, aliás, é uma palavra muito imprópria, é uma renúncia indutora de uma reconvocação plenipotente. Isso é o que ele deseja. E ele joga o Brasil num ciclo de vinte anos desnecessários.

M.S. – O senhor diria que a política externa independente, à época, tem um componente onde a analogia seria o Chávez também?

M.A. – Não. Não ela na sua origem, não ela na sua formulação inicial; mas o Jânio dá a ela uma dimensão de aventura. A política possível com as Guianas, a política de truculência, políticas declaratórias, uma aproximação com o mundo afro-asiático, que não seria... Há um elemento. Não na [inaudível]. A [inaudível] era apenas sair de uma tutela para uma relativa autonomia. O que ele traz, ele traz o elemento da irresponsabilidade aventureira. Sendo ele um homem inteligente. Talvez o mais *gifted*, intelectualmente, de todo um ciclo de presidentes brasileiros; mais articulado, mais... Mas ele tinha uma coisa, que, no Brasil, assusta a nós todos, muito, que é o carisma. O Brasil é um país anticarismático. O que o Brasil quer, de certa maneira, de seus governantes é uma espécie de razoabilidade, de prudência, de bom-senso. O país cultivava desde... Uma digressão dentro de uma digressão. O momento melhor da vida política brasileira, eu creio, sem dúvida, é a regência, quando sai Dom Pedro I. O Brasil tem um número de estadistas... Cairu, Bernardo Pereira de Vasconcelos... Que são homens de uma... José Bonifácio... A diplomacia... A independência do Brasil, a construção do Brasil se dá por intelectuais, não por sujeitos a cavalo. Um dos problemas grande que o Brasil tem até esse momento é encontrar uma estátua equestre. (risos) Quer dizer, os nossos fundadores são pessoas que pensavam mais que cavalgavam. Enquanto que há, no Brasil, sempre essa ideia de que o bom-senso é uma... Então, voltando ao Jânio. O Jânio é o aventureirismo, é a ruptura de uma certa razoabilidade no comportamento. E o ato dele continua a ser, na história do

Brasil, o único ato que eu não tenho como explicar, a não ser em termos de bonapartismo errático. Ele faz aquela renúncia, ele joga, pega um avião... É todo uma... Dentro de um país, que erra muitas vezes, mas eu sempre costumo dizer, e eu acho que esse é um pensamento que me acompanha a vida inteira, o Brasil erra pouco, o Brasil demora em acertar, que é uma outra coisa... Em outras palavras. O erro brasileiro, não é tanto o descaminho, mas a demora em encontrar o caminho. Tem aquela... Vamos esperar um pouco, empurra... Há palavras brasileiras como *empurrar com a barriga, deixa como está para ver como fica...* Nós temos uma série de palavras, que induzem a uma pausa. Voltando então. Houve uma ruptura com o Jânio, que rompe com o Itamaraty como ele era tradicionalmente. Cria-se uma situação. A renúncia se dá com o Jango em Pequim. Portanto, a ideia de que o Jango era menos confiável do que ele. Quer dizer, ele cria uma crise deliberadamente, no momento. Há um livro do Carlos Castelo Branco sobre os momentos finais da crise que é revelador de tudo aquilo. Então volto eu a... O Itamaraty praticava então, seu posso dizer assim, uma diplomacia artesanal. Era em pequena escala, pequenas medidas. A ideia, como eu disse a você...

M.S. – Aversa ao risco.

M.A. – Aversa ao risco. E, sobretudo, de *petits pas* – pequenos passos. A ideia era não errar. A ideia era não desenvolver... A ideia, sempre, é que nós vivíamos cercados de vizinhos turbulentos e que a nós cabia o ônus da racionalidade e da estabilidade. Sempre coube... A percepção central, visceral de um diplomata brasileiro do meu tempo é de que nós éramos os depositários, na América do Sul, Latina, do bom-senso, do equilíbrio, então, portanto, cabia a nós não ter grandes ideias... Ideias meio malucas, os vizinhos tinham. A ideia central nossa era impedir que ideias malucas contagiassem o que parecia ser...

M.S. – A prudência.

M.A. – A prudência. Então, a valorização da prudência e a valorização da técnica, do modelo da escola diplomática que representava o Itamaraty. Então isso era uma coisa que eu queria dizer a vocês, porque eu acho que não ficou claro na primeira vez, que havia um substrato... Se você quiser, ideológico, mas era uma ideologia da moderação, da prudência; não era quixotesca, era o anti-Quixote.

M.S. – Embaixador. Apostando muito brevemente na digressão dentro da digressão, eu acho fascinante a sua interpretação, eu queria pedir para o senhor situar o presidente

Lula e a política externa do presidente Lula nessa tensão entre a aventura e a tendência ao risco e a prudência e o espírito de racionalidade, se o senhor quiser.

M.A. – Olha. Eu acho que o Lula um dia, como se fosse um rei francês, deverá ser numerado: Lula um, Lula dois, Lula três, Lula quatro. O Lula que chegou ao poder é o Lula cinco ou o Lula seis. E era um Lula inteiramente descompromissado internamente; mais do que o Fernando Henrique, ele teria dito, se tivesse escrito, *esqueçam o que eu escrevi*. Ele teria tido esqueçam tudo que eu disse, tudo que eu fui. Eu sou um outro ser, uma outra... Então ele chega, e eu creio que ele tem, primeiro, o Itamaraty se defende sempre pelo caráter tribal da sua ação. O ministro sendo da casa, - outra expressão: da casa - há uma garantia de que aquilo continuará a ser... Então, o presidente Lula escolhe o Celso Amorim. Você sabe que o presidente só tem faculdade, no Itamaraty, de escolher o ministro. Todo mundo mais tem de ser daquela nossa fôrma. Escolhe o Celso, que vem de uma longa trajetória pré-Lula, de talento, de capacidade. Não é uma invenção. O próprio Samuel, que encarna muito mais o velho Lula dois ou Lula um, fica numa posição de mentor de certas coisas. E Marco Aurélio passa a ser uma espécie de chanceler do B, uma espécie de chanceler que representará os interesses mais imediatos, se quiser, do partido. E, além disso, sobrava, que hoje se esquece, o José Dirceu, que no primeiro momento tem uma função de mensageiro: é quem leva os recados mais importantes. Há uma visita, que um dia tem de ser estudada, do José Dirceu a Washington, que ele tem encontros com a Condoleezza Rice, em que ele deve ter dito, essencialmente, “*olha aqui. Haverá... Que o Lula possa ter uma política altamente ortodoxa macroeconômica, nós vamos ter de ter uma certa teatralização da política externa. Mas não se preocupe, que isso não afeta a relação, é puramente fogos de artifício, para criar junto a um eleitorado meu que reclama protagonismo em política externa... Então, não, não se...*” Ele tranquilizou os... Os Estados Unidos não têm um momento de preocupação. O recado do Lula deve ter sido de tal clareza... “*Olha aqui. Meu comportamento será confiável, responsável. Nós seremos uma força do bem.*” Então, a política externa do Lula tem características menos que de mudança da política de que de ativismo diplomático. O Lula leva a diplomacia presidencial ao seu limite. Ele é um presidente quase itinerante. Ele vive em processo permanente de viagem, de estar. Ele descobre que ele tem um perfil que tem uma vendagem externa esplêndida e fácil. Ele corresponde a um populismo benigno, a um nacionalismo não ameaçador, a uma conversão a certas formas do mercado... Em suma, ele encontra um nicho que o mundo precisava, de um líder de um país – aspas – de Terceiro Mundo, com toda a benignidade, que se esperava de um grande líder de um

grande país desenvolvido. Então ele assume um papel, que pessoas pré ele não tiveram, não puderam ter, como o Lech Walesa, que era muito burro, muito medíocre, não tinha capacidade para ser isso. De certa maneira, na América Latina, não surge... O próprio Fernando Henrique, que manteve a ideia de ser um grande intelectual, um grande professor, mas era uma quantidade mais ou menos previsível. O Lula tem a novidade de ser ele, o próprio nome – Lula – sugere uma informalidade nova. Ele não viola nenhuma das regras. Ele tem uma série de tendências que já estavam lá dentro. A primeira é: sul-americanização da política externa, em contraposição à latino-americanização. A valorização da relação com os vizinhos, a aproximação com a África. Tudo aquilo que vocês sabem. Mas ele não tem nenhum momento – ele – de ruptura... O que se critica a ele é a parte de... que já vem o pecado do Fernando Henrique – a indulgência com o Chávez. Tanto o Fernando Henrique como o Lula acreditam que o Chávez ouve ambos. E o Chávez, é uma das espertezas, é fingir que ouve, e não ouve nada, faz o que quer. Mas os dois acham que o Chávez aprenderá com eles. Quando o Chávez é insuscetível de aprendizado. Dois. Os dois acham que... O Lula acha que é possível fazer uma política mais... de maior (aproximação) com a África. Quando a África não tinha ainda elementos para absorver. Agora começa a ter mais. O Lula é um pró Mercosul, em contraposição a todos sentimentos da Fiesp, que leva a ideia de uma... Um desejo, não de cooperação com a Argentina, mas de capitulação da Argentina. O que certos setores do Brasil querem não é uma sociedade com a Argentina, é uma Argentina prostrada, aberta, inteiramente, a nós. De modo que eu não vejo na política externa, com exceção de pecados... Que não são poucos, de ativismo excessivo – querer candidaturas que não iam funcionar, expor certas pessoas brasileiras a derrotas eleitorais – mas, no mais, é muito pouco dano. Quer dizer, o Brasil, hoje, tem um papel, graças a... Um dia, eu tenho a impressão que o período Fernando Henrique – Lula vai ser visto como contínuo, absolutamente marcado por não rupturas. Como, um pouco, foi o período Rodrigues Alves – Campos Sales. O Truman dizia, o que parece novo é a história que a gente não leu. (risos) De modo que... É. Já aconteceu, períodos dessas continuidades. Então a gente cai no anedótico. Quer dizer, o Samuel com aquela sua ideia de nacionalismo *outrance*, Brasil antiamericano profissional, era uma coisa que foi tolerada porque ele sabia, o Lula, que ele precisava daquele tempero para poder fazer a conversão dele à ideia de um Brasil que se aproximava, aí sim, do Primeiro Mundo, do G-8, do G-20. Era um preço pequeno a pagar, cosmético. Marco Aurélio é uma pessoa que faz um diálogo com pessoas que são assemelhadas a ele intelectualmente, que são os líderes intelectuais dos países vizinhos.

Ele faz aquela coisa toda. Com quem o Celso tem impaciência intelectual e um certo desprezo intelectual também. (risos) O Celso se sente muito confortável na OMC, nas grandes negociações internacionais; agora falar com esses sujeitos... É sempre *pénible*. É uma coisa, sempre, um pouco difícil. De modo que o Marco Aurélio tem uma espécie de disposição. Há os pecados, de ter ido buscar a... Aquela Ingrid Betancourt, naquela primeira vez, frustrada, há a candidatura do Felipe Seixas Corrêa à OMC, que não estava bem preparada... Há. Mas isso será visto um dia como um incidente muito pequeno. Portanto, ele mantém uma linha de política que os seus predecessores reconheceriam: Brasil grande, Brasil grande potência, mas sem truculência, sem ameaçar. Sempre aquela linguagem de um Brasil flexibilizando os músculos mas sugerindo. Então, eu não vejo na política externa do Lula rupturas importantes com a... Embora agora, nesses próximos meses, aparecerá que sim, que ele, na fase pré-eleitoral, de novo, vai ter de fazer aquele jogo. De modo que...

M.S. – Ótimo. Excelente. Muito obrigado. Bom. Eu acho que a gente podia voltar agora ao período que, talvez, dá origem a esse processo de mudanças estruturais, esse contínuo, onde a gente poderia colocar o Fernando Henrique e o Lula, que são as transformações na postura internacional do Brasil com o governo Collor. Como se dá a sua chegada à Secretaria Geral em 1990?

M.A. – Olha. Se dá numa expectativa de que o governo Collor teria uma força *modernizadora* muito importante. É a palavra. Hoje se esquece; mas, o Collor chega, além da dimensão moralizadora, que era o seu trunfo eleitoral primeiro, com a ideia de modernização. Havia uma percepção clara de que todas aquelas nossas teses, visões cepalinas, desenvolvimentistas, neo ou pós juscelinistas, tinham ficado um pouco gastas ao longo do caminho. Havia um desencanto com o Grupo dos 77, com a Unctad. A ideia de que aquilo estava um pouco gasto; e, sobretudo, que não era preciso. O Collor tem uma frase, que eu creio que será, das que ele disse, a que mais vai ficar na história do Brasil. Quando ele pega um carro nosso, um Fusca daquela época, um Fusca que se renovava, há trinta anos, mudando o farolete, mudança uma coisa aqui, para poder justificar um aumento de preço, e disse: “Isto é uma carroça.” Ao dizer, a um carro que tinha... Porque o gênio da Volkswagen, que um dia será visto no Brasil, é que ele transformou um produto de segunda classe, longa vida, que já tinha perdido completamente sua competitividade, numa palavra, que passou a expressão da afetividade brasileira: um Fusca, Fusquinha. É o único caso em que a própria palavra do automóvel

começou a sugerir... Nós éramos explorados e amávamos o mau produto que tínhamos. Quando o Collor declara isso, ele sugere que um ciclo do nacionalismo... Era: compra o brasileiro... que não. O Collor representa a abertura do Brasil para o mercado internacional. E o Collor... O Collor não diria isso, porque o Collor não é uma pessoa de reflexão interior, de auto... Ele é a pessoa que expressa, pela primeira vez no Brasil, uma figura nova, que é o consumidor. Quer dizer, a função brasileira era ser patriota. A ideia, comprava-se brasileiro porque isso era ingrediente necessário do seu dever patriótico. O Collor sugere que você comprar bom, barato e de qualquer fonte de suprimento tem, pelo menos, uma virtude alternativa. Isso ele representa imensamente como... Coisa, porque ele é primeiro presidente do Brasil que chega ao poder com padrões de consumo pessoal, que não tinham nada que ver com... Quer dizer, para um homem como Itamar, o consumo era um terninho feito numa casa qualquer. Quer dizer, o Itamar se contentaria perfeitamente com o minimalismo da indústria brasileira. E o Collor sugere uma certa... Então o Collor chega com essa ideia. O Collor chega com esperanças, que eu acho difícil representar. Primeiro, o Collor representava uma juventude. Ele representa um presidente moço. O Jânio também era. Mas o Jânio, por origem mais modesta, por... Parecia mais velho, muito mais velho. O Jânio sempre foi um homem meio alquebrado; enquanto que o Collor dava a impressão de um jovem príncipe; das melhores figuras físicas de líder político que eu tenho visto na minha vida; a presença dele, aquele ar, um pouco de... De como se ele fosse já a sua própria escultura, um pouco... Um olhar românico, para a frente. Então, ele tinha muito isso. Dois. Ele tinha uma coisa extraordinária: ele tinha fórmulas muito eficazes de falar dois, três, quatro minutos; a partir daí a coisa ia se degradando. Como ele não tinha dentro dele um embasamento intelectual para sustentar um discurso de longo fôlego, ele tinha fórmulas muito boas. Quando passava o segundo bloco, ele já não tinha como sustentar aquilo. E o terceiro, aparecia o padre Cícero, Nossa Senhora não sei quanto. Quer dizer, já havia uma degradação da qualidade intelectual do discurso. Uma vez, um grande amigo meu, que era meu contrapartida no Departamento de Estado, o Larry, Lawrence Eagleburger, que foi um dos principais assessores do Kissinger, me telefona e diz: “Olha aqui, Marcos, o presidente vai receber o presidente Collor aqui, e, se você conseguisse, pedir que ele fizesse frases mais curtas, falasse um pouco mais breve, porque o presidente está um pouco cansado, porque tem menos coisas, que ele aproveitasse a...” O que ele queria dizer é que o Collor entrava numa espécie de... Eu estou sendo quase isso agora – como um *fleuve*, um rio, uma digressão, e que o Bush pai ia ficando perplexo diante daquilo. Portanto, que ele abreviasse o discurso e focalizasse.

E eu transmiti, com todos os cuidados, ao Collor. Eu disse: “Olha aqui, (Mas transferindo o ônus para o Bush) Ele está com problemas mentais de retenção da informação, portanto, abrevie...” Não como se fosse um defeito do discurso, mas uma falha do ouvinte. E o Collor, mais ou menos, ouviu aquilo; mas não ficou muito sensível. Porque o Collor... Eu assisti a uma conversa dos dois, Bush e Collor, em que, num certo momento... O Collor fez um discurso sobre o que custava uma vaca no Primeiro Mundo, comparado com vinte crianças no Terceiro... Ele tinha umas analogias, que causavam uma certa... Mas não tinha nada muito que ver com nada. E num certo momento o Bush disse: “*But Mister President, what do you expect me to do?*” Quer dizer, porque o presidente dos Estados Unidos espera que quem fala com ele tenha uma...

M.S. – Algo.

M.A. – Algo a dizer ou a pedir ou a cobrar. E aquilo era uma espécie de discurso... Ele não sabia extrair daquilo... ‘*O que o senhor quer que eu faça?*’ Quer dizer, mudar o mundo, alterar... Em suma, o Collor tinha essa capacidade de fazer aquela coisa altissonante e desfocalizada. Mas... Bem. Aspecto físico, mocidade, a agenda modernizadora. Ele vem com a ideia de que ele faz coisas que no Brasil... São... Eram necessárias. Primeiro, reduzir muito o número de ministérios. O Collor cairá muito mais pelas suas qualidades do que pelos seus defeitos. O Collor, de certa maneira, ameaça o estamento político brasileiro. Por um processo de dinamização, de *streamlining*, que era grande ameaça para qualquer estamento burocrático, quer tudo, menos a redução dos seus números. Esse é o único pecado que não é... Tudo pode ser feito, desde que não se altere... Então o Collor chega com essa ideia. O Collor chega também como... Você sabe que depois que o Jack Johnson, que foi um grande lutador de boxe, ganhou o campeonato, cria-se nos Estados Unidos a esperança de que surja um grande campeão branco, que era, então, chamado *the great white hope*. Iria surgir um grande lutador branco, que ia derrotar... Porque o Jack Johnson tem um pouco de Obama, só que não era intelectual, mas era... *In box*, você admitia que um preto era o melhor, de longe o melhor. Então o Collor chega como *the great white hope*. É moço, é ligado, por família, a dinheiro brasileiro, tem todas as condições para sugerir que ele é o homem que vai fazer. No começo, o Bush convida ele para ir à Casa Branca e depois a... E a linguagem é ‘*dear Fernando, Barbara and I would like to say to Rosane and to you*’ – e, pouco a pouco, vai mudando para *mister president*. Não é um caso de intimidade que cresce, é de intimidade que diminui.

M.S. – Devido?

M.A. – Ao estilo que não era o que eles... Eles acharam que ele era uma pessoa que não era. Uma das coisas que o Collor tem, que impressiona até hoje muito, é que parece ser uma coisa que ele não é. Quando você olha, você diz, bem, é um sujeito que deve vir de uma Ivy League, de uma universidade de primeiro nível, talvez tenha tido um bom mestrado; e ele é, com todo aquele *physique de rôle*, como dizem os franceses, um alagoano, de outra geração e de outra época, também. Então o Bush acha que está encontrando uma espécie de... Jovem americanizável, que vem de uma grande universidade, e não era isso, era uma outra coisa. Então, há um distanciamento, em vez de haver uma aproximação crescente, há uma... Você vê que com os dois presidentes que se seguem, tanto com o Fernando Henrique quanto com o Lula, a coisa vai da Casa Branca em direção a Camp David. Camp David sendo o lugar que você leva os seus amigos. E do Bush não. Começa em Camp David, e volta para a Casa Branca. Quer dizer, é essa...

M.S. – Isso se deve mais ao estilo, então, do Collor do que a um choque real de interesses entre o Brasil e os Estados Unidos? Porque à época a agenda é muito complicada entre os dois países. Vimos da década de 80, onde tem moratória, onde tem uma série de contenciosos comerciais, onde não se entende o mundo da mesma maneira, de nenhuma forma; e, quando o Collor chega, parece haver uma tentativa de ajuste na relação com os Estados Unidos.

M.A. – É. É mais, como você diz, mais temperamento, frustração, desapontamento. Há duas histórias, que eu vou te contar, que dão... Os Estados Unidos sempre tiveram... Porque como o Brasil sempre teve uma diplomacia ou se você quiser uma representação externa muito mais qualificada do que o país era, ele gerava uma impressão fora que era enganosa. O Kennedy achava que os brasileiros enlouqueciam ao voltar ao Brasil. Porque ele encontrava o San Tiago Dantas, ele encontrava o Roberto Campos, ele encontrava o Walter Moreira Salles, que eram os que nós mandávamos representar o Brasil nos Estados Unidos e são pessoas de uma qualidade intelectual... Centro-direita, centro-esquerda, mas os três são interlocutores que um homem como o Kennedy ou os grandes se dão conta que estavam lidando com pessoas de uma elite intelectual, de uma capacidade de raciocínio, de visão do mundo, então eles acertavam os ponteiros todos. Quando voltavam ao Brasil nada daquilo acontecia. Então ele achava que era alguma coisa na água ou no clima aqui, que levava que pessoas, ao chegar aqui, ensandecessem ou perdessem a sua... Então, um pouco o que acontece é a ideia que... Os Estados Unidos tinham uma ideia

sobre o Brasil sempre contraditória. Quem eles conheciam no nível de interlocução política tinha qualidades que pareciam a ele... E quando o comportamento vinha daqui, esse comportamento parecia errático e imprevisível. Então não houve, no caso do Collor, dificuldades com os Estados Unidos, que derivassem, essencialmente, de um acirramento de disputas, de uma... A crise maior com os Estados Unidos é no tempo Geisel, quando ele nos leva, primeiro, à ruptura do acordo militar, depois, a uma forma também de... O Geisel tinha uma espécie de nacionalismo, um pouco germânico, que levava o Geisel, como gaúcho, de um tipo de gaúcho, a desconfiar da Argentina muito, a confiar nos árabes, a ter com Israel uma relação ambígua. Em suma, o Geisel foi um homem que representava uma certa visão da base, mesmo, do estamento militar nacional. Sendo ele um homem com grandes qualidades. Mas o Collor não tinha. O Collor o que leva é... Três coisas levam os Estados Unidos a se distanciar: primeiro, progressivamente, as informações que eles recebem daqui, da corrupção. A corrupção atingiu... A corrupção, que sempre foi endêmica em todo o mundo. Mas, quando o Collor chega e pouco depois, ela começa a... Toda pessoa que trabalha com governo sabe, que, sobretudo em certas áreas, há uma taxa de corrupção. Quando ela excede ou número de guichês de cobrança cresce muito... Eu me recordo que o então embaixador inglês no Brasil veio me ver, disse: “Olha aqui Marcos. Está demais. Há disputas dentro dos ministérios. Dois ou três cobranças. Quer dizer, está ficando muito complicado.” Quer dizer, a ideia de que... Em espanhol se diz *se les fue la mano* –, perderam o controle da própria... Dá a impressão que eu sou de um realismo quase... Tudo são patamares. Não existe abertura... Você tem de administrar níveis de acomodação com o possível. E o Collor deixou que aquilo fosse... Então, Collor teve estilo, presença, gerou uma grande esperança, parecia que ia enxugar uma máquina... Parecia que ia eliminar toda aquela retórica... O problema do mundo no nacionalismo, quando ele elimina a competição, é que ele gera uma forma única de corrupção e de ineficiência. A única coisa que resgata o capitalismo é a competição. O capitalismo não tem a disciplina do socialismo, não tem, se você quiser, a ideologia do auto-sacrifício, não tem nada. O capitalismo vive de eficácia. Ele é bom porque ele é melhor que os outros. O que faz ele melhor é a competição. Quando você tira a competição, você cria um processo diabólico de extorsão. Você vai vender uma coisa ruim, velha, fora de tecnologia, a um mercado cativo. Então... O que o Collor ameaça é, a primeira coisa é isso, é a ruptura com essa... A ideia da [inaudível]. E dois, sobretudo, o Collor, e eu trabalhei muito com ele, eu e o José Goldemberg, muito nisso, os dois, para

desmontar o que talvez tenha sido a peça de legislação mais nefasta para o Brasil que eu conheci, que foi a lei da informática.

M.S. – Fale um pouco disso, embaixador. De onde vem a lei da informática?

M.A. – Vem de uma extensão natural da ideia de que a tecnologia era capturável por ideologia ou por convicção nacionalista. A ideia de que da mesma maneira que você tinha uma televisão que você começa a fazer aqui, mesmo que seja numa Zona Franca, que tenha uma certa fraude embutida nela, a ideia de que o Brasil ia incorporar tecnologia, ia nacionalizar a tecnologia; achando que informática era mais... Como se fosse uma televisão com mais fios ou mais... Que era apenas uma extensão do sabido. O estamento militar não se dá conta nenhuma que há uma revolução decisiva da ordem intelectual e... Propriedade intelectual. Nada disso aparece. Há a ideia de que era uma coisa que você... Era uma caixa. Da mesma maneira que você fazia outras caixas, como caixas de som, então você... A ideia do software escapa completamente. A ideia de que a informática era uma tecnologia que você embutia numa caixa, vendia. Quer dizer, como se fosse uma máquina de escrever mais sofisticada. Então há essa grande ideia. E o regime militar, já muito desgastado, busca encontrar na exclusividade dessa tecnologia uma legitimidade. Então você tem a criação de certas empresas, como a Cobra...

M.S. – A Itautec.

M.A. – Itautec e tal, que geram a ideia de que você... Hoje em dia, isso tem um elemento de comicidade... Quase incontrolável, pensando aqui. Como que quatro coronéis vão?... É indescritível. Mas havia essa ideia. A ideia de que a informática e toda a tecnologia da informação não era um novo mundo que se abria, mas uma pequena extensão do que já se sabia.

T.C. – O senhor acha que essa mesma percepção está presente no programa nuclear brasileiro? Ou seja, a ideia de que enriquecer o urânio... Bom, nós já temos o urânio, então, enriquecê-lo e desenvolver um programa nosso, depois do insucesso do acordo com a Alemanha... O senhor acha que pode ser feito um paralelo?

M.A. – É. Mas o urânio, o enriquecimento do urânio não tem a complexidade... O urânio não é uma tecnologia, o seu enriquecimento, que represente uma ruptura com todo um modelo intelectual preexistente. Não é um novo mundo. O que é o enriquecimento? Os obstáculos a ele são mais externos do que internos. O Brasil não enriquece o urânio como poderia ter feito, primeiro, porque não tem a motivação de insegurança que leva

outros a fazer. Quer dizer, o que faz a Índia fazer é o Paquistão, é a China. Todos... A política nuclear é sempre baseada num vizinho para quem você está olhando. Nós não tínhamos esse vizinho. Então... Dois, o Brasil, porque fez isso no regime militar, desprezava a inteligência científica; ele achava que a virtude estava com certos coronéis ou brigadeiros ou almirantes, que saberiam fazer; que aquilo era apenas um esforço de patriotismo. O problema do pensamento nacionalista é que ele acha que o patriotismo é tão mágico, que substitui o saber, a tecnologia. Em suma, a ideia de que havendo um brasileiro decente, honrado, ele vai conseguir. O problema do nosso enriquecimento do urânio é, primeiro... É quase sempre de fora. Quer dizer, primeiro, as ultracentrífugas não chegam, não chegam... Quer dizer... porque... E, dois, já está muito acima da nossa capacidade. Dois. A cada etapa, nós encontramos as dificuldades externas. O Brasil não consegue comprar lá fora aquilo que ele quer. A política nuclear brasileira sempre teve um elemento de contrabando. A ideia de que você vai trazer o mecanismo de... Estabilizador, inercial de um foguete e você vai conseguir fazer isso e aquilo. Em outras palavras, a ideia de que você vai ter como trazer de fora. E uma das políticas mais eficazes dos países poderosos no mundo tem sido a de não proliferação. Desde a guerra fria, Rússia e Estados Unidos se entendiam nisso de uma maneira extraordinária. De modo que o problema nosso não foi tanto as dificuldades da tecnologia em si, mas os obstáculos a sua aquisição e o fato de que nós, a todo momento, tínhamos de pretextar que não desejávamos ou que ela era para fins pacíficos. Era complicada a venda, mais do que a aquisição.

M.S. – Embaixador, voltando ao tema dos Estados Unidos. O senhor estava identificando os motivos dos obstáculos para a relação, e o primeiro é a crescente evidência de que o sistema brasileiro de corrupção, que é endêmica, naturalmente, mas que ela está fora de controle. Quais eram os outros obstáculos importantes que foram sendo evidenciados aí ao longo do período Collor?

M.A. – O Brasil não conseguiu substituir... Primeiro, se você quiser, três grandes momentos. Há o momento da Segunda Guerra Mundial, que é a aliança. Países aliados. Eu me lembro quando tropas desfilavam, brasileiras e americanas, como companheiros de armas; quer dizer, lutamos juntos. Quer dizer, havia uma solidariedade no plano mais... Quer dizer, política da boa vizinhança, Roosevelt. Depois há um período em que fica a Comissão Brasil – Estados Unidos, comissão...

M.S. – Mista.

M.A. – Comissão Mista Brasil – Estados Unidos. General Cordeiro de Farias e uma série de outros grandes... Que tinham na ideia dessa nossa aliança... Já não tinha uma causa tão precisa, mas era anticomunista, proteção do Atlântico Sul... Haviam certos ideários de sustentação. Há um certo momento em que isso começa a se desgastar também. Não, não... Então não é mais susten... E, também, os Estados Unidos começam a atribuir ao Brasil uma importância menor. O foco passa a ser essencialmente Cuba e a ação para conter... E aí, em vez de forças de união, de treinamento em Fort Leavenworth ou em certas escolas americanas, há uma perda. Por outro lado, começa a haver uma ação americana, crescente, na área de combate à subversão interna brasileira, levando a uma parceria indesejável em áreas de repressão, de inteligência. Então, há uma degradação da qualidade. E finalmente, a percepção brasileira de que os Estados Unidos destinavam a nós uma virtual sucata, quer dizer, que o Brasil era o destinatário de equipamentos... E finalmente, quando o Brasil resolve criar uma indústria bélica própria. Quer dizer, aí você entra com Engesa, com... Com uma série de projetos... Avibras –, que começam a produzir, e os Estados Unidos... É duplo, o problema. O Brasil não consegue ver os Estados Unidos como eles tinham se tornado nem os Estados Unidos vê o Brasil. Há um processo de desentendimento, e sobretudo do Geisel, com o seu voto anti-sionista, gera uma sensação de distanciamento, como se... Então há isso, que eu estou dizendo a você. Mas nunca houve causas tão claras. E a relação Brasil – Estados Unidos não tem aquele... a fricção, que vem da proximidade, ou o ressentimento, que vem do dano sofrido. Tem-se que intelectualizar uma oposição; mas ela não flui naturalmente da nossa história, nem da deles.

M.S. – Embaixador, as fontes primárias, os documentos sobre o período do Fernando Henrique mostram, curiosamente, que logo que o Fernando Henrique chega ao poder tem uma leitura básica do sistema internacional, onde a percepção é que há muito pouco espaço de manobra, que o mundo é o mundo unipolar, que os Estados Unidos são de fato a única potência global e que, portanto, o jogo brasileiro vai ser um jogo de adaptações a essa nova conformação. Qual é a percepção do Collor em relação ao sistema internacional? Ele se elege no ano em que rui o muro de Berlim. Qual é a leitura na origem? Se é que havia uma leitura, porque pode ser que não houvesse uma leitura.

M.A. – É. Muito mais essa ideia de uma não leitura. O Collor tinha como seu chanceler um homem que eu... Eu sou amigo dele, que é o Francisco Rezek, mas que não vinha de uma matriz de política externa, vinha de uma matriz jurídica.

M.S. – Como foi essa escolha?

M.A. – A escolha se deu porque uma série de pessoas não aceitaram. O ministério Collor é o ministério dos recusados. Quer dizer, Zélia nunca foi para ser ministra da Fazenda. Olavo Setúbal recusa, Fernando Henrique recusa o Relações Exteriores, todos vão recusando, porque achavam que aquilo era uma certa aventura. Resek veio um pouco da... Num ato de... Não havia outro candidato com convicção; e dois, ele tinha sido instrumental, de maneira decisiva, porque ele, embora ministro do Supremo, naquele momento presidia o Superior Tribunal Eleitoral, foi quem deu aquele voto de que... Desclassificou... Deixa eu lembrar quais eram as circunstâncias... Uma outra candidatura, que causaria dano ao Collor, e legítima a candidatura Collor. Lembrarei, depois, qual foi o episódio.

T. C. – Silvio Santos?

M.A. – Silvio Santos. Então é isso. A ideia de um reconhecimento ao Resek. O Collor herda como pensamento político, primeiro, do Sarney, o Mercosul. Depois eu falarei do Mercosul.

M.A. – Claro, depois a gente vai ter um momento...

M.A. - Mas, herda o Mercosul e acelera o Mercosul. Então, esse primeiro elemento muito importante. Herda uma situação, vinda do Resek, jurista. Quando há o problema da invasão do Kuwait, a reação do Collor, contra meu desejo e convicção, é de, imediatamente, pedir um cessar fogo, quando inicia a operação. E para os Estados Unidos naquele momento o cessar fogo era frustrar completamente a operação *Desert Storm*. Não é que o Resek e o Collor fossem... Eles queriam apenas... Uma das coisas... O Brasil, às vezes, acha que no centro está sempre uma virtude, que uma virtude é sempre...

M.S. – Aristotélico.

M.A. – Exatamente. *In medium*... Então os Estados Unidos ficam um pouco perplexos com aquilo. O Collor não tem ou o Collor tem poucas ideias de política externa. Primeiro, como eu disse a você, o Mercosul ele vê como uma alavanca para ele ter um papel. Dois, ele não tem uma visão de mundo integrada, coordenada. Ele quer trazer o Brasil a um Primeiro Mundo - por associação, por aproximação, por importações, mas ele não tem uma ideia mais clara. Quando chega no Iraque, ele acha que a virtude está no meio, e desagrada, portanto, os Estados Unidos. Mas não há nenhuma dificuldade maior...

[Interrupção da gravação]

M.S. – Muito bem. Estamos de volta? Perfeito. Embaixador, então, com a situação do Marcos Coimbra nessa posição tão peculiar, quais são as transformações que se fazem dentro do Itamaraty? Os novos arranjos do Itamaraty.

M.A. – O Itamaraty sofre... O Collor traz ao Itamaraty três ideias. Primeiro, uma modificação dos prazos e datas de aposentadoria, o que tem um efeito muito importante. Porque o Itamaraty tinha uma realidade sagrada, que era a aposentadoria aos 65 anos; e os outros, depois, viriam, ministro, 62... Ele faz uma coisa: estabelece um número máximo de anos. Um pouco do sistema militar. Portanto, alterando todo o metabolismo do Itamaraty e gerando uma oposição a ele - dos melhores.

M.S. – Dos *seniors*.

M.A. – Dos *seniors* e dos mais rápidos. Suponha o seguinte. Eu cheguei a embaixador aos quarenta cinco anos. O que naquela época... É, até hoje seria...

M.S. – Era muito jovem.

M.A. – Muito jovem. Então eu teria quinze ou doze, quinze anos mais, portanto eu seria aposentado com sessenta e eu perderia cinco anos de vida, no momento em que essa vida, no Itamaraty, é a mais rentável. A expressão em francês é *finir en beauté*. Terminar bem. Então, havia essa ideia de que todos foram vitimizados por uma redução de suas expectativas de carreira.

M.S. – Qual era o objetivo de fazer isso? Passar para o retiro...

M.A. – A ideia era renovação de quadros. A ideia que ele tinha, um pouco vinda do Primeiro Mundo, é de que você iria para casa mais cedo e faria outras coisas. Quer dizer, havia uma ideia, um pouco do Foreign Office, em que a aposentadoria é sessenta e dois. Quer dizer, a ideia dele é... E, dois, também ruptura de certas estruturas de poder que estavam instaladas.

M.S. – Isso é ideia do?...

M.A. – Do... Do Collor.

M.S. – Do Coimbra.

M.A. – Do Coimbra. E do... Porque o Marcos Coimbra, por... Só chegava ao poder, geralmente, no Itamaraty, ministro ou secretário-geral, - eu vou bater alguma coisa, pode

parecer autocongratatório - os mais talentosos. Era um clube dentro de um clube. Então havia uma ideia de que, entre essas pessoas, havia uma comunhão de interesses.

M.S. – O que precisava para fazer parte desse clube? Além de talento.

M.A. – Primeiro... Talento. Havia, primeiro, uma ambição sustentada. A ambição não pode ser espasmódica, tem que ser uma ambição que se sustenta. Depois, uma qualificação intelectual, desde o Rio Branco, que desse credenciais. Quarto, uma espécie de biografia funcional, em que os postos visitados ou trabalhados sugerissem que você estava no *pipeline*, ou na *voie royale*, na *main street*. O Marcos vem de um outro mundo. O Marcos representa, se você quiser, no momento, na história do Itamaraty, os não do clube, os excluídos. Então ele, ao fazer essa ideia de abreviar, ele está de certa maneira punindo todos que tinham feito trajetos mais rápidos que o dele. Em outras palavras. É a vitória de uma mediania. Quer dizer, se você, de fato, chegou aos cinquenta anos a embaixador, ou cinquenta e um, os quinze anos não te afetam. Agora afetam a Rubens Ricupero, a Celso Amorim, a mim, a Paulo Tarso Flecha de Lima, a Felipe Lampreia. Todos que vocês conhecem eram os atingidos. De certa maneira, era uma maneira de equalizar o jogo. *Olha, vocês andaram depressa, mas agora serão punidos saindo mais cedo*. Essa era a ideia. Era a ideia do Itamaraty de infantaria contra um Itamaraty de cavalaria. Quer dizer, de velocidades diferenciadas. Essa era a ideia um pouco do... Não de uma maneira vingativa, feroz, não! Era apenas um... O que o Marcos faz, ele expressa com um grande amigo dele, que é um diplomata de qualidade, um homem de valor, que é o Eduardo Moreira Hosannah, a ideia de um Itamaraty marchando em ritmo mais cadenciado, sem aqueles galopes dos mais talentosos. Que o Itamaraty sempre foi, ao mesmo tempo, um bloco que desfila e uma cavalaria que avança. São duas coisas operando em...

M.S. – O Hosannah ocupava que posição?

M.A. – Ele, então, era secretário executivo, era um homem que cuidava da administração do Itamaraty. Foi o Marcos Coimbra. O que eles fazem é transformar a Secretaria Geral em três coisas. Eu, que era a Secretaria Geral de Política Exterior; o Hosannah, que é hoje, ou seria, o que eu fui antes, era uma espécie de... Ele elevou o subsecretário-geral de Administração ao ponto de secretário executivo. E o terceiro, que foi o Carlos Ribeiro, que ele transforma em secretário-geral de Controle, que era uma coisa de relações com o Tribunal de Contas...

M.S. – Auditoria.

M.A. – Auditoria. Essas três coisas.

M.S. – Foi a primeira vez que...

M.A. – E a única. Porque não... É uma tróica que não funciona.

M.S. – Por que não funciona?

M.A. – Não funciona porque você não pode ter uma paridade quando você tem de ter uma pessoa que é... Então... Perde-se tempo. Eu era obrigado a fazer uma série de coisas e depois ir ao Resek dizer *olha aqui, a nomeação de fulano*. Porque a política externa, a execução dela está ligada ao seu desenho. Quer dizer, eu se quero fazer uma política mais forte com Angola, eu tenho de mandar certas pessoas para Angola, então... Não há uma dissociação entre a parte administrativa e a vontade política. Aliás, há uma velha história de Napoleão quando determinou a invasão da Rússia, foi aquela coisa toda, um dos marechais dele disse “Senhor, e a intendência?” Ele disse “*L’intendance suivra.*” A intendência vai atrás. Quer dizer, a ideia de uma definição... Então havia essa ideia de... Tanto não deu certo que... Enfim, a de Controle Interno era virtualmente ridícula e a outra era um complicador, que me tirava tempo, porque eu tinha de ir com Hosannah - que, aliás, é uma pessoa de bem e decente e séria - para negociar certos aspectos de caráter administrativo.

M.S. – Nomeações.

M.A. – Nomeações. Era a parte... Que embaixada recebia, que verbas, que dinheiros. Quer dizer, era a instrumentalização da política externa. Então o Marcos tinha essa visão. O Marcos estava pensando já então numa aposentadoria. Os postos tinham sido postos periféricos, ele nunca tinha tido intimidade com a víscera... Eu estava vindo de três departamentos, subsecretário-geral de Coordenação e Programa, subsecretário-geral de Assuntos Multilaterais, subsecretário-geral de Administração; quer dizer, tinha tido três... Eu vivia entranhado naquilo. E o Marcos, então, chega com essa... Mas o Marcos é, acima de tudo, *a gentleman*, é um homem muito agradável, é um homem de bom senso. Ele era induzido, muito, àquilo, ele... E, como toda pessoa que operava na órbita Collor, ele tinha medo do Collor.

M.S. – Qual foi a reação da casa a essa divisão tripartite da Secretaria Geral?

M.A. – Olha, foi de surpresa.

M.S. – Não dos *seniors*, não da cavalaria, mas do core.

M.A. – Não, não foi de apoio. E, sobretudo, foi da ideia de cabia, então, a mim salvar o Itamaraty como era, como existia. Houve a ideia de que aquilo podia desorganizar o Itamaraty ou de certa maneira mexer com a... O Itamaraty esperava do seu secretário... O secretário-geral é uma espécie de advogado geral do Itamaraty.

M.S. – Perante o mundo.

M.A. – Perante o poder. E quando o caso do ministro não ser da casa, como era o caso do Rezek, eu era a expressão do sentimento corporativo, do *esprit de corps* junto ao poder. *Fale por nós*. E, nesse caso, a coisa não é apenas a elite mais talentosa, é o conjunto de interesses que o Itamaraty representa. Essencialmente, o Collor... Pelo que eu me lembro desse período, a reação não foi boa, porque havia a ideia de que aquilo... Havia... O Collor mesmo não tinha uma simpatia do Itamaraty em geral. O Itamaraty naquela época teria sido, não Lula, porque era um Lula ainda... Lula um, Lula dois, muito –, mas o Collor não teria sido a escolha do Itamaraty, e teria sido a minha também, teria sido Ulysses Guimarães. Eu creio que não estou errando, não.

T. C. – Ulysses era candidato também.

M.A. – Todo mundo.

M.S. – Era Ulysses, e não Covas.

M.A. – Ulysses. Não Covas. Ulysses Guimarães era... Primeiro, que eu era amigo dele, de dona Mora, quer dizer, eu tinha com Ulysses uma relação... Todos nós tínhamos uma ideia de que Ulysses, de certa maneira, encarnava a continuidade com renovação. Quer dizer, a ideia de que... O Itamaraty sempre procura... Há uma frase do Silveira, que ele usava muito, ele dizia: “A melhor tradição do Itamaraty é saber se renovar”. Então, é sempre a ideia de uma renovação dentro... Da continuidade. Então o Ulysses era...

M.S. – Isto.

M.A. – Isto. O Collor era uma coisa... Era um desconhecido, de certa maneira, para nós e o Lula era uma ameaça, não só ao Brasil, mas... Quer dizer, o Lula, naquele momento, era inconcebível, a não ser para um grupo muito pequeno de petistas dentro do Itamaraty. Mas...

M.S. – Que eram?

M.A. – Que eram quem?

M.S. – Que eram quem?

M.A. – Ah... Quem seriam? Eu não quero ser evasivo, não. Vamos sentar aqui amanhã ou outro dia, você me faz todas as perguntas que tenham caráter... Me faz antes, porque eu não quero ser injusto ou omissivo. Mas não estou... A distância impede. Embora eu seja de uma geração tão marcada por aqueles anos militares, que dizer qualquer nome, eu... (risos) Você está me entendendo?

M.S. – Perfeitamente.

M.A. – É difícil eu explicar isso a você, que eu sempre que digo uma coisa, digo assim, eu tenho de proteger minhas fontes. Eu sempre, qualquer depoimento que eu tenha de fazer, eu não quero dizer nada que...

M.S. – Claro. Sem dúvida. Entendo perfeitamente. Embaixador, quais eram os seus contatos com o mundo político? O senhor mencionou que era amigo do Ulysses, mas, com quem mais o senhor tinha trânsito no mundo da política? Porque pelo que o senhor está descrevendo, nesse período Collor, essa associação com o mundo da política era muito útil e importante, tendo em vista que é um momento de transição, onde as coisas estão em fluxo, onde há uma mudança administrativa grande dentro do Itamaraty, então, presumivelmente, ter interlocutores no mundo fora do Itamaraty, do outro lado da Esplanada, era *asset* importante.

M.A. – É. Aí eu já tinha... As afinidades maiores era com o PSDB. Era com Fernando Henrique, era... Covas, menos, porque o Covas era uma pessoa mais hostil à ideia de diplomacia. Covas era um... Era um caipira, de certa maneira, era uma pessoa que queria uma certa distância e desconfiava muito do Collor. Houve um momento, em que eu estava presente, houve uma tentativa de cooptar o Fernando Henrique, que aceitou, achou boa a ideia, que o Fernando Henrique tinha a ambição de servir, e o Covas é que, em nome do PSDB, vetou. Então, havia essa ideia de que nós tínhamos, nós um grupo de pessoas, uma aproximação, primeiro, com aqueles elementos da política... Não era partidária, você tinha segmentos da Arena, aquele grupo mais modernizador, mais... Quer dizer, um pouco... Ou mais talentoso, é Sarney, é Antonio Carlos Magalhães... Quer dizer, a minha relação era não fisiológica, era a escolha das pessoas com quem eu tinha maior trânsito natural, maior aproximação. Então a aproximação era mais com esses núcleos do PSDB... Do MDB, então, eu creio que ainda é MDB, e Marcos Maciel... O Itamaraty sempre teve um certo... Nós procurávamos, ou eu procurava, uma mistura de virtude... Que não fossem bandidos, com talento, com... E também, há no Itamaraty uma convicção, que era verdadeira então, que política externa não trazia sorte aos políticos; se interessar

por política externa levava você a perder eleição. Porque, de fato, não há assunto que interesse ou interessasse menos ao eleitor que esse; então, todas as pessoas que se interessavam por política externa tinham um pouco a... Tanto na política como nas forças armadas. Todos os generais que eu conheci que gostavam de política externa, ou coronéis, não chegavam a general. Quer dizer, é como se a política rejeitasse a intelectualidade dentro dela, e o Exército também, o civilismo dentro dela. Então nós éramos... Então, basicamente, os meus contatos e amigos eram os elementos mais progressistas do PSDB, do MDB e da... Mas não havia uma grande aproximação. E, desde o começo, o governo Collor ficou muito marcado por uma... Um distanciamento. Ele tinha...

M.S. – Da classe política. Mas o senhor não tinha medo que isso pudesse afetar, depois, a sua carreira de maneira indelével?

M.A. – Não, mas era... É. Mas de certa maneira menos, porque você vai resgatando sempre, nesses momentos, uma credibilidade pessoal. Um dos problemas difíceis... Eu fui um diplomata de uma democracia exemplar, que era a do Juscelino, de um regime militar muito moderado, que era o AI-1, AI-2, e de um governo militar extremado, que era o AI-5, de uma restauração democrática, depois, de uma redemocratização, e depois de um partido de vocação socialista. Em suma, o problema do serviço ao Estado num país que atravessa o que o Brasil atravessou é que você não fica contagiado por nenhuma das... Nem as virtuosas. Você tem de preservar uma... Se possível, uma certa integridade, uma certa visão, uma certa ideia do Brasil. A ideia é o que resga... Quando acabou a Revolução Francesa, um grande membro do Diretório, o abade Sieyès, disseram: *“ah, monsieur l’abbé, o senhor tem de escrever uma memória, um livro de memória, o senhor foi um homem do Diretório, do Consulado, da Convenção dos Estados Gerais, o que o senhor tem para dizer? Do Terror. O senhor viveu tudo isso.”* E ele disse: *“J’ai survécu”*. Eu sobrevivi. Quer dizer, aquilo era o epitáfio dele e ao mesmo tempo a descrição da... *(Barulho de uma serra elétrica)*

M.S. – Não é o seu coração. (ri)

M.A. – Não. Então era um pouco essa a ideia, de que você tinha de ter uma ética de Estado, que preservasse você do... a ideia de que você era um adesista. A minha maior crise com o Collor, que deu uma tentativa dele de me demitir, também está em vários... *(Volta o barulho)*

M.S. – Pode continuar, embaixador. A gente vai dar um jeito.

M.A. – É quase uma... Foi que eu fui entrevistado pelo *O Globo* sobre o grande número de diplomatas brasileiros que estavam então no Palácio. Era o Carlos Garcia, era... Quem mais? Eram vários...

M.S. – O que é que o Carlos Garcia fazia lá?

M.A. – Carlos Garcia, depois, foi ministro de Organização... Ministro... (como se) fosse um ministro do Serviço Público. Vários foram chamados. E quando perguntado pelo *O Globo*, que queria que eu sugerisse uma adesão do Itamaraty ao Collor, eu digo, *não, olha aqui. É da melhor tradição do Itamaraty ter vários dos seus melhores emprestados a outros órgãos, inclusive à Presidência. De modo que o que nós temos lá... O estar no Palácio mostra estar servindo ao Brasil e ao Itamaraty numa outra área, mas não é uma forma de adesão a esse ou aquele governo, é, apenas, uma... Outra localização do serviço. Aí o Collor teve uma...*

M.S. – Irritou-se com isso.

M.A. – Queria me demitir imediatamente. Porque o que ele achava é que eu estava ali... O que eu estava, de fato, dizendo - é que não havia uma adesão de diplomatas a ele, havia uma fidelidade permanente da diplomacia ao interesse nacional. Então ele queria... Ele estava embarcando nesse momento num avião, e queria desembarcar do avião, antes de decolar, para me demitir *sur place*. Então foi... Tudo isso está no livro do Cláudio... Há vários livros que tratam desses episódios. Então não havia uma preocupação minha, porque era tão evidente que eu não era parte de um *collorismo*, que eu não era parte de uma *entourage*, e que eu tinha sido chamado para prestar mais um serviço. De modo que não havia, da minha parte, uma preocupação. E sobretudo, que as acusações maiores que se faziam de caráter ético, moral, eu não podia estar mais... Pelo contrário. Eu nunca recebi do Collor uma ordem que não fosse rigorosamente correta e moral. Nenhuma. Nunca. Eu tenho até um episódio curioso. Um dia, eu fui ao Palácio vê-lo, porque havia uma acusação de que dinheiros tinham sido mandados para o Uruguai e que...

M.S. – Para?...

M.A. – Para a lavagem desse dinheiro. E volta sob forma de...

T. C. – É a Operação Uruguai.

M.A. – Operação Uruguai. Eu fui vê-lo. Falei: “Olha presidente. Trouxe uma pequena agenda de assuntos, tem esse assunto do Uruguai. E o procedimento correto é uma carta rogatória à Justiça uruguaia, que se pede. E, durante alguns meses, isso é

tramitado, examinado e depois...” Havia uma processualística, havia uma liturgia. Ele disse: “Não, não faça isso, não.” Eu, para falar como ele, tenho de ficar como ele. Ele disse: “Embaixador. Telefone ao seu colega uruguaio e diga que eu quero, em vinte quatro horas, ou quarenta e oito horas, uma reação formal, todos os subsídios, porque isto é uma calúnia, e eu quero que seja apurado da maneira mais peremptória”. “Senhor presidente, claro, eu posso fazer; mas o caminho a ser perseguido é esse, esse, esse” e dava a ele, legitimamente, três, quatro, cinco meses. Disse: “Não, não quero, não. Quero imediatamente.” Eu voltei para o Itamaraty e disse: olha aqui, nessa área, a acusação contra ele não tem nenhum fundamento. Isso eu posso garantir, porque ele tinha uma maneira inteiramente legítima de procrastinar, e preferiu agir em quarenta e oito horas. De modo que não há dúvida que ele está inocente nisso. Liguei para o chanceler do Uruguai, pedi ação, ele reagiu, e ele estava... O dinheiro... Tinha mandado, sei lá... Tudo era contra ele. O que me dava essa impressão, que o Collor tinha essa dualidade, esse binômio, de uma pessoa... Eram... Eram dois... Eu não quero cair... Fazer psiquiatria de porta de engraxate, mas essa era a sensação. *(Volta a serra elétrica)* Espera um instantinho, que vocês devem estar...

M.S. – *Você quer ir lá?*

– *Não. A gente já tinha avisado da entrevista, a gente pede, antes, para pararem a obra. Eu fui lá de novo, já tinham pedido para parar. Natacha subiu agora para pedir também.*

M.S. – *Está bom.*

M.A. – Pois essa ideia, dá um pouco a ideia de que ele vivia numa espécie de casulo, de... De inocência. Eu creio que, de fato, o Collor tinha um distanciamento de uma série... Ele tinha uma espécie... Coisa imperial, real. Ele dizia: façam o que seja preciso fazer -, como se a política tivesse de ser coberta de uma maneira que ele não queria saber muito; ele queria ter o que os americanos chamam... Sempre me deu essa impressão – *deniability*, que ele pudesse ter entre ele e o...

M.S. – Nixoniano, não é.

M.A. – É, nixoniano. Uma *deniability*. Pode negar. Eu não sei de nada que se faz. Reaganiano. Todo presidente americano tem essa ideia de que ele usa intermediários que criam anteparos.

M.S. – Claro. Que o preservam. Embaixador, por que ele não o demitiu?

M.A. – Eu não tenho a menor ideia. Deixa ver se eu tenho alguma ideia por quê.

M.S. – Houve intervenção a seu favor?

M.A. – Não, não organizada por mim, não.

M.S. – Não. Talvez espontânea.

M.A. – Talvez tenha havido alguma... Quer dizer, talvez o próprio Resek, talvez o Marcos Coimbra, talvez, amigos meus no Ministério; talvez ele achasse que, passada a ira, o que eu tinha feito... Ou esclareceram – olha aqui, o que ele estava dizendo é que o Itamaraty faz como sempre fez. Quer dizer... Mas o que havia era uma malquerença real, que me deixava tão perplexo que um dia, anos depois, eu estava com Antonio Carlos Magalhães e eu conversei algo com o Antonio Carlos, que o Antonio Carlos... “você me diz isso. Uma vez, estive há pouco tempo com o Collor, que disse que gostava muito de você e que tinha por você grande respeito, você era um grande profissional”, eu disse; “olha aqui, nada disso coincide com o que foi, mas você está me dizendo isso...” E ele tinha um acesso... O Antonio Carlos era uma pessoa que nesse tempo, também, eu ouvia. Aliás, durante muitos anos da minha vida, sempre que eu tinha um imbróglio político, eu falava com Antonio Carlos, porque Antonio Carlos foi durante os anos seus... Depois da morte do Luis Eduardo, ele cai, há um declínio intelectual – mas, no seu melhor momento, foi dos maiores atores políticos que eu conheci.

M.S. – Sem dúvida alguma. Um operador.

M.A. – Um operador, de uma astúcia, de uma intimidade com os processos... Tanto que eu ligava para o Antonio Carlos para ter ideias sobre...

M.S. – O senhor conhecia ele de onde?

M.A. – Ah. De longa, de longa trajetória.

M.S. – Como foi?

M.A. – Nações Unidas. Sabe que houve um tempo que nas Nações Unidas... Eu estou indo e voltando. Vocês um dia façam...

M.S. – A gente vai editar isto, não se preocupe.

M.S. – Havia uma coisa chamada observadores parlamentares. Que foi quando eu conheci Sarney, quando eu conheci uma série desses nossos políticos. Então naquele tempo os observadores parlamentares - eu estou falando de 60, 61, 62, 63 - tinham uma presença muito intensa e participavam, inclusive, com discursos. Não é como hoje, que

eles vão, apenas, observar. Era uma observação articulada. Então conheci todos eles ou vários deles nesse período. E aqueles que tinham um talento mais evidente, você criava uma relação mais próxima. Quer dizer, Antonio Carlos, era difícil não vê-lo e, imediatamente, sentir que era um grande operador. Também, através de amizades, na Rede Globo, o grupo Globo, você tinha... Então... Antonio Carlos era ou foi - de certa maneira, na linha de Pinheiro Machado, de Luiz Vianna -, foi um *power broker*. O poder dele era muito maior que a rotulação dele, num certo momento. E fez uma coisa extraordinária: que ele montou, ele, sozinho, preparou a eleição de um presidente da República. O filho dele seria o presidente da República. Quando acabou, a morte do Luis Eduardo, ele não tinha mais projeto. Aí há uma decadência.

M.S. – Sem dúvida.

M.A. – Porque não há mais nenhum objetivo, para ele, passou a ser uma brincadeira. Quer dizer, o objetivo dele... Ele sentiu que não tinha um perfil que permitisse que ele fosse presidente; mas ele tinha poder suficiente para organizar o do filho.

M.S. – Claro. Para fazer um.

M.A. – É. Então, vem desse período. E ao longo, também... Brasília, sobretudo, uma Brasília que já não existe, gerava uma intimidade dos setores do poder, que uma cidade mais diversificada como o Rio tinha sido. O Rio sempre foi uma cidade de muitos setores, público, privado, empresarial, jornalístico, acadêmico; e Brasília não. Brasília era aquele miolo de convivialidade. Brasília era mais Versailles. É claro que não era um palácio, mas aquilo, se você imaginasse como um palácio, as pessoas moravam dentro da mesma... Então havia essa relação entre alguns diplomatas e alguns políticos, como se nós precisássemos ali de um convívio recíproco, para uma oxigenação. E sobretudo, o diplomata brasileiro é sempre um angustiado sobre a sua falta de conhecimento íntimo com o Brasil. Ele sempre acha que ele é um...

M.S. – Está descolado.

M.A. – Descolado, que sai para fora, mas que, para dentro, ele se sente – muitas vezes, até como linguagem – desconectado. Então o homem político é um pouquinho o aliado de prestígio num jogo de ambições, é um interlocutor credenciado e é um decodificador do Brasil.

M.S. – E na sua lista, na sua agenda, os *top* quatro políticos de sua relação são Antonio Carlos Magalhães...

M.A. – Fernando Henrique Cardoso, que nesse tempo todo tinha essa... Essa... Deixa ver quem são os dois mais. Eu não quero cometer injustiças. E estão passando pela minha cabeça assim um número grande de... Vocês fariam uma notinha?

M.S. – Claro. O senhor conheceu Fernando Henrique quando?

M.A. – Fernando Henrique, aí é uma longa história. Fernando Henrique, o irmão dele é casado com uma prima minha. Aí são conhecimentos de... Quando foi a primeira vez que eu vi Fernando Henrique? Isso é uma boa pergunta. Quando é que eu o conheci a primeira vez.

M.S. – Podemos deixar para a próxima.

M.A. – Pode deixar. Você faz... Um de vocês começa a fazer uma coisa... Chama-se a lista de Alzheimer. Todas as coisas que vocês...

M.S. – Está ótimo. (ri)

M.A. – Eu não me lembro exatamente quando foi que...

M.S. – Embaixador. Quero voltar muito brevemente aos Estados Unidos, antes da gente passar para a Argentina, ainda no período da Secretaria Geral. Qual era o seu interlocutor principal nos Estados Unidos? O senhor já comentou a sua contraparte lá; mas o governo Collor, quando precisa falar com os Estados Unidos, fala como?

M.A. – Eu, com o Lawrence Eagleburger, que era esse *under secretary of State*, que era uma pessoa de grande poder e influência. De certa maneira nós usávamos, e isso é uma coisa delicada, eu tenho de usar sempre o embaixador do Brasil em Washington, porque se eu fizer canais múltiplos, diretos com o Departamento de Estado...

M.S. – Dá ruído.

M.A. – Dá ruído. E o embaixador ou se sente desacreditado ou se queixará de que está sendo ultrapassado.

M.S. – Como era sua relação com Marcílio?

M.A. – Muito boa. Fraternal. Marcílio é um dos meus grandes amigos, então e hoje. Nós temos uma relação fraternal. Não podemos ser mais amigos um do outro. De modo que havia uma... Tinha uma relação que vem desde o tempo do Dr. Walter Moreira Salles, quer dizer, tem toda uma linhagem. Mas Marcílio era um irmão meu, é um irmão meu. De modo que nós temos... Começa da visão ética da função, que nos aproxima muito, uma ideia... Nós nos entendemos bem. E também, quem era o embaixador americano

naquele momento aqui. Que também era o outro canal. Porque o bom de falar com o embaixador americano no Brasil é que, sobre ele, eu tenho alguma alavancagem. Falar com o embaixador do Brasil em Washington, também é bom, porque é um reforço. Falar diretamente com o *State Department* não é a melhor coisa, porque eu aí não tenho poder pessoal para ser influente e, geralmente, me colocaria num nível de inserção mais baixo; então eu falava com o Eagleburger, de quem ficamos amigos, por uma série de participações em reuniões, em eventos e tudo. Mas eu trabalhava ou através do embaixador do Brasil em Washington ou o embaixador dos Estados Unidos em Brasília.

M.S. – O senhor lembra o nome dele?

M.A. – Vou lembrar daqui a pouco.

M.S. – Não. A gente tem na lista.

M.A. – De modo que era essa. Eu prefiro sempre esse tipo de... Nessa época começa a haver, também, uma outra interlocução minha, importante... Que o problema do Brasil com os Estados Unidos, em termos diplomáticos, não é grave; o grave é que começamos a ter negociações com o USTR, United States Trade Representative. Primeiro, eu tinha uma relação eficaz com o Clayton Wolter, que era o primeiro USTR, depois foi com Carla Hills. Então começa a haver uma negociação, que envolve o Brasil em muito do que para nós é essencial, sobre a fase seguinte da Rodada Uruguai, quer dizer, quando entra o problema de propriedade intelectual, entra o problema de patentes, patentes farmacêuticas, toda uma série de assuntos entre nós e os Estados Unidos...

M.S. – São de fricção.

M.A. – De fricção. Aí sim, aí havia diferenças reais de percepção. A parte diplomática, político – diplomática...

M.S. – Relativamente tranquila.

M.A. – Relativamente tranquila. Nós tínhamos uma relação, em que nós éramos, com outros dois países, responsáveis pela harmonização dos interesses entre Peru e Equador, que depois se... Nós temos... rodada [INAUDÍVEL], mas continua também. A nossa linha de falha, de fricção é na área da Organização... Do GATT.

M.S. – Do GATT. Comercial. Apesar da queda das tarifas de importação, brutal.

M.A. – Apesar. Apesar. Brutal. Porque os Estados Unidos nunca concede a você que o que você fez é bastante. A expressão americana, que, para mim, está gravada em

fogo na minha alma, é assim: *this is a step in the right direction*. Quer dizer, sempre, você ficou aquém de uma expectativa maximalista. A expectativa dos Estados Unidos é de uma capitulação. Não há nunca... No caso nosso, é que você não pode alegar que você fez coisas para atendê-los porque, sobretudo, eu fazia ou recomendava que se fizesse aquilo que me parecia no nosso melhor interesse. Em outras palavras: Usava-se como se fosse pressão americana aquilo que você queria fazer por você mesmo. Em outras palavras, redução de tarifas, que eram... Tinha um protecionismo, que não protegia o que merecia ser protegido, mas acobertava o que devia desaparecer. Então, o protecionismo tem um caráter gradualmente corruptor. Ele vai se deslegitimando a cada ano e vai ficando cada vez mais uma... Então, os Estados Unidos queria que o Brasil fizesse mais, mais depressa, mas não fomos nós, centralmente, que fizemos fracassar. Eu fui chefe da delegação brasileira naquela grande reunião em Bruxelas, sobre... Que era para ser o fim da Rodada Uruguai, que acabou não sendo, acabou sendo, anos depois, no Marrocos, porque, mais do que nós, a Índia e outros países faziam a... O que interessava naquele tempo é que quase todos os países têm uma... São samba de uma nota só, são países de um só assunto. Se você agrada a Argentina em matéria de gado, se você... O Uruguai tem isso, o Chile tem cobre... Quer dizer que cada país tem... O Brasil é um dos poucos países não superpotência que tem um leque de interesses e de opções, que leva... Então a nossa ação era muito ligada à nossa diversidade. O Brasil, em certos assuntos, é um país que tem uma posição, outra... O Brasil não tem homogeneidade porque os nossos interesses não têm homogeneidade.

M.S. – Vamos passar para a Argentina. Nesse período da década de 90, o Collor, como o senhor disse, aproveita a herança do presidente Sarney e avança com ela, cavalga muito rapidamente. Como se dá esse processo?

M.A. – Muito. O Brasil atingiu com a Argentina... O Brasil e a relação Brasil e Argentina se alteram ao longo desses anos, de uma relação predominantemente argentina como potência mais prestigiosa do que nós, para uma relação paritária, rivalista, para uma reunião de preponderância brasileira, para uma relação em que a distância é tanta, que não há nem semelhança de paridade. O que vai alterando pouco a pouco a nossa relação é, primeiro, que o Brasil ganha imenso crédito na Argentina, num dos melhores momentos da diplomacia - aí tenha sido o momento um pouco indulgente ou condescendente com a diplomacia brasileira -, que foi a guerra das Malvinas, em que há um *case study* em como uma grande diplomacia atua. Não há palavras para dizer da minha admiração pelo como

o Brasil se comportou naquilo. O Brasil sai da crise das Malvinas prestigiado com a Inglaterra, prestigiado com a Argentina, prestigiado com os Estados Unidos, reforçado no Atlântico Sul, cuidando dos interesses da Argentina em Londres. É uma coisa extraordinária. Quer dizer, o Ramiro Saraiva Guerreiro... E eu fui naquele tempo, com o Rubens Ricupero, assessores dele nesse...

M.S. – O que o senhor fazia exatamente?

M.A. – Eu era Nações Unidas nesse momento. E como tudo isso em grande parte se dava... O Brasil tem um comportamento extraordinário. Se não *our finest hour*. É o ano *of our finest hours*. Uma diplomacia inteiramente consequente, séria. E o Brasil ganha com a Argentina. Que a Argentina, a crise...

M.S. – Qual foi a fórmula, embaixador? O senhor pode falar um pouco dessa *finest hour*? O que foi que o Brasil fez, exatamente, que lhe permitiu ficar bem com todos os atores?

M.A. – O Brasil fez uma coisa, que eu achei que foi o âmago da decisão, foi o seguinte. O Brasil reconhece o direito argentino à soberania nas Malvinas, de uma maneira completamente límpida; e o Brasil repudia inteiramente a aventura militar argentina para recuperação das Malvinas. Essa é a matriz. Quer dizer, nenhuma dúvida de que as Malvinas são argentinas e um dia serão de novo argentinas; e dois, um repúdio absoluto a uma ação unilateral, truculenta e violenta, terminal de um governo militar. Essa é a matriz. A segunda coisa foi de prestar toda cooperação possível para o encontro de uma solução negociada. Se lembra que o então secretário de Estado americano, o general Haig, vem ao Brasil, à Argentina com uma grande frequência, e o Brasil conversa e aceita, sobretudo, o Brasil... Houve um momento que a solução parecia evidente, é que... Os argentinos já tinham invadido –, as Malvinas ficariam sob jurisdição das Nações Unidas. A Argentina sairia, ficaria uma tropa das Nações Unidas, e depois...

M.S. – Se negociaria.

M.A. – Se negociaria. Os argentinos não quiseram isso. Quer dizer, eles estavam numa operação literalmente kamikaze. A terceira coisa foi que o Brasil tinha de dar apoio às tropas... Navios, à esquadra inglesa que vinha para as Malvinas... É claro que eles tinham as bases em ascensão e um apoio, mas havia necessidade de apoio, também, aqui no Brasil. Então... E era uma coisa a ser feita, mas com medidas muito exatas. E finalmente, o Brasil...

M.S. – E o Brasil concedeu isto.

M.A. – Concedeu.

M.S. – E a Argentina não ficou furiosa?

M.A. – Não. Porque, ao mesmo tempo, o Brasil fazia tudo que era possível para fazer prevalecer o direito argentino no longo prazo. Em suma, é um jogo de acomodação de princípios, o princípio da soberania e o princípio da não agressão sem autorização das Nações Unidas. E termina, o Brasil fica com créditos, na Argentina, extraordinários. A tal ponto que pedem-nos para representar na Inglaterra. Suíça representa a Inglaterra. Então o Brasil é colocado, veja você, com a Suíça como um país de uma respeitabilidade para esse tipo de coisa. E nosso comportamento é extraordinário nesse período. A Argentina fica muito credora. Dois, a Argentina com as Malvinas... Falkland – Malvinas, eu sempre uso as duas coisas, para uma certa equidistância. A Argentina, ao fazer isso, se desencanta da sua europeidade. Ela se dá conta que suas amigas eram na América do Sul, o Brasil, sobretudo. E dois, eles achavam que os Estados Unidos iam preferir ela, Argentina, ou preferenciá-la sobre a Inglaterra. O que era uma ideia completamente desmiolada. Então o Brasil ganha. Terceiro, o Brasil começa a ganhar, aí sobretudo, com a solução de Itaipu. São acertos cumulativos. Itaipu eliminada...

M.S. – 79.

M.A. – Vai começando as... Itaipu, as Malvinas, Mercosul, vai gerando, então, uma espécie de mudança completa do tipo de... Eu digo sempre, é a transição da rivalidade para a sociedade. Quer dizer, uma coisa... era uma relação fundada, quanto pior for para eles melhor para mim, uma ideia de que se é mau para eles, será mau para mim. Quer dizer, é um pouco uma gradação... Que tem um resíduo, ainda, da rivalidade esportiva, mas isso é anedótico. Então, o Brasil vai ganhando terreno na Argentina e, pouco a pouco, a sua massa crítica... Começa, evidentemente, com as negociações de Itaipu. E quando o Brasil – a palavra não é triunfo, é: quando *prevalece* a ideia brasileira, de que o Brasil construirá a sua represa com o Paraguai, que ela terá dezoito até vinte turbinas, que a sua vazão será disso, disso, disso. E isso é feito. E a Argentina... Eu fui, nesse caso, três vezes, fui o subchefe da delegação do Brasil, à Conferência Mundial da Água, em Mar del Plata, que foi uma grande... Dois, eu era o alto... A palavra alto, para mim, é sempre... O alto perito governamental sobre recursos naturais compartilhados, que era um grupo que se criou na UNEP, em Nairobi. E, terceiro, negociador com a Argentina, e muito com Oscar Camilión, que era um grande amigo meu, e Expedito Resende... Então, essencialmente, o

Brasil muda o metabolismo da sua relação com a Argentina, até chegar ao ponto... E eu quando chego a embaixador do Brasil na Argentina, e antes já tinha essa percepção, que nós estávamos criando, onde havia antes uma rivalidade, o eixo essencial da paz e da segurança. O quarto elemento, que eu não mencionei, foi o desmontamento dos programas paralelos, não só nucleares, mas de mísseis. Quer dizer, aquilo tudo era uma coisa malfeita, mal gerenciada e ameaçadora. Tudo que se segue derivou desse entendimento Brasil – Argentina. Não haveria Unasul, não haveria... Nada. Tudo depende do fato de que, hoje, na América do Sul, não existe mais um eixo de enfrentamento.

M.S. – Qual a interpretação do Collor na chegada, em 90, em relação à Argentina? Ele está perfeitamente ciente de que o caminho é este, ou é necessário convencê-lo ou mesmo educá-lo?

M.A. – Eu acho que ele... Ô Matias, o Collor detestaria você, você não sabe com que força ele... Se ele conhecesse você, ele execraria você, porque você faz exatamente o tipo de comentário que ele não gostava que se fizesse. Quer dizer, ele era um pró-argentino, um pró-chileno, um pró-Cone Sul. Eu vou dizer uma coisa que parece frívola. Primeiro, porque ele gostava de esquiar; dois, porque ele gostava daqueles países, gostava de Buenos Aires, gostava de Santiago, gostava da... A ideia dele era um pouco essa. Terceiro, que ele achava que, para que o Brasil fosse respei... Era preciso isso. Mas a ideia de uma visão como você está querendo colocar, eu não creio que fosse muito a dele. Ele via no Mercosul uma maneira de romper aquele nacionalismo de barreiras que o Brasil... Quer dizer, o Brasil não abria a porta principal, mas abria uma porta dos fundos. Quer dizer, ao fazer o Mercosul, que era um *building block*, o Brasil começava um processo, inexoravelmente ia levá-lo a ser um sócio do mundo. Que é o que de fato aconteceu.

T.C. – O senhor acha que ele tinha esse objetivo, de transplantar o modelo europeu para o Mercosul, ou era algo mais intuitivo, como o senhor falou, só para...

M.A. – Mais intuitivo. É claro que ele tinha ambições de uma espécie de união, de mercado comum. Aí ele influencia muito, e eu fui a favor dele nisso, que o Mercosul... O grande debate num certo momento, entre eu e o Paulo Nogueira Batista, que éramos duas visões, a ideia do Mercosul só como zona de livre comércio. Sabe que zona de livre comércio é a mais tênue associação. Aí você pode ter várias. E eu queria que nós fôssemos para uma união aduaneira, mesmo que imperfeita, eu achava que ela geraria uma cimentação maior. Os argumentos estão bem divididos. Paulo Nogueira achava que, com isso, o Brasil se atrelava à Argentina e a outros países menores, de que nós inibíamos o

nosso desenvolvimento, que nós teríamos de fazer... Que complicava... A ideia, muito, de certos setores no Brasil é desatrelar o Brasil de compromissos internacionais. A ideia sempre é não. Não assina o TNP, não assina o Tratado da Antártica, não assina o Tratado... Não assina *nada*. Quer dizer, é um sonho de uma abstenção geral. O Brasil se abstém em tudo e fica com as mãos livres. Porque a ideia, e eu estou defendendo a tese que não é a minha, a ideia era o seguinte. Como o Brasil era fraco, tudo que ele fizer agora será marcado pela sua relativa fragilidade. Então, esperemos *to fight another day*. E eu achava, não, que era preciso iniciar uma coisa forte, um *stepping-stone*, um *building block*, que... Claro que o Mercosul não podia se rivalizar nem à União Européia nem à Nafta; mas era o sinal de que na nossa própria... Era uma espécie... A metáfora que eu usava era um navio-escola. Era um navio-escola, onde se aprendia, a preço de banana, a se associar a outros. Quer dizer, a minha ideia, sempre, é que o Brasil, com Uruguai, Argentina, etc., pode fazer coisas a preço de nada, quer dizer...

M.S. – Era pedagógico.

M.A. – Era pedagógico, sem onerar. Quer dizer, em que o Brasil podia no próprio... O único grande erro meu foi que eu achei que num certo momento o Chile ia se associar. Porque a minha convicção sempre foi que o problema central do Brasil no Mercosul é excesso de poder nosso, e não falta de poder. Quer dizer...

M.S. – Exatamente. Embaixador, a resistência ao argumento de que para que um arranjo desse dê certo é necessário que o Brasil ajude a promover instituições profundas, e não finas, esse argumento é perdedor do lado brasileiro.

M.A. – É. É verdade. Ah. Totalmente.

M.S. – Entretanto o senhor, sistematicamente, foi um advogado...

M.A. – Sempre. Sem dúvida. Da institucionalização.

M.S. – Fale disso um pouco, por favor.

M.A. – A minha convicção é de que o problema da América do Sul é a demasia do poder brasileiro. O Brasil é metade fisicamente, é mais de metade demograficamente, é mais de metade com produção industrial, é mais de metade com produção agrícola. Em suma, são doze que não fazem contrapeso a um. Então o Brasil, sem sacrificar... Nada de ingenuidades, eu não quero ceder poder, mas tem de encontrar certas maneiras de acomodação de interesses. O problema é que, sobretudo em São Paulo, há uma ideia de que qualquer associação é indesejável. Quando ela é com um forte, é porque ele é forte

demais, então, não queremos nada com os Estados Unidos. Mas não queremos nada com o Uruguai porque é fraco demais. Então não há nenhum parceiro possível. Você passa a ter uma situação de um isolacionismo necessário, porque, ou você teme ou você despreza. Então, fica difícil organizar o jogo. Então a minha convicção é de que, dada - a palavra é muito argentina - as assimetrias, e algumas são inerradicáveis, estão lá, é preciso encontrar mecanismos de acomodação e de satisfação. Os nossos vizinhos sempre se queixam da nossa insensibilidade, e não acusam o Brasil... Eu tinha um grande amigo meu, boliviano, presidente da Bolívia, que dizia: “*Marcos. Brasil sofre de imperialismo inconsciente*”. Quer dizer, é como se nós não nos déssemos conta de que o nosso movimento tem uma carga imperial. Quer dizer, não é que a gente aja para. Quase toda acusação que nos vem, quando você transmite, estando embaixador em Buenos Aires, onde você estiver, Brasília diz assim: “*Ah. Eu não tinha pensado nisso, que isso pudesse ter essa consequência lá.*” Quer dizer, a ideia é de que o outro não existe ou não existe o bastante para levar você em conta.

M.S. – Quase americana.

M.A. – Quase americana. Benévola, risonha, mas...

M.S. – Mas imperialista.

M.A. – Todo sul-americano fala que a presença do Brasil no mapa é um elefante na cama, é uma coisa... Eles têm certas teorias, uruguaias, amigos meus, é de que você sempre que olha o mapa, você entra no mapa por onde você é. Quando eu vejo a América do Sul, eu entro pelo Rio de Janeiro. Ele diz assim: “*Marcos, olha para o mapa como uruguai*”. Então você tem em cima de você, literalmente em cima de você, uma coisa imensa, em cima de você, quer dizer... Então, a sugestão dele, o próprio argentino, para você chegar ao mundo, você tem de passar por aqui. Quer dizer, nós somos... Não digo obstáculos, mas... Então, essencialmente, eu sou um defensor de uma certa medida – a palavra não é perfeita, mas... Generosidade brasileira. Uma generosidade que seja o oposto da ingenuidade. É uma generosa... Interessada generosidade. Quer dizer, como que se... E que agora surgiu um pouquinho, isso, no Haiti.

M.S. – O senhor, em algum momento, foi a favor de instâncias de supranacionalidade no arcabouço institucional do Mercosul? Ou não chegou a isso?

M.A. – Não, não cheguei a isso. Mas achava que nós devíamos nos encaminhar para algum tipo de institucionalização eficaz.

M.S. – Qual seria o modelo?

M.A. – Seria uma... Primeiro, nós tínhamos de encontrar se na parte judicial ou se na parte executiva ou na parte legislativa, nós tínhamos de começar a desenhar certas instituições. O problema, eu conheço o problema, é que se você não pode ter uma ideia de... Se você der uma ideia de pesos correspondentes, pode fazer, mas o Brasil passa, dentro do..., a ter um poder determinante. Se você cria uma ideia de cada país vale a mesma coisa, cria-se uma distorção, que é inaceitável. O Mercosul sofreu, desde o início, de um só imenso problema: ele não cresceu. O que faz a Europa possível é que ela vai de seis para nove, para doze, para dezesseis... Vai embora. O Mercosul começa com quatro, fica com quatro, continua com quatro, é quatro. Então o Mercosul... É feito uma bicicleta, ela não pedalou, então... Você não criou as acomodações internas, de distribuição de votos e tudo. O Chile era essencial. A derrota para o Chile... Porque o Chile já está muito mais adiantado em certas coisas, em tarifas e tudo. Mas o Chile teria dado à Argentina o contrapeso para jogar conosco. Então eu acho, eu sempre achei que nós tínhamos de caminhar...

M.S. – Que é o raciocínio argentino em relação à Venezuela.

M.A. – Exatamente.

M.S. – Que a Venezuela dentro do Mercosul serviria de contrapeso para a simetria com o Brasil.

M.A. – É. O problema é que, no caso da Venezuela, pode vir a aumentar a assimetria, porque a Venezuela – não chavista, mas pós-chavista – terá muito mais aproximação com o Brasil do que com a Argentina. Quer dizer, o problema nosso na América do Sul é o elefante na cama. É difícil acomodar... Como dizia um outro amigo meu, o elefante é bom parceiro, dorme; mas, se vira durante o sono, soterra você. Então eles têm...

M.S. – Embaixador, por que não, então, a supranacionalidade? Porque um problema similar enfrentou a Alemanha, na Europa. Todos os vizinhos tinham muitíssimo medo dela, logo depois da Segunda Guerra Mundial, ela se recupera economicamente de maneira primorosa, e ela entende que a melhor maneira de evitar esse sentimento é se amarrar a instituições supranacionais, onde ela concede parte da sua soberania no entendimento de que isso a fortalece, não a enfraquece.

M.A. – O problema é que a Europa é filha de traumas imensos, recentes, que determinam. A Europa é filha de duas guerras que... Civis européias. A palavra é guerra mundial, mas... A segunda foi, mas... Eram guerras civis. Que quase destrói uma... Um lugar...

M.S. – Uma civilização.

M.A. – Uma civilização. Dois, num risco soviético comunista. Terceiro, da benção americana. Então, benção americana, perigo soviético, lembrança de... No Mercosul, eu não consigo lembrar uma senhora que tenha medo de ser violada por um soldado argentino. (risos) Quer dizer, a última violação foi em 1840. Quer dizer, é uma memória histórica. Então, nós não temos a memória recente do ultraje, da violência, da destruição. Dois, nós não temos um adversário ideológico que leve a dizer: se não fizermos isso, estamos acabados. E terceiro, os Estados Unidos nunca abençoou isso. Nunca houve um Plano Marshall, levando a uma série de coisas. Nós tínhamos de gerar, nós mesmos, o nosso *momentum*. Isso não havia, porque... Havia uma boa disposição, desde que ela não onerasse... O problema no Mercosul é que todo prejudicado é categórico, altissonante e eficaz e todo favorável é discreto. Em suma, quem perde quantifica a perda, quem ganha... Eu vou dar um exemplo para você, que é ilustrativo, eu creio. Toda a produção uruguaia de arroz, *toda* –, não é o líquido exportável –, a produção uruguaia de arroz, equivale eu acho que a quinze dias do consumo brasileiro. O que é exportável equivale a sete dias, oito dias do consumo brasileiro. E nós fazíamos... Bloqueávamos os caminhões que vinham com arroz uruguaio, no Rio Grande do Sul. Quer dizer, quando você não absorve quatro dias da produção do outro, quando... Aí fica muito difícil encontrar... O Brasil não faz nenhuma acomodação porque, no Brasil, o interesse setorial específico é absolutamente eficaz; encontra um lobby lá...

M.S. – O lobby funciona.

M.A. – Funciona. Contra. E o a favor... É uma coisa difusa, esperançosa, que fica até parecendo um pouquinho retórica. Então...

M.S. – Claro. Como é que o lobby funciona, embaixador? Alguém que quer fazer lobby, por exemplo, quem produz ou importa arroz e quer fazer lobby em relação ao Mercosul, procura quem? O secretário-geral? O Congresso? O Ministério?

M.A. – Primeiro... Você tem, primeiro, uma União Parlamentar Ruralista. Deixa eu dizer uma coisa a você, vocês, que são tão estudiosos disso. O erro, sempre, no Brasil é

pensar que os partidos expressam a nossa realidade. Quem representa... O Brasil tem uma política de uma clareza legislativa extraordinária. Só que não são partidos, é o bloco ruralista, é a frente evangélica. Quer dizer, a realidade se expressa, não através de partidos, não através de agrupamentos...

M.S. - De lobbies.

M.A. – De lobbies. Já são eles lobby. Então, se eu tenho uma questão de arroz, eu tenho, primeiro, o Rio Grande do Sul -, porque o arroz, nesse caso, o uruguaio, atravessa o Rio Grande do Sul -, no Rio Grande, o governo estadual, os deputados distritais, os municípios de fronteira, as pontes que ele vai ter de atravessar, os caminhões que vão trazer; aí, com o movimento ruralista, eu tenho sempre três... desse grupo, que são duzentos e não sei quantos deputados, aqueles que estão e que vão se mobilizar. A imprensa brasileira tem um problema, que é a imprensa mais mobilizável que eu conheço, porque ela é muito grande, e muita folha, muito espaço, e pouco assunto. Então não há aquela disputa do tema. Você sempre encontra alguém que está disposto a publicar, ou advogar, ou a fazer. Então, o lobby, no Brasil, é imensamente eficaz. Primeiro porque você tem os canais muito bem feitos para ele. E o erro no Brasil é que as pessoas continuam falando aquelas letras mágicas dos partidos, que não existem. Quer dizer... PMDB então... (ri) PMDB... (ri) é como se estivesse falando... Essa ameba. Isso é o quê? Não tenho a menor ideia. Quer dizer... Agora eu sei exatamente com quem que eu falo lá dentro. Eu... Quando a coisa é genérica, todo mundo no Brasil... Eu fui o lobista principal do Itamaraty na Constituição de 88. E eu tinha uma planilhas com todas as reivindicações do Itamaraty.

M.S. – Que eram mais ou menos quais?

M.A. – Que não se permitisse que deputados e senadores ocupassem funções diplomáticas permanentes sem perda de mandato; uma série de reivindicações de status especial para nossas remunerações, determinadas formas de excepcionalidade para a nossa cobrança de tributos no exterior... Um universo de expectativas...

M.S. – Da corporação.

M.A. – Um número máximo de embaixadores fora dos quadros da carreira. Aquela coisa. E eu fui lá.

M.S. – E conseguiram tudo, não foi?

M.A. – Tudo. E, aliás, eu, no primeiro dia, consegui tantos apoios... Porque tudo que... *Ah, naturalmente, meu caro embaixador, o senhor é um patriota, vou assinar.* Então eu... Chegou a hora que eu via aquelas folhas cheias de assinatura, eu digo: mas eu sou um gênio do lobby. (risos) Por que vou perder minha vida fazendo isso quando eu sou isso. Aí tinha um almirante que fazia aquilo, também conseguia. Porque naquele momento tudo era aceitável; naquela Constituição brasileira, a não ser que fossem desaforos ou ofensas à mãe de alguém, tudo entrava. Então é... O Brasil tem uma... Uma complacência para tudo muito grande.

T. C. – Uma euforia, o senhor diria, nessa?...

M.A. – Total. A ideia de que como as outras leis tinham sido desacreditado, a Constituição ia ser... Não que ela deve ser o vértice da ponta, mas uma substituição da legislação ordinária geral. Então ficou uma constituição que é uma... É uma... Mas de qualquer maneira... Volto ao assunto. Os lobbies existem, são eficazes, e você sabe a quem dirigir. Primeiro porque, você tendo assuntos da Zona Franca, há um partido da Zona Franca de Manaus. Quer dizer, são os deputados amazonenses, paraenses. Então... O erro é ficar vendo, dizer não, fulano... Vira um caos, ninguém sabe... Não, não. É muito claro, quando o interesse é real. O Brasil... É porque aquelas palavras são abstrações, que não querem dizer nada. Agora os interesses reais, não há dúvida. Se eu for ferir um interesse do lobby da Zona Franca, eu sei exatamente quem vai estar... E aí são pessoas que têm um interesse... Nós... O Brasil é um país pouco ingênuo, não é exatamente...

M.S. – Qual foi a reação do lobby em relação à decisão do Collor de avançar radicalmente na parceria com a Argentina?

M.A. – Não foi desfavorável, não. Não foi desfavorável, não.

– Um minutinho. Vou fazer uma pausa.

[Interrupção da gravação]

M.A. – Qual era a expectativa, se... Se... Aceleração? Eu acho que você tem uma... Não era negativa. Havia vozes prudentes, *estamos depressa demais*, mas essencialmente, no Brasil, gera-se um otimismo, a ideia de que aquilo é uma coisa que está indo, há uma retórica a favor... Não, não houve, não houve, creio que, uma resistência – organizada, não. Houve, apenas, a ideia de que prazos, que já eram rápidos, passaram a ser velocíssimos. Você se lembra que o que cria o Mercosul é o Tratado de Assunção, de 91. Aí então aquilo tinha...

M.S. – Que vocês negociaram.

M.A. – Que nós negociamos. Eu era secretário-geral.

M.S. – Exatamente.

M.A. – Então nós negociamos aquilo, achando que aquilo era um grande *achievement* e que aquilo tinha de ter um período de maturação. O problema é que num certo momento, tanto o Collor como o Menem queriam que certas coisas se concluíssem em seus mandatos. Um dos problemas do mandato presidencial é que ele gera uma expectativa de prazos; você passa a ter quatro ou cinco anos, não como os cinco anos, mas os *seus* quatro anos, os *seus* cinco anos. Então, os presidentes queriam fazer coisas para que certas etapas...

M.S. – Fossem debitadas em sua conta.

M.A. – Exatamente. Quer dizer, o Collor não teve isso porque os acordos de Ouro Preto foram feitos depois do *impeachment* dele. Foi o Itamar que foi o beneficiário. Aí, na última fase, o Menem já não... Mas de qualquer maneira o objetivo era que certas grandes etapas...

M.S. – Fossem queimadas. Embaixador, qual era a relação do Collor com o Menem? O Menem avança na agenda modernizadora, à época, de maneira mais veloz. Consegue fazer terraplanagem no sistema político de maneira mais voraz do que o Collor. Qual era a relação do Collor, como é que o Collor lia o Menem?

M.A. – Olha aqui. Hoje, o Menem está tão desacreditado, que eu acho que é útil fazer um resgate dele. O Menem foi e é um animal político extraordinário. Que num país como a Argentina, um muçulmano, filho de imigrantes de La Rioja, tenha governado por oito anos e tenha passado o mandato em paz, o que é na Argentina uma raridade, tenha levado a um ciclo de prosperidade real grande, durante alguns anos, é uma coisa prodigiosa. O Menem é um homem de uma astúcia, de um... Era. Agora, está envelhecido. Mas o Menem a que estou me referindo. O Menem não tinha nenhuma das paixões do argentino aristocrata buenairense, que tinha a memória da história argentina – brasileira. Nenhuma. Ele não tinha nenhuma...

M.S. – Não havia preconceito.

M.A. – Quer dizer, Ituzaingó, Monte Caseros, Rosas quer dizer nada para ele. Ele não era um homem que vinha dessa historicidade da rivalidade. Ele era um homem... Um

mascate. Ele achava que o Brasil era um parceiro necessário. E ele se dava conta que a relação estava se alterando de maneira irresistível em desfavor da Argentina. E finalmente, o Menem gostava do Brasil. Onde há oposição ao Brasil ou rivalidade com o Brasil é na aristocracia portenha. Já saindo para Entre Rios, Santa Fé, Mendoza, onde você for na Argentina, há uma... Sobretudo na mesopotâmia argentina, há um gauchismo compartilhado, eles são a mesma coisa. Então ele, o Menem, não tinha nenhuma dessas... E sobretudo, a relação dele com o Collor era boa, cordial. Sobretudo, eles tiveram um encontro importante, que foi o mais importante dos dois, em Las Leñas, onde eles aceleram o processo de integração; mas depois o Collor entra numa agenda interna tão absorvente... O último ano do Collor, foi um ano todo, é de agonia. Mas a relação não era... Embora não houvesse entre eles uma aproximação maior. Aproximação, também, não haverá entre Collor e Itamar, que eram animais políticos muito diferentes. Haverá, sim, entre Fernando Henrique e Menem, que é uma relação... O que o Menem faz, e é uma escolha decisiva, ele escolhe como ministro das Relações Exteriores uma pessoa... O Guido di Tella, que tem pelo Brasil uma relação especial. Ele acha, não só que ele deve reconhecer que o Brasil é uma grande potência, como a Argentina não tem nenhum interesse mais em disputar esse espaço. Então o Guido di Tella é o grande homem da aceitação, pela Argentina, de um status, que, agora, culmina na frase... Eu estava em Buenos Aires agora, quando a Cristina Kirchner diz “*nós somos um sócio menor. O sócio maior tem de compreender que...*” Quer dizer, a acomodação não é mais por paridade, é por outorga do sócio maior. Então isso é todo um ciclo de... O Collor nunca teve... Com a Argentina, tinha uma relação, mas, se você quiser, com as elites, com as... Como eu disse a você, e eu estou sendo quase cruel – com a neve, com esquí, com Buenos Aires civilizada e tudo. As relações nossas, pessoais, foram diferenciadas. Havia uma, de intimidade tensa, que era a do Getúlio com o Perón. Quer dizer, o Getúlio era um gaúcho da fronteira, olha...

M.S. – Sim. Espreitando o outro com binóculo, é claro.

M.A. – E tem todas aquelas preocupações. Você tem, depois, o Figueiredo, que tem uma relação afetuosa com a Argentina porque o pai foi exilado muito tempo lá. Depois tem o Geisel, com uma relação tensa com a Argentina, de cavalariano e oficial da fronteira contra o outro.

M.S. – Silveira e Camilión, que não podiam se ver.

M.A. – Silveira... Se ver. Quer dizer, havia uma relação difícil e de... E finalmente... Estou falando agora de presidente. Quer dizer, Geisel e coisa, e depois vem uma relação amorosa, que é a do Sarney com o Alfonsín. É a relação mais benéfica para a América do Sul, possível. Os dois, inclusive, se pareciam um pouco fisicamente. Tinham maneiras de ser parecidas. Então, cria-se entre os dois uma química muito favorável entre o Alfonsín. Collor e Menem, razoável, mas sem o tempo para amadurecer. Itamar, perplexo com... Com... O Menem...

M.S. – Com o mundo.

M.A. – Com o mundo, aquela coisa toda, sem saber que diabo estava acontecendo ali. E finalmente Fernando Henrique, que é o homem que faz com a Argentina um jogo extraordinário de sedução. Falando bem espanhol, se comunicando bem, com certas matrizes de pensamento muito próximas da... E, agora, nós temos o Lula, que tem com os argentinos uma relação muito boa. E se for o Serra, que tem avó cordobesa, quer dizer, aí já é... Também fala muito bem... Em suma, há uma aproximação real. Qual foi a pergunta inicial?

M.S. – Qual era relação do Collor com o Menem. Mas está entendido.

M.A. – Menem. Era... Foi em Las Leñas, foi um encontro depois, mas não houve tempo para ser uma...

M.S. – Menem é visto como um exemplo de como modernizar e abrir a economia, ou não?

M.A. – É. É, em parte, pelo Collor, sem que o Collor fosse um grande defensor de uma paridade, uma ligação da nossa moeda com... O que acontece com o Menem... Eu vou defendê-lo, mais uma vez, aqui. O Menem quando faz a lei da chamada *convertibilidad*, ele estava no seu terceiro ministro de Economia. O problema da Argentina é que o descrédito do Estado argentino é de tal ordem, que qualquer projeto que desse ao Estado argentino autonomia de atuar na política monetária não funcionaria, porque eles não acreditavam em *nada*. O niilismo argentino é uma coisa tão profunda, que o que você... Então eles tinham de criar um plano em que eles trancassem a porta e jogassem a chave no mar. Quer dizer, a única credibilidade dependia do abandono da capacidade de ação.

M.S. – De fazer política monetária, claro.

M.A. – O problema de paridade com o dólar, de convertibilidade do dólar só funciona porque... Olha aqui, ele pode mexer? Não. Ele jogou fora a chave. Ele não tem mais o que...

M.S. – Porque não tem política monetária.

M.A. – Não tem política monetária. E funcionou razoavelmente. O azar, primeiro, porque é uma ideia estapafúrdia, você abdicar da política monetária de um país é uma... E a segunda coisa foi que os Estados Unidos atravessaram anos e anos de uma prosperidade, de um aumento de produtividade, que fizeram com que o projeto *em si*, defeituoso insanavelmente, fosse catastrófico. Se tivesse feito agora, com os problemas que o dólar tem tido, teriam sobrevivido. É claro, num certo momento, a realidade, você não consegue escapar. Mas foram, também, anos em que os Estados Unidos estavam estupendamente... Então o Cavallo é um psiquiatra que interdita o paciente. Ele diz: olha aqui, não tem jeito. Nem durante anos aquilo funcionou. Mas a... Mas eu não creio que houvesse outro caminho para a Argentina então, tal o des... Que a Argentina parte de uma premissa de que ela é insensata, de que ela é louca, de que ela é capaz de se autoflagelar. O Cavallo diz sempre, com grande ênfase, “*Marcos. Somos un país ciclotímico*”. Quer dizer, a ideia de que a Argentina sofre de uma ciclotimia. Quer dizer, como se fosse um paciente. Aliás, muita gente que eu conheço acha que a Argentina só é compreensível como uma dimensão psiquiátrica. Um país com aquele potencial ter chegado ao fundo, exige um talento à... À... *A rebours*, a contrário de... Então, relação Collor – Menem, Collor é menos... Ir à Argentina... Chile também, esqui e tudo. Havia uma ideia... Ele era visto como uma espécie de parte de uma aristocracia, de uma elite. O Collor é visto na Argentina como um *gente como uno*, quer dizer, uma pessoa que parecia com aqueles...

M.S. – Claro. Embaixador, no capítulo Argentina tem também a questão nuclear e o progresso fenomenal que vocês fazem aí, em volta a 1991, para a assinatura do acordo quadripartite. Como se dá esse processo e onde é que o jogo deve ser localizado? Para o historiador do futuro, onde é que ele tem de correr para buscar fontes? Nos seus papéis como secretário-geral?

M.A. – É, eu fui importante nisso, porque eu vinha muito de uma matriz nuclear ou de pensamento nuclear; quer dizer, eu entendia um pouco dos mecanismos. Mas, essencialmente, tem de ser encontrado em Sarney e Alfonsín. Essencialmente. O Sarney e o Alfonsín, vários encontros que eles tiveram, se dão conta de que, para eles sobreviverem, é preciso consolidar as democracias. Então isso é uma ideia, além dos

méritos que elas têm intrínsecos, de sobrevivência política de um e de outro. Quer dizer, eles não querem mais aquilo. Primeira coisa. Dois, a ideia de que os militares, no caso deles, flagrantemente, no caso nosso, potencialmente, são capazes de loucuras. Quer dizer, a Malvinas dá à Argentina a sensação clara de que você tem um poder demencial, capaz de se lançar numa aventura militar...

M.S. – Contra uma potência total.

M.A. – E com apoio da outra. Quer dizer, é uma... Com premissas tão... A ideia de que isso, com a dimensão nuclear, gera um risco inaceitável. O problema do convencional é que tiro é tiro, bala é bala, canhão é canhão; tudo isso, mais ou menos, você administra, de alguma maneira se esgota na... Mas nuclear tem uma capacidade de assustar e desarrumar. Aproveitam eles o fato de que as forças armadas argentinas e seu braço científico-tecnológico estão muito desacreditados pós Malvinas, e pós guerra suja. Quer dizer, as forças armadas argentinas estão vivendo um momento em que elas levam o país, externamente, a uma derrota humilhante: em seu próprio território, ir reclamar longe do outro. E, internamente, há uma sensação de repúdio pela sociedade. Isso é uma coisa extraordinária. No Brasil, a vantagem é que nós tínhamos feito tão pouco progresso no programa nuclear paralelo, que não havia muito o que desmontar. Você veja que o Collor, lá em Cachimbo, fecha um buraco. Você há de convir que um buraco não é a parte central de um imenso centro de desenvolvimento nuclear. Eram programas muito modestinhos, muito pequenos. O Brasil tinha, com a Alemanha, apostado numa coisa...

M.S. – Inexistente.

M.A. – Inexistente. Quer dizer... E, sobretudo, uma tecnologia nunca testada, quer dizer... Nem pelo outro, quer dizer, essa... É uma coisa tão... E oito, nove usinas nucleares ao mesmo tempo. Era uma coisa tão grandiloqüente, tão fora de escala... Então havia, de lá e cá, a sensação de grandiloqüência, demasia, desmiolamento... Então, não foi difícil desmontar o programa, os dois programas. E os programas de mísseis, que, no caso deles, nós estávamos um pouquinho mais... Embora, nos nossos mísseis, também, o brigadeiro Piva, num certo momento, tenha associado o nosso projeto ao Iraque. Quer dizer, havia a presunção de que nós estávamos com problemas sensíveis e em mãos irresponsáveis ou inidôneas. Então havia... E, dois, era o momento, ainda, em que cortar as asas do poder militar tinha um grande eco, na fase, ainda, de consolidação do poder democrático.

T.C. – Eu ia perguntar isso. A reação, que o senhor percebeu, tanto no Brasil e na Argentina, dos ministérios militares. Como eles viam esse entendimento, Alfonsín – Sarney e os militares no meio. Eles reagiam?

M.A. – Eles estavam muito desacreditados. Também os nossos. O fim do nosso regime militar foi dentro de um ciclo de década perdida, não desenvolvimento... Muito pouco a mostrar. Quer dizer, nós... O problema, nosso problema nuclear é que nós tivemos de 47, 48 em diante, até 90 e pouco, quarenta anos para se fazer uma bomba. E não conseguimos fazer nada. Quer dizer... Mísseis também. Que é muito mais... Nós não conseguimos colocar além de um Sonda 3, um Sonda 4 de múltiplas etapas. Quer dizer, essencialmente, pelo desejo de puxar para seu quintal a coisa. A Aeronáutica, a FAB, queria o controle espacial. Quer dizer, então... Eles não entendem de espaço. Eles são pilotos. É outro... É a ideia de que tudo que acontece no ar é o mesmo ramo e é uma... (risos) É como você dizer, olha aqui, eu sou agricultor, ele é mineiro, tudo que está andando na terra é comigo. Quer dizer... (risos) Você entende o que eu quero dizer? (ri) São grandes simplificações. E definição, de que o âmbito define uma expertise, que não existe. Então... Ou, não havia reação porque eles estavam muito desacreditados, desmoralizados, não havia dinheiro. E, dois, porque afiançar a democracia então, tinha uma força que não tem hoje. Não houve reação maior, sobretudo, porque nós não tínhamos muito o que mostrar. Se você vê o que é que o Brasil tinha nesse programa nuclear, é uma... Coisa de uma modéstia... Muito pequena. E também porque o programa nuclear com a Alemanha foi desmoralizante, pelos gastos, pelo não resultado e pela... Então há uma... O Alfonsín e o Sarney se aproveitam, no momento em que a sociedade civil emerge e o poder militar submerge, para fazer essas coisas.

M.S. – Embaixador, o sistema de salva-guardas que são desenhadas no começo da década de 90, no contexto do que viria a ser o acordo quadripartite, é bastante avançado.

M.A. – Muito.

M.S. – Muito avançado. Por que não assinar o TNP logo?

M.A. – Ah... Primeiro, porque o TNP é visto pelo Brasil como um exemplo nefasto de um acordo que estabelece duas categorias de Estados: *have and have-nots*. E o Brasil reage, nós todos, fundamentalmente, a qualquer condenação ao Estado dos *have-nots*. Em princípio. É uma ideia de que, na nossa mitologia nacional, nós não podemos sacrificar o futuro, o Brasil tem que poder aspirar a. Não se pode aceitar nenhuma forma... Então, o TNP tinha ideia de uma desigualdade; e acompanhado, os longos anos que o Brasil fez

uma pregação, de que tudo que nos interessava era o desarmamento geral e completo, sobre eficaz controle internacional, através... Nós tínhamos um discurso. E o TNP era a ideia de que você cristalizava e consolidava cada vez mais a divisão do mundo entre os que tinham e os que não tinham. Então, não há ninguém no Brasil, ou não havia ninguém, a favor do TNP.

M.S. – Nem sequer o Collor, com a agenda modernizante? Tendo em vista que depois se implementam salva-guardas que são tão estritas quanto...

M.A. – Não. Ah, sim. Mais. Mais estritas. A ideia de que no caso... Primeiro, a ideia, o argumento brasileiro é o seguinte. No que de fato importa, o acordo quadripartite, a ABACC, que é a Associação Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle, mais os acordos com a AIEA, mais a assinatura do Tratado de Trateloco, mais o artigo 38... Não sei quê, da Constituição federal, era uma soma de garantias, que devia satisfazer plenamente o mundo; que o TNP era uma demasia, era uma superfluidade, não era preciso. É essa a grande convicção. Dois, a ideia de que você tinha apoio para um entendimento com a Argentina, mas não para uma capitulação diante do mundo. Terceiro, que, se nós assinássemos o TNP, nós perdíamos a capacidade de alavancar a necessidade de que as potências nucleares agissem no cumprimento do artigo seis do tratado, que obriga eles a negociarem de maneira... Então, tudo isso, era a ideia de que nós não somávamos segurança ao mundo, e subtraíamos influência do Brasil. Não sei se está claro.

M.S. – Sim, claríssimo.

M.A. – Essa foi a ideia. Estou indo agora para Paris, daqui a dias, para uma reunião. Eu sou parte de um grupo, é muito prestigioso, chamado Global Zero, que é um grupo de países, de pessoas, que vão procurar, finalmente, eliminar as armas nucleares, mesmo que leve uma geração; mas... Quer dizer, que o *trans* seja a favor da... Porque o problema é que o TNP nunca pode, pôde servir como uma solução final. Ele era apenas um dedo na represa, enquanto você ganhava tempo para acabar... Que a ideia é de não podia haver um mundo permanentemente desequilibrado.

M.S. – Então vocês, agora, têm a bola toda, com Obama.

M. A. – Agora, estamos. Pela primeira vez. Mas com Obama, agora, fragiliza a eleição em Massachusetts. Isso é uma pequena desgraça.

M.S. – Ah é?

M.A. – É uma derrota tão... Tão terrível, porque...

M.S. – Ah! Claro. Sem dúvida. Perde a maioria.

M.A. – Perde a maioria e perde a maioria num voto em Massachusetts, onde há quarenta e oito anos não se...

M.S. – São os democratas.

M.A. – E perde-se a cadeira do Teddy Kennedy. Quer dizer, é... Como simbologia, é terrível. Mas de qualquer maneira... A ideia de que nós tínhamos dado todas as satisfações, todas as garantias e todas... E não precisávamos fazer mais; que, agora, a bola estava no outro lado do campo. Vocês é que têm de fazer. Esse era o argumento.

M.S. – Por que a gente assina o TNP então?

M.A. – Porque uma série de coisas começaram... Primeiro, é de que nós nos demos conta de que a África do Sul, que teve armas nucleares e se desfez delas, que o hemisfério sul como um todo, todo o hemisfério sul não tem uma singular arma nuclear – zero –, que o Brasil está cercado de países desnuclearizados e que a nossa segurança é mais atendida por essa... Que pelo fato de que um Equador tivesse uma arma nuclear. Em outras palavras. A arma nuclear elevaria o nosso nível de risco. Terceiro, que nosso acesso a tecnologias de ponta de uso dual ficaria prejudicado, se nós não tivéssemos o TNP. Em outras palavras. Eu, várias vezes, fui negociar a compra de supercomputadores para a Petrobras, sobretudo, para simulações de petróleo, ou para o INPE, para simulações de clima, que são computadores de infinita velocidade e potência, – não, não pode –, porque eles são... Todos esses computadores servem também para simulação de experiências nucleares. Então, o Brasil começou a se colocar fora do mercado de tecnologia.

M.S. – Mas isso já não acontecia no começo da década de 90?

M.A. – Mas nós não tínhamos, então, a aceleração e as expectativas. Começa a haver no Brasil, com o INPE, com a Petrobras, com uma série de empresas, e sobretudo, também na ideia de agricultura, o Brasil começa a querer saber como é que vai ser o clima, então há... E dois, a ideia é a seguinte. É que nós estávamos... *The odd man out*. Todo o hemisfério sul, toda a África, todos ali dentro, e que nós já estávamos... Quer dizer, que aquilo era apenas a cereja no alto do sundae, que passava a ser. E dois, de que o Brasil tinha feito uma coisa que não devia, que, em vez de ter armas nucleares, que até ele podia justificar, ele deu a impressão de querer tê-las. Nós tínhamos o pior dos dois mundos, nós não tínhamos armas, e causávamos a impressão que queríamos tê-las. Nós

éramos, não uma pessoa safada com aparência virtuosa, nós éramos uma pessoa virtuosa dando ares, aparência... Quer dizer, era a contradição ao fundamento. Então que aquilo gerava uma certa... E também que dentro dessa limpeza dos nossos estábulos – meio ambiente, direitos humanos, o Brasil não tinha por que –, puramente, por uma questão de teorização de princípio –, não estar no TNP. O que faz o Brasil... Eu que fui tão pró assinatura do TNP. O que faz a coisa (diferente) é que nós somos o único grande país que está no TNP e que não tem a proteção de um guarda-chuva nuclear de alguém mais. Quer dizer, a Inglaterra... A Alemanha, a Suécia, estão, mas têm acordos, NATO e tudo. O Brasil é o único país sem guarda-chuva. Desse tamanho.

M.S. – Os Estados Unidos não são guarda-chuva?

M.A. – Não. Nós não temos nenhum acordo com eles.

M.S. – Mas termos o TIAR.

M.A. – É, mas o TIAR não... Não... O TIAR inclusive está, eu creio, no momento, em processo de... Nós não temos um acordo estratégico. Não é a NATO, não é a OTAN. Nós não temos. Nós somos o único país que não tem uma... Em suma. Não pense que eu estou qualificando. Meu apoio é completo. Apenas para dar o argumento, é de que nós estamos um pouco... E dois, o argumento geral brasileiro é que o Brasil vendeu parte do seu futuro por um prato de lentilhas. A ideia, essencialmente, é de que como é que você, Marcos... Eu que sou visto muito como o patriota, o brasileiro – como é que você cedeu nisso? Quer dizer, tirou do Brasil essa possibilidade. Agora, o Brasil está... E o acordo, ao não ser implementado, a não ser o acordo seis, passou a ser um acordo opressivo.

M.S. – O senhor acredita que hoje ele seja um acordo opressivo, o que justifica a reação entre a elite brasileira de que este é um acordo ruim.

M.A. – Não. A ideia de que o acordo não... Eu entendo o desamor ao TNP. O TNP não é defensável em si. Defesa, de certa maneira, exige uma sofisticação intelectual. Quer dizer o seguinte: o mundo sem ele era muito pior...

M.S. – Do que com ele.

M.A. – Com ele. Então você tem um argumento. Se não fosse o TNP, em vez das nove potências nucleares que há no mundo, você teria hoje vinte. Seria um mundo muito mais instável, sobretudo pela aquisição por atores não governamentais. Em outras palavras. Você argumenta ele diante de uma situação pior sem ele, mas não porque ele represente em si uma virtude. Ele foi inventado para ser uma pausa enquanto se negociava

desarmamento. Como não aconteceu, ele passou a ser uma substituição. Por isso, esse Global Zero é tão importante. Eu vou ter de ser *cochair* com o ex-secretário de Estado americano, que é George Shultz. Vamos lançar essa... Quer dizer, vai ser uma grande reunião em Paris. Mas com Obama perdendo terreno e o Medvedev, que é o outro que também... E também, veja o seguinte, nós estamos reduzindo de dez mil ogivas para mil ou... O que é uma coisa... Mas mil ogivas são uma loucura de ogivas. Tudo em matéria de armas de destruição em massa, o progresso tem de ser visto contra o não progresso.

M.S. – Claro. O senhor acredita que o fenômeno que depõe mais contra o TNP seja esse, a incapacidade das grandes potências nucleares de se desarmarem, mais do que a situação ocorrida com a Índia? Ou seja, um país que está fora do TNP, que avança em direção a um artefato e que, depois de fazê-lo, é premiado pelos Estados Unidos por fazê-lo; mandando um sinal para o sistema de que, na realidade, este acordo é uma farsa.

M.A. – É, é verdade.

M.S. – E o que interessa de fato é correr atrás de um artefato. Afinal de contas, o vice-presidente da República, há quatro meses, disse que país que não tem artefato nuclear não consegue sentar às grandes mesas. Se o Brasil espera algum dia sentar às grandes mesas...

M.A. – É. Isso é um... Não é bem assim. A Índia adquiriu sua capacidade nuclear em setenta e?...

M.S. – Quatro.

M.A. – Quatro. Israel, antes disso. Agora há grandes potências, maiores. Alemanha, Japão, Itália, Austrália, que tem capacidade, evidentemente, de fazer; como hoje o Brasil tem já. O Brasil, hoje, saberia como fazer. Tem nenhuma mobilização de recursos, mas... Que nunca fez. Porque o Brasil gosta da retórica disso, mas não... Bem. Não agrada à alma brasileira a capitulação, a ideia de que nós nos auto-restringimos – aspas – em troca de nada. Não houve uma negociação. Quer dizer, o Brasil ganhou... Nada. O Brasil podia ter negociado um guarda-chuva nuclear americano, quer dizer, garantias positivas e garantias negativas. Mas não fez isso porque o Brasil não quer uma aproximação maior. Então o Brasil, hoje, tem uma posição de... Eu sou uma pessoa inteiramente a favor do Brasil ser signatário do TNP, mas por essa... A explicação requer toda essa construção, do que teria sido se não fosse isso. Quer dizer, se o Brasil tivesse, a Argentina, hoje, também teria. Estaria o Brasil mais seguro? Ou, a Venezuela se sentia legitimada, através

de contatos, ela tem dinheiro para comprar, através de paquistaneses loucos, o que seja. Então... Quer dizer, eu sou um não-proliferante, com uma espécie de medida interina de aumento e reforço da segurança internacional. Agora, sou um grande ator para que o desarmamento... O que acontece, Matias, é que a arma nuclear saiu do altíssimo prestígio da Rússia e dos Estados Unidos para a Coreia do Norte. Isso é uma coisa, hoje, que a gente tem medo que caia na mão de... Do cangaço, que pegue... Quer dizer, o desprestígio da arma nuclear é tal, que você vai chegar uma hora... Quer dizer, a Coreia do Norte tem? Tem. Você acha que ela é uma grande potência? Quer dizer, ela foi... O Paquistão. Quer dizer, a arma nuclear foi... É feito certas modas, que não desaparecem, mas vão frequentando bairros cada vez piores.

M.S. – Mas a grande lição de um país que tem um regime ilegítimo, como é o da Coreia do Norte, é que ter uma arma nuclear assegura que não haverá uma intervenção.

M.A. – No caso dela, nem é isso. A Coreia do Norte não tem espaço para poder fazer nada. A Coreia do Norte tem uma geografia diabólica. Ela tem a China, ela tem a Rússia, ela tem a Coreia do Sul, que é Estados Unidos, e, atrás, o Japão. Quer dizer... É claro que ela tem um potencial, ela pode fazer um estrago; mas ela seria literalmente – a palavra é retórica – varrida do mapa, desapareceria, faria um grande buraco. Então, é uma arma... É claro que você pode imaginar que o ato suicida extremo gera uma lógica própria, mas... Eu acho que o Brasil não estaria mais forte. Primeiro, que o Brasil... É uma coisa que... Quando se faz o argumento da... Você, ao ter armas nucleares, você pode também ser alvo de armas nucleares. Uma das coisas da pessoa dizer “*não, temos a nossa bomba.*” – Sim, senhor. Mas o senhor passa estar na mira de todo mundo mais que tem uma. Então, o Brasil passa a ser alvo. Então, tem de quantificar, até que ponto você ganha e perde. Dois. Eu tenho a impressão que o fato de nunca ninguém ter usado a arma nuclear depois de Nagasaki é porque há uma relação custo – benefício, talvez inaceitável no mundo, de uma coisa dessa. Dois. Porque é preciso, com ela, sistemas de vetores, sistemas de... É todo um universo de capacitação. Eu que sempre fui, se você quiser, muito... Achando que o TNP era parte do preço a pagar para o Brasil chegar lá, eu sou um grande defensor da política espacial. Acho que o Brasil tem um interesse legítimo, real, em ter foguetes, ter satélites, ter... Eu acho que o país não pode ser cego sobre ele mesmo. Eu, agora, vou nessa reunião de Paris, meu tema lá é a multilateralização do suprimento de urânio enriquecido. O que eu tenho tentado propor há algum tempo é de que o Brasil seja um dos pólos. Não vai dar para que cada país desenvolva seu urânio enriquecido mais. Então

o Brasil tem de criar um sistema em que, com os outros todos, na América do Sul, haja um foco de suprimento.

M.S. – Como se fosse uma Urengo do Sul.

M.A. – Exatamente, é a Urengo do Sul.

M.S. – Baseada no Brasil.

M.A. – Exatamente. No Brasil. Essa é a ideia. Que é o limite, que eu acho, do possível, para nós. E dois. Vamos ter de assinar, mais tarde, o protocolo adicional. Mas no momento não dá para assinar mais nada aqui, porque senão...

M.S. – Falemos do protocolo adicional, embaixador. Por que não dá para assinar?

M.A. – Porque a opinião pública não está com você. Numa democracia, o limite é o sentimento ou consentimento.

M.S. – Mas a opinião pública tem opinião sobre o protocolo adicional?

M.A. – Tem, tem. No momento... Não é o protocolo adicional. É a ideia de mais uma renúncia unilateral. Nós chegamos ao limite. Olha aqui. Eu sou um apóstolo da causa. Eu sei quando eu cheguei, momentaneamente, ao limites. Pelo contrário. Hoje, se houvesse a possibilidade, afetiva, era de voltar atrás do TNP. Quer dizer, o Brasil já assinou tudo, fez tudo, mas vamos criar... O Brasil sempre teve a ideia de que ele era capaz de separar o programa nuclear, mesmo as explosões para fins pacíficos, o programa Plowshare, toda aquela ideia de que... Engenharia geográficas, novos canais do Panamá... Houve um momento em que se achou que a energia nuclear era uma benesse extraordinária. Sem esquecer que quem desenvolveu a heroína foi a Bayer; e o nome heroína era uma coisa boa, não era ruim, não. Que dizer, as coisas, às vezes, nascem com um signo e viram...

M.S. – Sim. São duais. Agora, queria explorar mais a questão do protocolo adicional. Se o Brasil fosse assinar, de onde viria a principal reação negativa?

M.A. – Do estamento militar nacionalista, parlamentar, uma ligação, mesmo, de esquerda mais... Todos aqueles que acham que o Brasil não pode, unilateralmente, fazer nada que seja uma capitulação, uma renúncia ou uma diminuição do seu poder.

M.S. – Agora, se o Brasil, em assinando, pudesse avançar o argumento de que o Brasil tem todas as condições de sediar algo parecido à Urengo na América do Sul...

M.A. – Ah, sim. É uma negociação.

M.S. – Isto não seria uma capitulação.

M.A. – Não. Aí seria uma negociação.

M.S. – Seria uma qualificação, uma credencial para.

M.A. – Ah, seria. É o que eu tento fazer. Quero dizer o seguinte. Primeiro...

M.S. – Mas o senhor é a favor ou é contra assinar o protocolo?

M.A. – Sou a favor, absolutamente a favor. Não agora. Eu acho que no momento não se pode fazer nenhum gesto adicional sem contrapartida. Eu não posso dizer, olha aqui... No meu emprego, Matias, o único pecado mortal é a ingenuidade. Quer dizer, abrir mão de alguma coisa para nada. O Brasil não será um violador do TNP. O Brasil não se separará do TNP. A América do Sul é uma zona de estabilidade, estratégico para armas, extraordinária. O Brasil deu garantias constitucionais, bilaterais, regionais... Todas que é possível. O programa brasileiro é visível. Aramar e Iperó você pode ver. Quer dizer... Então, agora, fazer mais agora, sem nenhum gesto do lado de lá, eu fico...

M.S. – Qual é o lado de lá exatamente? É o desarmamento das grandes potências ou é a possibilidade de exploração industrial em larga escala das nossas reservas de urânio?

M.A. – As nossas reservas de urânio, no momento, são as sextas maiores do mundo, com apenas trinta por cento do país prospectado. O Brasil tem um potencial extraordinário. A potencialidade do urânio, num mundo que passa a ser ferozmente contra os combustíveis fósseis, sobretudo o carvão, é muito grande. De modo que há uma grande...

M.S. – Há um mercado gigantesco para ser conquistado.

M.A. – Portanto, eu não... Acho que o Brasil deve ser... Como eu disse a você. Toda a minha política hoje é que o Brasil seja sede de um pólo, latino americano ou sul-americano, de suprimento de urânio enriquecido, em combinação com quem? Os que já têm, têm programas. Os japoneses, que têm um grande projeto, a Urenco, que tem um grande projeto, e nós. O grande problema vai ser o Oriente Médio. Como é que eles vão se organizar lá dentro, eu não sei. Quer dizer, porque Israel quer uma posição inédita, que ele quer ter armas e ter o guarda-chuva, as duas coisas. Quer dizer, é complicado. E o Irã, agora, ameaça... Mas isso é uma outra... Então eu acho que o Brasil... Eu sou favor que o Brasil, num certo momento, assine o protocolo adicional. Que eu acho que não cria a nós

nenhum... Nenhuma restrição adicional. Nenhuma. Agora... O ponto é que, eu sei, nós não podemos expor uma política que quero preservar à acusação que ela é conduzida por ingênuos e por trêfegos. Em outras palavras. Meu limite é saber o que é que o país aceita, sem que acha uma reação muito grande a isso.

M.S. – Perfeito. Embaixador, antes da gente encerrar por hoje - depois, eu acho que a gente pode ter uma sessão inteira sobre a embaixada na Argentina -, eu queria saber o que acontece com o senhor, uma vez que o processo do *impeachment* já é inexorável. Essa transição. Da Secretaria Geral, no período Collor – Itamar, e de lá, para Buenos Aires. Como é essa narrativa, exatamente?

M.A. – Eu começo a me afastar do Itamaraty, porque eu fui nomeado coordenador geral das posições brasileiras na conferência Rio-92. Então vem para me substituir um grande amigo meu, que é o embaixador Felipe Seixas Corrêa, vem para substituir o Rezek um irmão meu, que é Celso Lafer. Então, é uma transição, para mim muito fácil, afetuosamente. Dois. Porque a relação com o Collor sempre, para mim, foi difícil. Cada encontro era complicado, tudo era... Era uma sensação... Aquele Palácio me parecia tão rancoroso... Sabe que a atmosfera de um palácio diz muito de como é o governo. Você chegava no governo Juscelino, aquele palácio era... Festa, quase uma... Até excessivamente. Sarney, era uma coisa cordial. Os próprios militares, com exceção do período Médici, era uma coisa... Você entrava, um certo rigor, tudo, mas não era um lugar de ódio. E o problema é que o Collor tinha um rancor, tinha um ressentimento... Havia uma espécie de... A ideia de que *eles contra nós*. Havia um pouco um nixonianismo no Brasil. O que é antiBrasil. Quer dizer, o Brasil, mesmo na fase militar, quando você tinha um amigo seu preso ou alguém ameaçado, você tinha alguém que você telefonava. *Olha aqui. Tem um problema aí. Veja o que você pode fazer.*

T. C. – Dá um jeito.

M.A. – Dá um jeito. Tinha a mulher de um general que era boazinha, tinha sempre... Havia as brasilidades operando. *Olha aqui. O seu telefonema, Marcos, o menino está muito complicado, não sei se posso fazer alguma coisa; mas, pelo menos, vou tentar mudar de coisa...* Quer dizer, haviam acomoda... No caso do Collor, havia uma ruptura entre ele e o poder político, entre ele e a imprensa. Havia uma espécie de crispação. De modo que, para mim, houve um grande alívio anímico na...

M.S. – Embora, quando o senhor foi lidar com a Rio-92, aí estava mais próximo ainda ao Collor.

M.A. - Mais dele. Mas aí ele... Nisso, ele achava que eu tinha... Ele, primeiro, achava que aquilo definiria um pouco o seu governo, que era a grande... E houve um ressurgimento do Collor. Que dava a ele uma alegria, não é? Mas surge aquele camarada, aquele motorista, durante as conferências ou um dia depois, quinze dias... Aí vocês... Foi logo depois. Eu me lembro que aquilo era um *upsurge*. E subitamente, surge um motorista, que tinha uma memória... Muito melhor que a minha. (ri) Lembrava exatamente que levou, a tantas horas, levando um envelope no coisa... Era... Tudo aquilo. Aí não dava mais.

M.S. – Embaixador, por que o Collor aceita o senhor à frente disto?

M.A. – Boa pergunta. Porque... O Antonio Carlos dizia que ele tinha por mim grande respeito. Antonio Carlos que me dizia isso. Sarney diz a mesma coisa. Mas eu nunca tive... (ri) A minha impressão é que não era nada disso, que ele olhava para mim... (ri)

T. C. – Meio curvo assim. (ri)

M.A. – Ele... (ri) Ele não gostava de mim, isso eu... A pessoa sabe. Olhava para mim com uma cara... E, tudo que eu dizia, ele achava que eu matizava, que eu qualificava. Vocês estão conversando comigo, vocês sentem que eu sou uma cabeça um pouco... Do meu emprego, do meu ofício. E ele achava isso. E, dois, eu tenho a impressão que ele suspeitava que ele não era *the real thing*. Eu sempre o vi como um impostor. Eu não acreditava nele, no que ele dizia, na... Porque eu vinha um pouco dessa matriz muito sofisticada, do Rio de Janeiro, Itamaraty... Um certo meio, um certo... Eu tenho um pouco a minha herança social, cultural. E ele não era aquilo. Ele não era um San Thiago, ele não era um Afonso Arinos. Ele não era um patricio brasileiro. Ele não era Dr. José Nabuco, ele não era Dr. Otávio Gouveia de Bulhões. Ele não era um grande brasileiro. Que eu os conhecia. Eu sei. Quer dizer, uma coisa que você nota quando você vive muitos anos é que você sabe qual é a moeda verdadeira e a moeda falsa. Quer dizer, se eu encontrar Dr. Walter Moreira Salles, ao entrar na sala, a maneira... Dr. Vasco Leitão da Cunha. Eram todos grandes patricios. Tinham os defeitos da sua classe e meio; mas tinham as virtudes dessa classe e meio. E ele não era isso. Ele queria parecer... Eu não sei o que ele era. Ele era... Ele era um homem fantasiado de... A roupa, a maneira de vestir, a abotoadura, tudo à... Ele era uma pessoa com uma... Vestido de uma coisa que ele não... Se você imaginasse ele mais um cangaceiro na alma, e com aquelas roupas todas, aquela maneira de ser. Mas não era verdade. E eu tenho a impressão que ele sabia que eu sabia que não era. Isso é um

pouco... Quer dizer... Porque os seus assessores eram mais pessoas... Também, ele não gostava muito de Marcílio. Curiosamente, Marcílio não gostava, não gostava de... (). Não podia... Eu dizia a eles...

M.S. – Como é que Marcílio termina em Washington então?

M.A. – É... Termina em Washington porque... Como é que eu terminei em Buenos Aires? É porque...

M.S. – Quero saber.

M.A. – Eu também. (ri) Isso eu não sei. O que acontece, a impressão que tinha com o Collor, é que o Collor respeitava, sabia, mas não se sentia confortável. Eu, com o Célio Borja, com o Celso Lafer, com... Eu disse, olha aqui, ele não foi bom aluno, ele não gosta de professores. Vocês são os professores. Como eu, um pouco, sou. Quer dizer, ele não foi o aluno que... Imaginou, ele encontrar o Célio Borja. Célio Borja é aquela pessoa... É o prumo, é... Toda a obra do Colégio Santo Inácio foi produzir o Célio Borja; aquela pessoa virtuosa, correta, precisa. Marcílio, que é uma pessoa... Então, ele estava cercado de pessoas que encarnavam o Brasil, o que o Brasil tem mais civilizado. E ele não tinha essa víscera, ele não... Ele era um consumidor de jet-skis, de carro, mas não... Ele... Ele não era *the real thing*, ele não era a... Então eu tenho a impressão que ele achava isso. Então... Ele, no fim, aprendeu muita coisa, há um elemento de bravura e de decoro nele. A fase final dele tem uma coisa teatral, na hora que ele vem olhar para o relógio, como se fosse dizer *estou contando as horas para voltar*. Quer dizer... Mas ali há bravura, ali há coragem, ali há... Não é uma coisa...

M.S. – Sim. Desafio.

M.A. – É desafio. Uma espécie de desassombro. Mas... Eu não sei, aí que eu fico mais complicado. Aí... Faz uma coisa aqui. Me convida, a mim, ao Marcílio... E quem mais que você perguntou mais, quem era? E o Célio. – para uma conversa sobre o Collor.

M.S. – Ótimo. Faremos.

M.A. – Como é que foi, como é que era? Marcílio, conta para ele como é que foi aquela coisa, como é que ele fazia. Quer dizer... Que, inclusive, as memórias cruzam, batem... Porque os três foram... No fim, Célio e Marcílio são quem segura a... E ele, eu nunca fui tratado de uma maneira formalmente mais correta por nenhum presidente. Se eu encontrar o Lula agora... Houve um momento, quando o Lula... Em que ele me tratava de senhor e eu, de você. Você sabe que a relação entre você e os presidentes vai se

alterando. Começa, você trata eles todos de senhor, e pouco a pouco vai dando... Até que chega uma hora que com Sarney era você – você, com Fernando Henrique era você – você. Agora... Quando chega ao Itamar, eu voltei a chamar de senhor, porque nós tínhamos...

M.S. – Por quê? Conta essa história, esse período de transição, até chegar em Buenos Aires.

M.A. – Ah... Aí foi... Foi... Foi complicado.

M.S. – Caiu o Collor. O que acontece com o senhor?

M.A. – Aí eu já estou indo para Buenos Aires. Eu já estou em Buenos Aires.

M.S. – Já está indicado. Quem lhe indica é o Collor.

M.A. – Já estou indicado. Ah sim, é o Collor, sem dúvida.

M.S. – Depois da Rio-92.

M.A. – Depois da Rio-92.

M.S. – E sua relação com Itamar nesse período é... *non-existent*?

M.A. – É complicado, é complicado. Era uma relação boa, mas o... Quando o Itamar foi vice-presidente e eu era ministro interino, quando ficávamos no governo interino... A ideia que tem um diplomata quando ele é ministro interino é de que ele está ali para cumprir rigorosamente o que o titular da pasta faria se estivesse. Então a ideia de que o Rezek ou quem fosse viajava, sabendo que eu estaria ali como se fosse ele, faria exatamente... Quer dizer, a ideia de fidelidade absoluta. O Itamar não. Itamar achava que ele era uma figura política própria e que não devia ele fazer o que o Collor teria feito, mas o que ele achava que devia fazer. Então era um problema de dificuldades de... O problema que eu tinha com o Itamar... De quem eu sou afetuosos. Ele é... Nos damos muito bem até hoje, sempre, ele é muito amável. Embora ele tenha comigo duas razões de queixa, uma, inteiramente justificada, outra não. Ele era uma pessoa... Ele não era um populista. Ele era um popular. O Itamar, o poder do Itamar deriva de que ele sente como povo. O sentimento dele é... Ele não está mani... Ele não é um Roosevelt, fingindo que ele é povo. (risos) Não é um Getúlio, fingindo que ele é povo. Ele é *the real*. Ele é o povo. Ele se sente... Tem um problema de custo de remédio. Quando nós estávamos no *pipeline* remédios, na OEA... Na OMC ou na GATT, ele disse: “não, minha mãe está com os remédios muito caros aqui, e eu estou tendo de pagar”. Ele transformou o que era um

problema de propriedade intelectual farmacêutica numa coisa... E era verdade. Era como ele sentia. Então... Nós tínhamos o problema dessa ideia de que eu tinha a fidelidade, que é muito do diplomata brasileiro à instituição e ao Estado, e ele, que era um ator político, ele talvez pressentisse que o Collor já estava acabando e que, portanto, queria fazer... Então, era uma situação difícil. E sobretudo, com o Itamar, o Itamar, de todos os homens públicos que eu convivi, é o mais inarticulado. Ele não... ele não expõe. Ele não viria a uma reunião dessa nem sob tortura. Ele não é uma pessoa que exponha. Pelo contrário. Passaria a alguém a palavra. Ele não... Ele leva essa ideia de... Aquela ideia que o Otto Lara fazia, a diferença entre mineiridade e mineirice. (risos) Quer dizer, são duas... Ele leva a coisa a uma grande... Então nós tínhamos uma...

M.S. – Quais eram os motivos dele de queixa com o senhor? O senhor mencionou dois, um justificado e um não.

M.A. – Não. Uma foi que eu vim fazer uma palestra em São Paulo, num grupo de reflexão sobre alguma coisa, e quem estava era o Luís Nassif. E num certo momento... Falou-se muito mal do Brasil, muito mal, muito mal. E eu disse: “Olha aqui. Vocês estão falando mal do Brasil demais. O Brasil não tem tido sorte. O Brasil fez um século XIX sem carvão, o Brasil fez um século XX sem petróleo, o Brasil teve um longo período ditatorial, que quando termina, o seu candidato morre antes de tomar posse. O Brasil tem um processo de substituição, e depois vive o trauma do *impeachment* do presidente da República. Quer dizer, uma democracia recém-nascida.” Então eu, defendendo, parei ali, com o *impeachment*. E o Nassif faz uma matéria no dia seguinte, longa, diz assim: “Quem tem razão é o Marcos Azambuja, dizendo que o Brasil não tem sorte. Como explicar Itamar?” (risos) Quer dizer... Aí fez uma longa história. Quer dizer, que era como se eu tivesse continuado. Eu tinha parado anos antes. Mas... Aí o Itamar queria me demitir, Fernando Henrique queria me... Em suma, grandes... Ele fez uma viagem a Buenos Aires e, de novo, fizemos as pazes. Mas aí, isso, eu fui inteiramente inocente. A segunda vez, não tanto. Fernando Henrique foi... E eu sou grande amigo do Fernando Henrique. Nós temos temperamentos parecidos. Eu e Fernando Henrique nos entendemos em nível de afetividades. Somos dois cariocas mais ou menos da mesma geração. Nos entendemos. Quando o Fernando Henrique foi eleito, eu fiquei numa grande felicidade, pelo Brasil, com um homem daquele na presidência. E uma moça, amiga minha, do *Estado de São Paulo*, chamada Mariângela Hamu, me telefona, diz: “Ah Marcos. Fernando Henrique. Que bom.” Eu digo: “Olha Mariângela, para mim, você não tem ideia do que isso

representa. O Brasil foi *upgraded*. O Brasil sai da classe turista. O Brasil vai para a classe executiva. Nós estamos num outro lugar no avião que é o mundo.” Ela disse: “Marcos, achei tão brilhante o que você está dizendo, tão verdadeiro. Posso usar isso?” Eu digo: “Pode.” E ela faz uma matéria dizendo que com o Fernando Henrique, o Brasil era *upgraded*. E o Itamar, então, enlouquece, achando que eu tinha colocado ele na classe turista. Quer dizer, e ele tem toda razão. Eu fiz a coisa pelo prazer que eu estava tendo de ver o Brasil, finalmente, chefiado por um homem... Pegar depois. Eu agora já comecei a ter aquela sensação de que eu possa...

M.S. – Perfeito.

M.A. – Foi útil isso, meu Deus?

M.A. – Excelente. MUITÍSSIMO obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

3ª Entrevista: 28/01/2010

M.S. – A entrevista de hoje a gente vai começar com sua passagem como embaixador em Buenos Aires. Fale um pouco para a gente do contexto argentino em 92, quando o senhor chega lá.

M. A. – A Argentina tinha vivido um ciclo de desmoralização nacional que é difícil encontrar paralelo, com exceção de países derrotados, literalmente, em guerras, ocupados; embora a derrota nas Malvinas tenha um pouco essa dimensão. A Argentina está desmoralizada, que ela dissipou um patrimônio de riqueza natural incomparável; ela transformou um dos países mais prósperos do começo do século XX num país... Um *failed state*, quando eu chego lá. Eles estão tão desacreditados diante deles mesmos, pela aventura militar, pela violência na repressão política, pela destruição da moeda, pela perda de status, que há uma espécie de desmoralização coletiva. Aí surge o Menem, que é uma figura nova na vida argentina. Ele é provinciano, uma província miserável... Que a Argentina sempre foi Buenos Aires, província de Buenos Aires, um pouco Córdoba, um pouquinho. Mas La Rioja, Salta, Jujuy eram coisas... Eram parte mais da paisagem do que da vida política. A Argentina adota, então, aquela ideia da conversibilidade, da paridade dólar – peso, essencialmente porque era um esquema que sugeria que eles não

podiam mais mexer. Eles abdicam, então, da política monetária; e, com isso, não é que ganhem credibilidade, mas começa a haver a ideia... O Cavallo me dizia sempre, ele repete sempre... Disse: “Você acabou com o peso?” Ele disse: “Não, não. Eu salvei o peso. O peso não existia quando eu cheguei, toda a poupança era em dólar. O peso não era aceito nem para pagar um sanduíche”. Quer dizer, ele sugeria que ele tinha... A ideia, foi uma ideia desesperada, ela não foi uma opção, ela foi um remédio heróico num paciente que estava morrendo. Teve, também, a pouca sorte de que ele se atrelou a uma moeda no momento em que os Estados Unidos entram num grande ciclo de expansão, de aumento de produtividade, de competitividade, de modo que ele tem a desvantagem crescente. Até que um momento – essa palavra *bolha* não é... explode. Mas de qualquer maneira. O Brasil chega lá...O embaixador americano nesse tempo era um homem muito interessante, era um preto americano, chamado Clarence Todman, que era um homem de grande influência na Argentina. E eu não tinha, talvez, o mesmo peso. Quando saí, o Brasil tinha o mesmo peso. Não eu, mas o Brasil tinha adquirido. O embaixador do Brasil em Buenos Aires não é um ator de política externa, é um ator de política interna; você tem uma tal influência na vida argentina, que você é uma pessoa que tem peso na política interna argentina. O Brasil, então, vivia um momento – vive desde então, não mudou – de crédito com a Argentina, que começou com o Alfonsín a Sarney, eu sempre falo nisso, que foi de fato um momento virtuoso. Dois. Malvinas, em que o Brasil tem - e eu disse a você a última vez - o seu melhor episódio de política externa. O Brasil ganha a guerra das Malvinas. Quer dizer, a Inglaterra ganha também mas sai, a Argentina perde, mas nós ficamos bem com todo mundo, e sobretudo bem com vizinhos, mostrando uma maturidade. Itaipu, nós resolvemos bem Itaipu, porque Itaipu, fazemos a nossa grande coisa, eles farão, depois, Jaciretá; mas Jaciretá, até hoje, não consegue, totalmente, ter um público. O que mostra que aquela objeção a Itaipu era retórica. Eles nunca construíram Corpus, que seria a terceira. Então, Itaipu, Malvinas, apoio. E a Argentina nesse momento se desencanta da sua conexão européia – americana. Ela se dá conta que os Estados Unidos e a Inglaterra estão unidos por séculos de união e que a aliança com a Argentina é acessório; que a Argentina, portanto, cai no colo dos seus vizinhos. A Argentina acha que... Onde está o seu, não é? Então, com isso, há um... E nesse momento começa o acerto brasileiro. Nos meus primeiros meses lá, eu recebi cinco ou seis ministros da Fazenda brasileiros, em um ano, porque o Itamar ia trocando.

M.S. – Teve quatro.

M. A. – Quatro. Então foram os quatro, como parte da liturgia do ofício: ir a Buenos Aires. E o Cavallo e o Menem disseram: “*Mas embajador, cada semana me trae usted un nuevo ministro de Economia.*” Então era aquela coisa. Até que acertamos a mão. E com Fernando Henrique na... Primeiro como ministro das Relações Exteriores e tudo, o Brasil entra num ritmo de... E as empresas brasileiras começam a ter uma presença na Argentina crescente e os investimentos, cada vez maiores. De modo que isso...

M.S. – Embaixador, como é que funciona, para o indivíduo que representa o Brasil, porque eu entendo bem que a posição de embaixador em Buenos Aires seja um posto importantíssimo de política interna, mas o senhor chega lá, não conhece as minúcias da política, ainda não conhece as *tramatis personne*, como se faz para construir essa rede tão rapidamente?

M. A. – Primeiro, você não cai na armadilha de querer ser um íntimo, um ator infamiliarizado com aqueles complexidades, os meandros da política argentina. Aquilo é um pesadelo; nem eles entendem. Uma das frases argentinas mais habituais, quando eles concluem alguma coisa, dizem assim: *Total, qué sé yo*. Quer dizer, é como se a suma final fosse: olha aqui, eu não sei. Porque são tais as complexidades, tais os elementos que entram em jogo. De modo que... não tentar ser, você tem de ficar uma pessoa que mantém uma certa distância, um certo distanciamento; e que você tenha certas coordenadas muito simples. Primeiro, você não está lá para ser um psiquiatra da Argentina. Você é o embaixador do Brasil, quer dizer, você lá é os interesses do Brasil, com grande clareza. Dois, você tem de ter – e no meu caso, certas percepções, que foram muito claras desde o início. Eu acho que um bom embaixador na Argentina gosta da Argentina. E todo país é muito sensível ao afeto de quem está de fora. Quer dizer, todo brasileiro reconhece em minutos quem não gosta do Brasil. Então, a ideia de gostar da Argentina e dos argentinos é um dado. Segundo, eu tenho uma convicção muito profunda, muito arraigada de que a história a gente muda mas a geografia não. Eu já vi muitos homens mudarem a história, poucos mudaram a geografia. Nunca vi. Você está onde você está. A frase que eu... não sei se eu disse a você. *Les peuples doivent faire la politique de leur géographie*. Os povos têm de fazer a política da sua geografia. Eu não posso, por exemplo, pensar fazer uma ponte com a Noruega. É longe. Eu não posso criar uma usina hidroelétrica com Madagascar. Então, a Argentina...

M.S. – Nem com o Equador.

M. A. – A Argentina tem a naturalidade. E sobretudo, como a Argentina e o Brasil são ligados por uma coisa extraordinária, que é um sistema hidrográfico, é uma bacia. E você ter a bacia, os rios são uma das metáforas da união: artérias, veias, caminhos. Enquanto, por exemplo, o pacto andino é construído sobre uma impossibilidade, que é uma cordilheira. Cordilheiras são obstáculos. Quer dizer, você ir de um país a outro, são montanhas, vales, túneis. Nós não. O Brasil e a Argentina, deixados, eles se interpenetram, por um processo natural de capilaridade. Então havia essa percepção. Você também tem, na diplomacia brasileira, uma expertise sobre o Prata. Se há constante na vida política brasileira é pensar o Prata. Então você tem a... Eu te disse a frase do Truman, “o que parece novo é a história que você não leu”. E nós temos no Prata a melhor diplomacia brasileira. É o visconde do Rio Branco, é Paraná, é... São as melhores cabeças nossas, operam lá. De modo que o Brasil tem uma certa coerência naquilo tudo. Então eu chego num momento que o Brasil se fortalece internamente, que a Argentina começa a tentar sair mas tenta sair dessa crise dela com uma capitulação de soberania e de auto-estima, que ela até hoje não conseguiu se redimir. Ela aceita ser um país irracional, que precisa se subordinar, distanciamos aos Estados Unidos, e proximamos a nós.

M.S. – Quem representava essa força de capitulação, de subordinação era o presidente Menem e o seu *entourage* mais próximo, não é? O Carlos Escudé é o autor daquele livro *Realismo dos países periféricos*.

M. A. – É, é verdade.

M.S. – O senhor sentia que isso se limitava ao gabinete, ou na sociedade argentina havia isto? Porque eu me lembro, à época, a popularidade do Menem com o plano de convertibilidade é enorme. E uma das principais ações de política externa que ele faz é conseguir que os Estados Unidos abdicuem do visto de argentinos para entrar lá.

M.S. – É verdade. A ideia de que os argentinos estavam tão... E de fato, numericamente, os argentinos não eram um contingente, comparado à Nicarágua ou ao Haiti, o que seja; e dois, a Argentina estava vivendo um momento de auge, de modo que as pessoas ficavam. O grande pensador dessa subordinação aos Estados Unidos, primária, e ao Brasil, acessória, foi o Guido di Tella, chanceler, que é um homem... Um grande amigo do Brasil. O que ele diz é o seguinte: olha aqui, o rei está nu. A Argentina não tem poder para se equiparar ao Brasil. O que ele sentia com clareza, ele dizia, muitas vezes, que a Argentina tinha um destino de riqueza e o Brasil, um destino de grandeza. Em suma, o Brasil seria uma grande potência e a Argentina seria um país rico. Então, ele tinha uma

distinção clara dessas duas coisas; e não tinha, portanto, nenhuma veleidade de rivalidade, disparidade, nada disso. E o Menem, por sua vez, é um homem muito esperto, então ele se deu conta que não havia dividendos para ele e que, dois, a rivalidade com o Brasil era a grande bandeira dos militares, que tinham nela a sua... Que com a Inglaterra, tinha sido desmoralizado, com os... Então, a tentativa de aproximação com os Estados Unidos através de atos de subordinação... A Argentina queria entrar na NATO, criando uma espécie de OTAN do Sul. Então houve uma ideia que a Argentina... É como se uma pessoa tivesse perdido completamente a auto-estima ou a sua capacidade de achar que sozinho decide bem. A ideia é a seguinte: A Argentina sozinha enlouquece, então nós temos de fazer toda uma série de coisas que impeçam a nossa demência. Então... Era uma política, não de criar instrumentos, mas de eliminar a potencialidade de fazer. Isso dá certo durante uns anos, extraordinariamente. A Argentina tem um *boom*. O problema desse *boom* é que a indústria argentina, que já estava frágil, virtualmente...

M.S. – Desaparece.

M. A. – Desaparece. Ela fica apenas com nichos em que havia uma tal aptidão nacional. Mas ela desaparece. E finalmente o Menem faz uma coisa certa: ele põe dinheiro nas vacas, dinheiro no campo. Um dos grandes erros históricos da Argentina é que ela sempre tirou dinheiro daquilo em que ela era produtiva para pôr dinheiro naquilo em que ela era improdutiva. Então, essa transferência do campo para a indústria, foi um pouco o peronismo, que tinha ‘contra os *terra-tenientes*’, latifundiários. Então a Argentina negou o seu destino principal, que era a agropecuária, como se aquilo fosse...

M.S. – E não industrializou o campo. Que poderia ter sido uma opção modernizante.

M. A. – Não, não. Exatamente. Exatamente. Mas não. Tirava o dinheiro como um sifão, puxava para outras coisas, que tinha um efeito acessório. Portanto, o Brasil prestigiado, a Argentina chegando ao fundo desse poço. E é um momento bom na América do Sul, que permite toda uma série de entendimentos, porque a democracia está sendo restabelecida, não há o desencanto com ela, que leva ao populismo de hoje, há uma ideia de que a democracia, convencionalmente desenhada, vai atender. Não nenhuma dessas frustrações de hoje, com emprego. Em suma, não há, portanto, nenhuma idéia... E sobretudo, a democracia, ainda é uma democracia das elites. Quer dizer, democratiza o *stablishment*. O que nós temos agora é a democratização das massas, de certa maneira, a participação dela, que traz uma turbulência, que é natural desse processo. Então o Brasil prestigiado, a situação... Aí começa a haver um outro ciclo. O presidente Itamar Franco

tinha uma relação tímida com a Argentina. Ele não é uma pessoa que goste de política externa, nem se sente confortável fora da sua brasilidade e da sua mineiridade. Mas com Fernando Henrique atingindo... O Fernando Henrique estabelece, primeiro, porque tinha uma relação de língua, de... E para a Argentina, a ideia de um presidente brasileiro que fale bem espanhol, que conheça a Argentina e a sua história, gera uma ação de grande... Então o Brasil entra nessa espécie de ciclo de entendimento com a Argentina.

M.S. – Embaixador, o chanceler Guido di Tella era, de fato, um grande amigo do Brasil.

M. A. – Era.

M.S. – Entretanto, o ministro da Fazenda, Domingo Cavallo, não tanto.

M. A. – Não.

M.S. – Nesse período, entre 92 e 94 mais ou menos, o que a gente acompanha na imprensa são acusações sistemáticas do Domingo Cavallo, de que a política econômica brasileira estava fadada ao fracasso. Ele, inclusive, chega a acusar o Plano Real na origem, de maneira muito clara, e a recomendar ao Brasil, de uma posição um pouco *lofty*, a adoção do *currency board*, da paridade. Como se dava essa relação? Como era a recepção da autoridade financeira, monetária brasileira em relação a isso?

M. A. – Não. O Cavallo achava o Brasil... Primeiro, ainda não havia a consolidação do Brasil de hoje. Era um Brasil recém... Meses, recém saído... Quer dizer, a confiabilidade do próprio Plano Real ainda não estava consolidada. Então, ele tinha uma desconfiança. Ele tinha vivido, como eu disse a você, quatro ministros do Itamar, *impeachment* Collor, tudo isso. É levar em conta que o Brasil não dava, naquele momento, a impressão que dá hoje, a ideia de... Lula, que ele não viajou para Davos como líder mundial e tudo. Isso era inconcebível então. Dois. Ele tinha tido uma opção com os Estados Unidos. Quer dizer, que o Brasil era um perturbador dessa relação. Com o Brasil, ele queria uma zona de livre comércio; mas que não fosse além disso. Ele era um grande opositor do Mercosul como embrião de união aduaneira. Não queria. Porque ele achava que havia, entre o Brasil e a Argentina, tais assimetrias, tais diferenças... Aliás, não estava errado em várias das coisas. Ele, apenas, achava que o Brasil devia seguir o modelo argentino, portanto ter também uma paridade com o dólar. Quer dizer, ele achava que o seu modelo não só era bom para a Argentina, mas era bom para os demais. E dois ou três países sul-americanos seguiram a ideia. Houve um momento em que houve uma moda

de... de estabelecer vinculações entre a moeda local. O que era fruto, como eu disse a você, de uma grande desmoralização de políticas anteriores. O Cavallo sempre teve um certo medo do Brasil, porque ele acha que se o Brasil desse uma certa guinada ou fizesse certas coisas, sobretudo, se o Brasil desvalorizasse o real, a Argentina ia... Aliás, foi o...

M.S. – Foi o que aconteceu.

M. A. – Aconteceu. Então ele tinha uma ideia de que eles estavam se atrelando a um parceiro e um sócio, não é que fosse inconfiável, mas que não tinha compromisso com a sua... Então... Assimetrias, diferenças... E sobretudo ele queria que o Brasil se atrelasse à política macroeconômica dele, e o Brasil não queria fazê-lo. Então o Cavallo... não é um inimigo, o Cavallo é um dos sujeitos mais interessantes que eu conheci. Ele é um homem de inteligência claramente superior, mas ele é...*the shining*. Ele é um iluminado. Você fala com o Cavallo, ele tem um tipo de olhar que sugere uma certeza que, para mim, bordeja o desequilíbrio. Ele não tem as dúvidas da racionalidade. Ele tem uma iluminação interior, ele vê um caminho. Ele é profético. E eu tenho muito medo de quem tem essa capacidade em estar certo. De modo que ele tinha muito isso. Mas veio de uma matriz intelectual extraordinária. A fundação mediterrânea. Ele tinha qualificações. O problema é que ele se casou com uma... Ele, primeiro, ele achava que a Argentina pesava mais para os Estados Unidos do que pesava; dois, que os Estados Unidos não iria ter o desempenho que teve na sua economia; terceiro, ele achava que a Argentina seria capaz de se reerguer. De modo que houve uma série de erros de julgamento. Mas o fato também é, durante oito ou dez anos, o modelo dele trouxe à Argentina estabilidade e a prosperidade, ao preço, o preço é que se desfez uma industrialização. Você pode dizer, era tão falsa, que ela desapareceu e não deixou...

M.S. – E o pacto social peronista também desapareceu e...

M. A. – O pacto social peronista, eu nunca soube bem o que é. Você sabe que o peronismo para mim, é uma das grandes perplexidades da minha vida. Eu morrerei sem saber defini-lo. Eu não sei o que ele é. Ele tem duas constantes, que é o populismo e é o nacionalismo. Agora esse populismo pode ser de direita, de esquerda. A única coisa que ele é, é nacionalista. O peronismo é um argentinismo. Agora tudo mais... Eu vivi peronismos de tantos matizes... A primeira vez que eu servi em Buenos Aires, era um peronismo militante, de base socialista, esquerdizante, montonero quase. E depois eu convivi com o Menem, que era uma espécie de *off shoot* do capitalismo americano. De

modo que... O que há é uma espécie de paixão pela Argentina, uma espécie de emoção, e a ideia que *la gente, os descamisados, los...*

M.S. – *Cabecitas negras*.

M. A. – *Cabecitas negras, los grasitas*. *Cabecitas negras* tem uma outra conotação. *Cabecitas negras* eles não aceitam, porque *cabecita negra* sugere racismo. *Cabecita negra* é todo aquele sujeito cujo... tem um ar de índio. A Argentina... ainda é, eu creio, em linguagem, é o país politicamente mais incorreto que eu conheço.

M.S. – Sem dúvida. E muito racista.

M. A. – Muito. Absolutamente. Porque a elite... Em certos bairros da Argentina e de Buenos Aires, e sobretudo no sul, naquelas províncias do sul, a negritude não existe, simplesmente não está. E eles têm a ideia de que aquilo corresponde a uma... Você, hoje, ali no *barrio Norte* você não vê um preto em Buenos Aires. Eles foram quase todos, com exceção, mortos. Porque houve escravidão e houve muitos, mas morreram tantos...

M.S. – Na Guerra do Paraguai.

M. A. – E, antes, na Guerra da Independência. Há uma frase...

M.S. – E na marcha para o oeste.

M. A. – Exatamente, para o oeste. Houve uma... O San Martín uma vez, e depois de umas sangrentas batalhas, disse: *pero cuantos negritos muertos*. Porque era carne de canhão, eram usados... Em suma, a Argentina tem nessa área, primeiro, de fato, uma imigração européia... E o que eles estão, agora, tendo, é um problema para eles, de difícil solução. Está entrando na Argentina uma massa crescente de *cabecitas negras* paraguaios, bolivianos e peruanos. Eles não sabem administrar isso. E sobretudo, também, no sul, há uma presença indígena mapuche importante. Quer dizer, então, a Argentina tem aquela ilha branca, europeizante, e o resto.

M.S. – Embaixador, nesse período que o senhor está lá, e principalmente no começo, tanto no Brasil quanto a Argentina entram em programas de privatização; mas a Argentina o faz de maneira muito mais voraz. Hoje em dia, olhando de trás para a frente, a gente percebe os erros cometidos na Argentina muito mais claramente do que no caso brasileiro. Entretanto, à época, isto não era claro. Houve um processo de aprendizagem brasileira com a Argentina? De que maneira o Brasil percebia a velocidade e a dinâmica da privatização, que produziu, como o senhor falou, um *boom*, que hoje a gente sabe que

foi um Fausto, mas que à época não se sabia ser um fausto; ao contrário, havia muita animação, no mundo inteiro, com o modelo argentino. .

M. A. – É. Há, na Argentina, uma liquidação. É um *sale*. Há um momento em que eles se desfazem da prata da casa, das jóias da coroa. Quer dizer, é uma liquidação. Porque a saga da industrialização, que no Brasil é parte da nossa mitologia, lá não houve. O Brasil tem a ideia de que a sua industrialização foi uma das suas grandes afirmações. Um pouco, um Bandeirantes para lá... Quer dizer, aquela indústria é o nosso sangue. Quer dizer, não havia pelo IPF, nunca, o que houve pela Petrobras. Nunca houve por nenhuma empresa siderúrgica argentina o que havia por Volta Redonda. Quer dizer, não havia a Vale. O Brasil tinha certos ícones da sua industrialização. E o Brasil, nessas horas... a nossa lerdeza é sábia. O Brasil... *vamos esperar um pouco, vamos ver...* Conversar com brasileiro, sobretudo com argentinos, os argentinos... uma conversa entre brasileiro e argentino, eles falam admiravelmente, dizem coisas extraordinárias, e nós ficamos com o olhar atônito diante daquilo. *Vamos ver...* Essas palavras nossas de acomodação, como eu disse a você, são sábias. Então, não houve. Não houve. Mas houve um momento em que parecia que eles estavam agindo com decisão onde em nós havia hesitação. Que eles estavam tomando as opções certas e com velocidade. Isso, de fato, foi muito claro. Mas nada na Argentina acabou, que deixasse neles... A industrialização na Argentina sempre foi um artifício. Não é verdade. Quer dizer, a Argentina é o seu campo. A Argentina é o seu campo e tudo que deriva dele. Você tem as sucursais de indústrias automobilísticas, você tem isso aqui e acolá, tem, em Córdoba, uma certa... Mas não há nada... Não é uma São Paulo Argentina. Nada parecido a isso. É a ideia de que é uma sociedade rural e burocrática, oficial. Mas a ideia de um mundo, como São Paulo representa no Brasil, uma espécie de pólo alternativo, não. Então...

M.S. – No Ministério da Fazenda, em Brasília, na Fiesp, em São Paulo, o senhor não sentia, com seus interlocutores, certa... não admiração, mas certa utilização da Argentina como um modelo do que poderia vir a ser o processo de privatizações aqui?

M. A. – É. Mas não tanto. Não tanto. Havia sempre a ideia de que... Havia uma certa... cassandrismo brasileiro. *Isso vai dar mal. Eles vão quebrar a cara. Isso não é uma coisa que possa durar. Nenhum país abre mão de uma das dimensões da sua soberania com tanta facilidade. Olha, isto é um ciclo...* Porque no Brasil, também, o nacionalismo não foi desmoralizado. Primeiro, porque ele não foi nunca derrotado militarmente; dois, porque nunca levou o país a uma espécie de um buraco. O Brasil, bem ou mal, vai sempre

melhorando. E a Argentina deixou de ser oitavo país do mundo para ser o quadragésimo. É uma espécie de queda brutal. Então não houve uma desmoralização de certos ideários, de certas... Terceiro, no Brasil, o pensamento nacionalista um pouco esquerdizante perdurou. Ele não capitula. Ele faz concessões, mas... O Brasil, as privatizações foram feitas debaixo de pontapés, quer dizer, a população não... A opinião pública nunca teve uma grande paixão por aquilo; pelo contrário, havia a ideia de que nós estávamos abdicando de ingredientes. E na Argentina não. Na Argentina, a ideia da corrupção, a ideia da alienação era muito maior. Então, na Argentina, durante esse período havia a ideia de assimetrias, sempre constante... Embora, como eu dissesse tantas vezes, *o que permite que o Brasil seja o grande parceiro que vocês querem é a assimetria*. Se o Brasil fosse totalmente simétrico não... Quer dizer, é porque tem um grande mercado, é porque tem grande potencial, é porque tem grande... Em suma, usem a assimetria. Mas a assimetria é sempre usada para... é uma cláusula de exceção: conosco, tem de ser diferente e tudo. De modo que houve uma certa... eu digo interesse, aqui, pelas privatizações; mas pareciam a nós renúncias excessivas. Ao Brasil, aquilo parecia que não era uma política controlada; mas eu disse a você, é uma liquidação, um fim de feira, que aquilo estava sendo jogado na xepa, fim de feira.

T. C. – Essa visão era mais geral, era mais do Itamaraty, era do empresariado brasileiro, Fiesp?

M. A. – Todos. Quase todos nós. Quer dizer, ninguém... Eu não conhecia nenhum entusiasta, dizendo aqui, *vamos liquidar o Brasil*. Quer dizer, é contra a nossa víscera. Pessoas como o Serra tinham posição ainda mais restritiva. Serra não gosta ou não gostava do Mercosul. Paulo Nogueira Batista não gostava. Quer dizer, havia um grande sentimento de que a Argentina era um mau exemplo, ou um exemplo que tinha levado longe demais boas ideias.

M.S. – Embaixador, nesse período, como o senhor já mencionou, há uma expansão do capitalismo brasileiro na Argentina e capital brasileiro passa a ocupar uma posição, na economia argentina, crescente. Como funciona essa relação com o embaixador em Buenos Aires. O embaixador em Buenos Aires trabalha como lobista também? E em que termos, exatamente?

M. A. – Não. Como lobista, sem dúvida, como um lobista, como um facilitador. A palavra não é brasileira, é um *facilitator*. É uma pessoa... uma pessoa que... Então você que tem... É que o impulso do empresário brasileiro é procurar a embaixada.

M.S. – E ligar por telefone para o embaixador.

M. A. – Por telefone, ligar para o embaixador. Geralmente, no Brasil, ainda há uma conspiração de conhecimentos inter..., então o embaixador num grande posto, Washington, que não tenha conhecimento, não conheça o presidente, da Vale ou da Usiminas ou... Fica prejudicado, porque é um *network* de pessoas. *Olha aqui. Estou pensando em fazer...* ampliar aqui uma agência, uma coisa... Itáú. *Estou com vontade de comprar aqui alguma coisa.* Então, imediatamente, você procura a... O Itamaraty tem uma reputação de probidade, que nos protege de qualquer suspeita de que, nesse processo de intermediação, haja ganho. Quer dizer, eu mediava ou intermediava negócios de centenas de milhões de dólares e nunca havia uma suspeita de que eu estivesse levado nem um trocado. Não é isso. A idéia de que você é um ator... Você representa o Brasil como abstração e o Brasil como somatório de interesses reais. O embaixador não pode ficar dizendo Brasil é... Está muito bem. Mas o Brasil é isso, isso, isso. Então você tem... O problema é que é muito mais fácil representar as grandes empresas que estão atuando, do que os sindicatos, que não estão presentes. Nas críticas ao Mercosul e ao seu desenho, dizem, olha aqui, faltou a participação do trabalho organizado. Mas não porque nós não quiséssemos. É que nenhum apareceu para agir. Nunca chegou nenhum sindicato brasileiro que dissesse: olha aqui, nessa negociação específica... O próprio Congresso tem uma posição muito pálida em matéria de política externa. Então você fica um pouco atuando de executivo para executivo e de grupos econômicos com grupos econômicos. A terceira vertente é a cultura. Mas não... Essencialmente, sindicalismo, Congresso, muito pouco. Muito pouco. E não é por falta de desejo. É que você não tem interlocutores para brincar esse jogo.

M.S. – Falando em sindicalismo, à época, havia algum tipo de relação entre o PT, em particular Lula, e a Argentina, que fosse mediado pela embaixada? Ou nada disso passava pela embaixada?

M. A. – Nada. A minha impressão desse período todo é que o PT tinha muito mais relações européias, fontes de financiamento, asilados políticos, do tempo que ficaram longe, quer dizer, a gratidão e o reconhecimento eram com o... Tinha havido, de alguns petistas, uma relação com o Chile allendiano; mas com a Argentina, virtualmente, nenhum. Os seus exílios não sendo passados lá, não havia uma lembrança reconhecida de hospitalidade. Então não havia, o PT não tem com a Argentina quase nenhuma... Você encontrava os petistas mais históricos, todos eles tinham sido professores em Nanterre,

algumas universidades francesas, na Argélia. A Argentina não foi, nesse período, um país de acolhida para petistas. Não havia muito essa sensação. E o Menem separou. O Menem era tão anti... diferente, tão... que o PT daquela época não era, que era quase polar a situação lá.

M.S. – Embaixador, eu queria falar um pouco sobre a política da política externa em relação à Argentina. Uma tensão recorrente, que qualquer embaixador brasileiro em Buenos Aires tem, é que para ele poder acessar o *network* em Buenos Aires e ter diálogo com a Casa Rosada, ele precisa ser visto pelas autoridades argentinas como alguém com quem tem jogo. Entretanto, muitas vezes, isso gera fricção entre o embaixador e Brasília. Como era a relação com Brasília, tendo em vista que a partir de 95 tem um chanceler, que é o Lampreia, que tem sérios problemas, públicos problemas com a Argentina, não é fácil o diálogo dele com seus pares argentinos.

M. A. – Não.

M.S. – Como funcionava essa dinâmica?

M. A. – Eu não quero ser injusto. Felipe tem certa antipatia com a Argentina. Eu sei que, vocês que fazem estudos sobre política externa, esses subjetivismos parecem... Não é, não. Mas são dados. A simpatia é um ingrediente essencial, uma disposição a favor. No caso de Felipe Lampreia, havia uma... Da mesma maneira que o Felipe... com o Sebastião Rego Barros é ao contrário, é uma relação com Franklin Thompson Flores, uma relação favorável, com Rubens Ricupero, uma relação favorável. Em suma, há uma argentinofilia e uma argentinofobia. De modo que é preciso levar isso em conta. Não havia uma... Todo embaixador sofre um risco imenso, que é o que nós chamamos em... geralmente a gente conhece por *localite*. É você ficar tão envolvido onde você está, que você transforma o seu local como epicentro do mundo. Você diz: olha aqui, Marcos... o secretário-geral, apareceu alguém na minha sala, diz assim: você sabe a visão que nós temos de Bucareste? Eu digo: olha aqui. A visão de Bucareste não é exatamente o epicentro da minha reflexão. Mas de qualquer maneira, cada um de nós, inevitavelmente, olha as coisas de onde está. E é uma tendência hipervalorizar sua localização. No caso da Argentina havia e há isso, há uma espécie de... A transição da rivalidade para a sociedade não se completou ainda. Primeiro, porque as pessoas pensam que a sociedade vai eliminar certos elementos da rivalidade. Um jogo entre a Argentina e o Brasil, de futebol, ou da França e a Inglaterra, terá ferocidade sempre. Política externa não foi feita para amainar paixões esportivas, não. Não é essa... Mas é a ideia de que passa haver um interesse na

sobrevida e no bem-estar do outro. A minha maior dificuldade no Brasil, sempre, nesse período, era sugerir que a felicidade argentina nos convinha. À medida em que essa felicidade não nos ameaçava mais, pela disparidade de poder, ficou mais fácil. Mas houve um tempo que felicidade significava paridade. No Itamaraty existe um antiargentinismo, é um pouco visceral, da história: o rival tradicional, a.. Eu sempre dizia uma frase, é mais do que uma frase, acho que é a verdade. Eu dizia assim: a Argentina é o único país importante em que o Brasil importa. O Brasil é importante lá. Quer dizer, Washington é importante para nós mas nós não éramos para eles. Mas no tempo que eu estou me referindo, a Argentina era um país importante, onde o Brasil era importante. Então havia uma relação, de certa maneira, *both ways*, de dois sentidos. Mas havia, você tem razão, uma certa... Varia de pessoa a pessoa. Eu tinha com o Fernando Henrique uma... ele, uma grande disposição pró Argentina. Aliás, Fernando Henrique tem uma boa disposição universal, ele é ecumenicamente bem disposto. Mas com o Argentina particularmente. Serra, um conhecimento íntimo com a Argentina, mas uma certa... E outros, sobretudo em certos setores de São Paulo, da Fiesp, a ideia de que a sociedade tem de ser tão dominada por nós... Uma das coisas que me impressiona é que nesse processo, hoje crescente, do Brasil controlando grandes setores da economia argentina, que vai de linha de eletrodomésticos, de linha branca a cimento, a aço, nós não fazemos nenhuma concessão ao sentimento do outro. Sabe que no Brasil, cada vez que vem uma empresa para aqui, ela usa o nome do Brasil. Ford do Brasil, General Motors do Brasil. Eu, durante alguns anos, me dei conta que tudo que dizia que era do Brasil queria dizer que *não* era do Brasil. (risos) A palavra *do Brasil* quer dizer que não é do Brasil. Então às vezes podia ser *no Brasil*... Mas não. Nós não temos nada na Argentina que sugira. Vale *do Prata*, Usiminas *de*...

M.S. – Austral.

M. A. – Austral. Não temos. Nós não fazemos as concessões. O Brasil ainda tem aquela espécie de euforia de mostrar que é dele, quando toda camuflagem vem de você sugerir àquele em que você está que aquilo é dele. Então há uma grande dificuldade em corrigir essa... essa disparidade. E nós não fazemos os gestos de acomodação para que... Quer dizer, hoje em dia, desde IPF até Loma Negra, até o sistema bancário, tudo é brasileiro. É quase constrangedor. Nós temos problemas com linha branca. Nós controlamos setenta por cento das geladeiras argentinas ou sessenta e cinco. Esses números tem de ser conferidos. Eu estou sendo aproximativo. Às vezes, mais que isso.

Mas nós temos a totalidade. É como... Há na Fiesp uma ideia de que não há uma acomodação, tem de haver uma capitulação. Quer dizer, então, é muito difícil. São Paulo ainda tem com Buenos Aires, ou com a Argentina, uma relação, que não é de estadista, é de... que seja uma sucursal e que dê... De modo que nós temos hoje uma... A presença do Itaú na Argentina é uma coisa decisiva, e não há nenhum banco argentino aqui. Em outras palavras. A Argentina nesses anos, eu dizia que a minha função era permitir que eles se acomodassem numa posição melhor. Quer dizer, que aquilo fosse sendo acolchoado, por sensibilidade, por... E dois, a convicção de que ao Brasil convinha uma Argentina sólida, forte. Aliás, eu estendo essa ideia a toda a América do Sul, o nosso entorno. Nada nos convém menos... Hoje tivemos um grande dia, quando o Zelaya deixa a embaixada do Brasil. (Podia tudo ter sido... um pouco)... Mas isso é bom para todo mundo.

M.S. – Embaixador, como funciona a relação do Fernando Henrique com a Argentina nesse período? Fernando Henrique passava sempre pelo Luís Felipe Lampreia para chegar ao senhor? Ou havia, em alguma instância, laço direto, do Palácio lhe telefonar?

M. A. – Havia um pouco. Quer dizer, o Felipe tinha uma legitimidade, uma proximidade, uma amizade com o Fernando Henrique, que era uma garantia. Havia o Gelson Fonseca também, que estava no Palácio. Havia interlocutores. Quer dizer, o Fernando Henrique não se inibiria de me telefonar diretamente. Mas a relação Fernando Henrique, que foi chanceler, era muito respeitosa do Itamaraty. O Fernando Henrique nunca quis parecer... O problema é que o Menem ligava para ele. Você sabe que na relação Brasil – Argentina... um dia você tem de fazer um estudo sobre a dimensão telefônica da relação Brasil – Argentina. (risos) Porque eles se telefonam, se conhecem. “*Hola Fernando. Aquí estoy. Tengo un pequeño problema, si puede ayudarme.*” A coisa se estabelece num plano... E quando a língua, como o caso do Fernando Henrique, não é um... O Itamar, haveria. Você tem uma coisa de... então você cria uma relação telefônica. E outra coisa que os presidentes têm entre eles. Eu digo uma frase, que acho que é verdade. Eu nunca sei como a próxima crise Brasil e Argentina vai começar, eu sei como ela vai terminar, que é bem. É uma relação que não permite que alguma coisa não termine bem. Então, todo conflito que há, eu sei que vai acabar bem, porque as forças de composição serão muito maiores que as de ruptura. Então, às vezes, o Fernando ligava, eu, o caso dele, sempre preferia falar muito pelo Itamaraty, pelo Felipe, pelo coisa. Mas se fosse o caso, eu digo: *olha aqui, estou ligando para te dizer que o Menem está*

desesperado. Porque quase toda crise Brasil – Argentina tem uma espécie... Não sei se estou fazendo uma digressão excessiva.

M.S. - Não. Por favor.

M. A. – Toda crise começa com uma iniciativa brasileira, tomada, exclusivamente, em função dos nossos interesses internos. Proibiu a entrada ou... taxaram-se ovos de pato. Existe. Ninguém pensou na Argentina. Aí há eco na imprensa argentina e de um setor interessado argentino, que exportava trezentos mil ovos de pato para Santa Catarina, por ano, e a quem aquilo afeta. Então há um apelo assim: *como é que faz? Estamos aqui sofrendo*. A União Industrial Argentina ou a Sociedade Rural ou o que seja se manifesta. Então há, de Brasília, a perplexidade. *Mas como? Ninguém aí pensou nisso? Por que esses sujeitos estão chateando com esse problema?* Quer dizer, como se a Argentina fosse, como dizia a Zélia sobre o povo, um detalhe. Como é que?... Aí você diz: não, olha aqui, na indústria deles, isso representa vinte e cinco por cento das exportações dele. Aí há uma tentativa de acomodação. O problema do Brasil como uma grande potência emergente mas com sistemas de sensoriamento modesto é que os outros nos são, em grande parte, invisíveis.

M.S. – Um pouco como os Estados Unidos com o seu entorno.

M. A. – Exatamente. Exatamente. *Ah. Não tinha pensado nisso. Olha, encontra uma acomodação aí possível*. Mas... Quer dizer, mas como se o outro, na sua queixa, não fosse uma ameaça, mas um irritante. *Ah. Mas que aborrecimento. Mais uma vez, gente?* Quer dizer, a sensação, sempre, é de que são uns chatos, querendo alguma coisa. Ou que você... *Não é possível que a gente não possa fazer nada sem que eles reclamem*. É essa a idéia. Então... Falar com o presidente, com grande naturalidade, porque eles se falam muito; e sobretudo, nessas democracias nossas recentes... agora diminuiu, o Brasil não foi, e fez bem não ir à reeleição do Evo Morales. Mas houve um momento em que a democracia era tão frágil que, cada posse, ia todo mundo, um pouco para abençoar aquilo. Quer dizer, é como se eles fossem... E criou-se entre eles uma comunalidade, de estilos, de temperamentos, de.... que tinha uma... uma... Então o embaixador é o embaixador do Brasil, e no meu caso, eu era um alto funcionário do Itamaraty, mas você também é o representante pessoal do presidente da República; quer dizer, você só está lá porque o presidente quer que você esteja. Nunca esquecer isso. Toda sua legitimidade, também, depende. Num sistema presidencialismo, sobretudo, onde há diplomacia presidencial, você está um pouco a... não pode ficar... Então você tem de ter uma relação de completa

transparência com o chanceler, que não pode desconfiar de você, senão o jogo não se joga, e ao mesmo tempo...No caso do Felipe, Felipe tinha uma tal autoconfiança do seu status e da sua relação com Fernando Henrique, eu dizia: não, fala diretamente com Fernando Henrique, explica isso para ele. Quer dizer, havia quase que uma indução...

M.S. – Não se sentia inseguro.

M. A. – Não. Pelo contrário. Você explica a ele melhor do que eu poderia fazer. Quer dizer, a ideia de que, na decodificação do que eu vinha dizendo, perderia alguma coisa. Então... (toma a palavra) você, que ele vai entender imediatamente. Em suma, há, em certos postos, uma situação em que você só pode ser embaixador se a confiança em você, pelos detentores do poder naquele momento, for absoluta. Senão o jogo não se joga. Ou então, exige um maquiavelismo de manobras de tal ordem, que você acaba, o tempo todo, não representando o jogo em que está, mas negociando a sua retaguarda. Quer dizer, essencialmente, você tem de ter uma... a ideia de que você é leal ao Estado, leal ao presidente e leal ao chanceler. Sem isso, complica muito.

M.S. – Embaixador, em 1995, a Argentina refunda a sua carta. Há uma nova constituição, que é uma constituição negociada no âmbito da hegemonia do presidente Menem. Há uma capitulação do ex-presidente Alfonsín diante disso, e se assegura a eleição do Menem. De que maneira isso é visto no Brasil? Ou não é visto, necessariamente, no Brasil?

M. A. – Eu não creio que seja visto como um modelo para nós, não. O Menem, não só negocia seu segundo mandato, mas contabiliza mais dois anos. Eu não saberia como foi esse mecanismo, mas há uma ideia de poder pessoal. A relação Brasil – Menem nesse período é de... é de afeto. O Menem era tão pró Brasil, tão claramente amigo do Brasil, o Menem não tem nenhum dos instintos históricos... O Rio Branco não reconheceria o Menem. Ele não é um argentino aristocrata, poderoso, *tierra teniente*, *caballero*, *portenho*, nada. Ele não tem nada que ver com isso. Aliás, se o Menem é um argentino, é uma questão um pouco até a ser decidida. Ele não tem nada que ver. Ele é um mascate sírio, fazendo bons negócios, fazendo... Ágil, esperto. Mas ele não tem nenhuma... Ele não tem a víscera do poder platense. Ele não tem nada que ver com a história que precedeu, ele nunca leu um livro sobre a história das relações Brasil – Argentina. Ele não tem...

M.S. – Outros diriam que nunca leu um livro.

M. A. – Nunca leu. Ele era, apenas, um operador, de uma astúcia, de uma... E que aceitava que a corrupção era companheira de viagem natural do poder. Só que não se dava conta que essa corrupção tem uma espécie de cota possível, uma administração, e, como dizem em espanhol, *se les fue la mano*, quer dizer, a ideia de crescente, de tolerância, de indulgência, num país que já tem... Então, a reforma da Constituição argentina não tem no Brasil... Porque naquele momento havia a ideia de uma continuidade do Fernando Henrique. Mas aí, muito menos por uma vontade de alongamento do poder que pôr temor ao Lula, ou ao PT, ainda naquela sua encarnação. A ideia brasileira é de que, com o tempo, o PT iria se fazendo parte da argamassa da sociedade brasileira; que foi o que de fato... Sempre a teoria brasileira. A tendência brasileira é o ganhar tempo. Ganhar tempo, empurrar com a barriga, ver como vai ficar. Nenhuma precipitação. Ou, como dizia o Taillerand, numa frase que até hoje é modelo de diplomacia, “senhores, é urgente esperar”.

M.S. – Excelente. (ri)

M. A. – Cada vez que pressionavam ele para fazer uma coisa, ele dizia: “senhores... “É urgente fazer isso”, ele diz: “Não, senhores, urgente é esperar”. Quer dizer que vai contra, sobretudo, o assessoramento moço da gente tem um metabolismo interno que reclama ação, então, tudo que você faz parece hesitação, procrastinação. Foi o que levou, no Brasil, um homem com a astúcia de dom João VI passar por bobo. Ele só fazia o que devia. Quer dizer... E não ia ser pressionado... No momento, o Serra está fazendo o que deve: é esperar. E não convém a ele entrar, agora, numa disputa com o Lula. Tudo que ele não quer é um jogo plebiscitário contra o Lula. Ele tem de esperar que o Lula já esteja um pouco mais desgastado pelo tempo para se dedicar... Então... Não houve, na revisão da Constituição argentina... Tinha coisas boas. A carta dava aos acordos internacionais uma supremacia, de modo que fazia o Mercosul parte da ordem jurídica argentina, acima das leis internas. A Argentina sonha com a institucionalização do Mercosul.

M.S. – Exatamente. Podemos falar disso um pouco? O senhor falou na acomodação da Argentina a uma assimetria de poder crescente. E um dos componentes centrais do ponto de vista argentino seria um Mercosul institucionalizado em profundidade, que não é a versão de Mercosul que vingou. A versão que vingou é a versão brasileira. O senhor sentia isto, esta pressão argentina.

M. A. – Sem dúvida. Sem dúvida. Eles queriam acima de tudo. Primeiro porque são sociedades... Os uruguaios queriam também. Os uruguaios, ainda mais legalistas que eles.

O poder deles, que era declinante em termos econômicos, comerciais etc., tinha de se reafirmar em função de uma estrutura burocrática que desse certo controle sobre o Brasil. Então a ideia argentina era um sistema... Primeiro, a ideia da sede. Você sabe que a América Latina tem tido entidades – não funcionam, mas têm sedes físicas. Então, o Pacto Andino, você vai a Lima, é uma senhora instituição; você vai à Cepal, em Santiago, é uma tremenda instituição. São... A fisicalidade. O que constrangia, ameaçava eles era um pouco essa coisa britânica do Mercosul, que é um clube meio informal. Quer dizer, como é que é isso? Onde está a constituição? Onde é que estão as regras? Então, eles pressionavam muito isso. O problema é que você não tinha como fazer, *one country, one road*, pelas disparidades. E você não tinha, nunca conseguimos estabelecer uma proporcionalidade aceitável, que a proporcionalidade fundada nos dados objetivos levava a um domínio brasileiro absoluto. Quer dizer, quando o Chile não entra e quando o Mercosul não cresce, o jogo da institucionalização fica prejudicado. Se é por território, o Brasil tem oito milhões, se é por população, se é por produto... Nós tínhamos...

M.S. – Todos os critérios.

M. A. – Todos. E aí sim, e aí eles ficariam no pior dos dois mundos, que era uma institucionalização que legitimaria a inferioridade. Então, era melhor ficar essa base. Ficou assim porque não se conseguiu até hoje... A entrada da Venezuela do Chávez terá esse efeito, de trazer um pouco mais de possibilidade de jogo. O problema, eu disse a você numa outra ocasião aqui, o problema do Brasil no Mercosul não é falta de poder, é excesso de poder.

M.S. – Agora embaixador, o que eu nunca consigo terminar de entender é por que, então, se o problema é excesso de poder, não houve um cálculo, nunca, no Brasil, similar ao cálculo alemão, para integração regional. Ou seja, a Alemanha tentou conseguir a hegemonia na Europa algumas vezes. Todas deram errado. Até que a Alemanha aprendeu a lição. E, se sabendo detentora de muito mais poder do que qualquer vizinho, inclusive a França, decide de abdicar de parte da soberania, no cálculo de que, ao ceder soberania, o sistema que resulta lhe é benéfico, tendo em vista que é tão mais poderosa, que é a indústria, é o coração da indústria européia. Por que isso nunca aconteceu aqui?

M. A. – É. Primeiro, não houve três grandes guerras. (risos) Eu não estou fazendo defesa didática do conflito, mas... A guerra franco-prussiana, primeira guerra mundial e Segunda Guerra Mundial, se você não aprende com aquilo, você não vai aprender com nada. Quer dizer, foi uma... Dois, havia uma possibilidade de uma moeda de troca, que

nós não tínhamos: um *deal* europeu. É que na Europa que se cria, dos seis iniciais do Tratado de Roma, a Alemanha tem a predominância industrial, a França, a agrícola. Há um *deal*. A França, até hoje, é senhora da política agrícola comum, a Alemanha... Em suma, há um equilíbrio. E os seis servem um pouco de colchão, de acomodação. No Brasil e Argentina, era difícil de fazer. E, como é que faz? Quer dizer, o Brasil é uma grande potência agrícola, é a maior potência industrial, então nós não tínhamos a moeda de troca. Quer dizer, não havia uma capitulação possível. Quer dizer... Eu abro mão de quê, em nome de quê, por quê? E sobretudo, não parecia haver urgência, pela ausência da tragédia. Eu disse a você numa outra reunião, o Mercosul sofre de ausência de motivação dramática. Você não teve guerras, você não tem ameaça russa, você não tem o apoio americano. É uma ideia que brota da cabeça de certas pessoas, quase como um artifício.

M.S. – Não ganha raiz.

M. A. – Não ganha raiz. Não tem nenhuma... Não há ninguém, não há um partido mercosulista, não há uma divisão da opinião entre mercosulistas e isolacionistas. Todo mundo está mais ou menos de acordo. *É... Boa ideia, mas... com certa desconfiança – esses camaradas não são muito confiáveis, vizinhos... Vamos ver como é que a gente faz isso.* Em outras palavras, nós não tivemos os incentivos, que vieram de tal destruição, que aquilo gerou uma espécie de nova religiosidade na Europa, que é uma identidade. No Brasil, mais ou menos, ninguém tem medo dos seus vizinhos. O próprio Chávez. *É uma bobagem mas não... não passará disso.* Em relação... Uma das coisas que mais me fascina, eu tenho escrito sobre isso, é que nós somos países de grande turbulência externa? e de imensa estabilidade externa. A história da América Latina, do Sul, sobretudo, é uma história de uma moderação em relação a fora. Se eu chegar à Europa hoje e entrar numa loja, aquelas lojas que vendem mapa, e pedir um mapa da Europa de 1960, ele não me adianta para nada; se eu pedir um mapa da América do Sul de 1960, está perfeitamente atualizado. Quer dizer, nós temos sido uma grande... Para dar um outro exemplo a você. Na agenda do Conselho de Segurança, que é mais ou menos um jornal das crises mundiais, a América do Sul quase não... não tem nada. Nada, nada. Tem Malvinas, tem um ou dois episódios, Chile e Argentina, num certo momento, por... antes da intervenção papal... Aí começa a fazer...

M.S. – E depois vai para a década de trinta. Chaco.

M. A. – É. Aí tem Equador. Tem o Chaco. O Equador, Peru e aquela coisa. Mas são coisas...

M.S. – Que nem chegam ao Conselho de Segurança.

M. A. – Nós somos de fato... Em outras palavras. A retórica nossa de fraternidade é mais ou menos verdadeira. Nós somos... Cada reunião que eu vou com latino americanos... *“Hola Marcos, qué tal? Que gusto verte, como está usted?, como está tu presidente?... Como está tu presidente?”* Como se fosse... (risos) como se fosse uma pessoa... Há uma intimidade, uma... É isso, essencialmente, a... Então o Mercosul, sem crescer em número de sócios, vai ser difícil criar alguma coisa de institucionalizável. É claro que a parte jurídica é um pouco mais fácil, que nós, ao contrário da Europa, já temos muito mais homogeneidade de pensamentos. Deixa dar um exemplo para você. Eu nunca fui a Bruxelas sem a sensação de que aquilo é uma casa de loucos, linguisticamente, juridicamente, culturalmente; entre a Grécia e a Noruega, meu Deus, não há nada em comum, entre Portugal e a Suécia. Eu chego numa reunião do Mercosul e eu estou numa reunião de família. Em tudo. Nós somos parecidos. Quer dizer, maneira de ser... *“como está Lopita, como está Carmem, como está Liliana, no veo a tu mujer..”*. (risos) Quer dizer, acaba uma coisa de.... Nós somos...

M. A. – De *coterie*.

M. A. – De *coterie*. De intimidades, de... Porque nós fazemos, de fato, parte de uma comunidade cultural-jurídico-política. Quer dizer, com todo o desprezo que uns têm pelos outros, *“esos negritos brasileiros, qué van a hacer con ellos, estos señoritos argentinos...”* quer dizer, há um... Mas nós temos uma.. Nós somos uma parte do mundo com elementos. Então não se consegue institucionalizar porque as disparidades entre os quatro não permitem que quatro... Eu não consigo imaginar nenhuma fórmula. Que, se for para refletir as realidades do poder, você institucionalizaria a supremacia brasileira, e ninguém quer institucionalizar. Então, é melhor deixar vago, fluido tudo. Se for para ter uma ideia de cada um vale o mesmo peso, é uma coisa de uma tal ingenuidade política, ninguém aceitará isso, que o Brasil vai ficar refém do Paraguai. Então há um momento em que você não consegue ir além, que o Chile não entrou... O Chile teria sido o deflagrador, porque o Chile traria... Mas o Chile já estava tão avançado...

M.S. – Na sua liberação (comercial).

M. A. – Que não queria estar. Mesmo a nossa tarifa média era inaceitável para o Chile.

M.S. – Claro. Muito bem. E nós passamos para Paris.

[Interrupção da gravação]

M.S. – (.....) passando para Paris. Como se dá o processo de mudança?

M.A. – Eu tinha chegado há quase seis anos da embaixada em Buenos Aires. E Buenos Aires é uma embaixada em que há um elemento de risco. Seis anos, tem mais ou menos um limite. O problema da longevidade do diplomata no posto é que ele adquire uma tal cumplicidade com o lugar em que ele está que a sua própria objetividade sofre um pouco. Quer dizer, você acaba... E também falta aquela... Quer dizer, a renovação é para tudo. Quer dizer, era uma boa ideia fazer uma troca de guardas ali. E tinha... Você sabe que no Itamaraty surgem janelas de oportunidade, e abriu e vagou-se (isso tinha sido antes) uma possibilidade, que o Felipe Lampreia me telefona em nome de Fernando Henrique, “*olha aqui, a embaixada em Roma está disponível.*” Isso, um ano e meio antes. Digo: “olha, eu não estou com vontade de sair de Buenos Aires para Roma. Roma é um encanto, aquela casa é uma maravilha, tudo isso, mas eu não estou ainda naquele *mood terminal*”, quer dizer, de... em francês se diz *finir en beauté*. Quer dizer, você é aquela coisa maravilhosa e não... Eu preferi ficar. Vamos ver se uma coisa mais desafiadora. E me telefona, depois, o Felipe Lampreia de novo, diz: “Olha aqui, Marcos. Há a oportunidade agora de vagar a embaixada em Paris”. Eu disse: “Ah! Então... muito prazer. Paris é...”

M.S. – Por que Paris, e não Roma? A minha impressão é que Paris também era...

M.A. – É, tem essa mesma *beauté*, mas Paris importa mais que Roma, porque a embaixada em Roma não é o consulado geral em Milão. Roma é uma capital política mas nunca teve a centralidade, na Itália, que Paris tem para a França. Há mais densidade na relação política Brasil – França através de Paris do que... Você sabe que, em Roma, o que me interessaria muito seriam coisas como a FAO, que não está nas mãos da embaixada em Roma. Toda a parte comercial e empresarial, todos os investimentos vêm de Turim, de Milão. Em suma, Roma é, eu não quero dizer ornamental, mas tem um elemento de... Agradabilíssimo, sensacional e tudo, Deus sabe que é um encanto, mas não era, exatamente, o que eu estava... E Paris era mais um desafio desse tipo, tendo a agradabilidade e a beleza e tudo que tem Roma. Então eu fui para lá. Era antes, meu predecessor foi o Carlos Alberto Leite Barbosa, que é uma pessoa de grande sagacidade, grande astúcia, e tinha como seu número dois então, que foi ministro conselheiro meu três anos e meio, o Mauro Vieira, que depois foi embaixador em Buenos Aires e agora

será embaixador em Washington. Tudo isso são passagens de bastão. Então, a passagem se deu por isso, surgiu uma janela de oportunidade, o meu tempo de Buenos Aires estava mais ou menos... Tinha sido uma missão muito bem sucedida, eu saí, não *eu* fui o autor, mas as circunstâncias permitiram que eu saísse com o Brasil num patamar muito maior, então eu fui, como sempre, beneficiário de um círculo virtuoso. De modo que fui para Paris com prazer; mas mudando muito de... Na Argentina, eu era importante por ser apenas o embaixador do Brasil. Bastava isto. E na França eu teria de ser o meu próprio inventor. Na França, o embaixador do Brasil é uma pessoa que se autocría, senão... Ele é correto, é o embaixador, mas não é um ator na vida... E eu vinha de uma situação em que ligar para o presidente da República, ligar para o ministro da Economia, ter influência, os jornais, tudo que eu dissesse, ser coberto, era da natureza... E em Paris não. Em Paris, sobretudo, de dez, onze anos atrás, que o Brasil não era ainda o que é hoje. Hoje já seria... eu qualificaria o que eu estou dizendo; mas, mesmo assim, não é a mesma coisa.

M.S. – Qual era a missão? Se é que havia missão. Ou era, simplesmente, gerenciar o dia-a-dia dos negócios da embaixada?

M. A. – A missão era... Nós temos um sistema de instruções, que vem de um tempo que você mandava coisas para embaixadores que iam num navio a vela, ficavam meses sem contato; mas hoje, as instruções, elas, apenas, são uma espécie de grandes linhas. Aliás, o seguinte, a relação Brasil – França era exemplar em muitas dimensões, com um grande problema, que era o problema do protecionismo agrícola. A Europa não tem uma política agrícola; a França tem e obriga a Europa a seguir. Quer dizer, toda a... A França é protecionista onde o Brasil é altamente competitivo. Então, primeira função era tentar ver se conseguia-se fragilizar isso. A segunda era ver se conseguimos estabelecer uma relação, em que os investimentos franceses no Brasil eram imensos, os investimentos brasileiros na França eram mínimos. Primeiro, porque a França é muito cara de se estabelecer, muito difícil de entrar, e terceiro, porque nós não tínhamos ainda cacife. Então, provocar que certas empresas... Terceiro era fazer com que a nossa pauta de exportações para a França fosse uma pauta menos colonial, quer dizer, menos... que tivesse mais... um certo equilíbrio. E quarto era criar, aproveitando o fato de que entre a França e o Brasil existe um fascínio recíproco... Os dois países são apaixonados pela caricatura um do outro. O Brasil ama uma França e a França ama um certo Brasil. Tanto o que nós amamos lá como o que eles amam aqui existe, mas nós sacrificamos o resto por um amor exclusivo. Por exemplo, a França para nós é cultura, é civilização, gastronomia,

um estilo de vida, a historicidade... Em suma, não é que o brasileiro ignore a *Aeroespaciale*, as tecnologias, mas aquilo não entra no desenho da imagem. Eles não ignoram o Brasil como grande potência, mas o que eles acham é a vitalidade, a alegria, a *joie de vivre*, a sensualidade... Em suma...

M.S. – O tropicalismo.

M. A. – O tropicalismo exuberante. Então nós temos um *love affair* recíproco mas baseado numa caricatura, que é difícil mexer porque ela não é pejorativa. Olha aqui uma coisa, não me fale tanto agora, por exemplo, da Embraer. A Embraer não acrescenta a minha... Como dizia o De Gaulle, “*j’ai une certaine idée de la France*”, eu tenho uma certa ideia da França. Nós temos uma certa ideia da França e eles têm uma certa ideia do Brasil. Toda pessoa que eu recebia em Buenos Aires ia a Buenos Aires fazer tal coisa. *Marcos, estou chegando aqui porque estou fazendo um investimento em Mendoza, estamos comprando uma vinha, estamos fazendo isso ou aquilo.* Todo brasileiro vai lá com uma... Um objetivo. Na França, quase todo brasileiro vai, expressamente, para *não* fazer nada.(risos) Quer dizer, a ida não tem nenhuma justificativa a não ser ela em si. O problema é que... Pelo contrário, a ação quase que perturba a perfeição do não. Então, havia essa... Então, aproximação, equilíbrio de investimentos, solapar um pouco o protecionismo agrícola, estabelecer uma relação mais densa, de certa maneira, escapar dessa caricatura, mostrar que o Brasil ia, certamente, além disso. Então essa é um pouquinho... eram as linhas gerais. E também, como há... Sabe que no século XIX, as instruções de um embaixador diziam assim: ‘você fará isso, isso, isso’. Diz assim: “Tudo mais deixo ao tino, à experiência e à sagacidade de vossa excelência”. Quer dizer, havia a ideia de que a missão tem um elemento que depende da subjetividade do agente. Então havia um pouco essa ideia. Sobretudo havia uma relação, que já estava boa porque a relação Chirac – Fernando Henrique já era boa; como ficou melhor depois, Jospin, nos dois níveis, presidencial e primeiro ministro; e depois, o Lula herda e consolida isso, primeiro com o Chirac, depois com o Sarkozy. É uma relação... E sobretudo... Você me perguntou sobre a influência da Argentina, PT, que eu disse que era pequena. Mas França – PT, é imensa. Aí, quase todos tinham sido professores, quase todos tinham sido asilados. Havia... A França e o Brasil, como eles têm crises não simétricas ou não sincronizadas, um serve para o outro. Quer dizer, durante a guerra, a França encontra no Brasil refúgio e proteção, durante os anos militares, o Brasil encontra na França... Em suma, nós estamos... Para um francês, vir para o Brasil para escapar de perseguição é quase tão

natural como um brasileiro perseguido imaginar ir para a França. Nós temos essa ideia de complementaridade.

M.S. – O senhor recebia representantes do PT ou da esquerda em geral na embaixada?

M. A. – Ah sim, sem dúvida. Já, quer dizer, que a virulência está começando a se dissipar, como eu estou falando a você, entre 97 e 2003. Pelo contrário, recebia o próprio Lula, que quando ia com Marco Aurélio, almoçávamos juntos. Quer dizer, pela aquela brasilidade, que permite, a não ser nos momentos mais extremos, que a convivibilidade sobreviva. No Brasil, é de mau tom deixar que divergências políticas contagiem relacionamentos pessoais. Eu vou dizer uma coisa meio machista. Sobretudo entre homens. Mulheres tendem a guardar mais um ressentimento e acham que essa conciliação não é sinal de sabedoria política, simplesmente falta de caráter. *Ah. Você acaba se dando com todo mundo. O sujeito é um bandido mesmo. Esqueceu o que ele fez.* (risos) A ideia de que o ressentimento reside mais na memória feminina. Porque nós temos outras moedas de troca, e elas não. *Se lembra que ele fez isso?* Quer dizer, a memória fica mais intacta. Então. Há uma grande relação com a... E eu tive uma sorte, que, logo depois que eu chego, pode-se montar um salão do livro sobre o Brasil, é o Salão Anual do Livro, na França; e isso permitiu convidar quase todo mundo que no Brasil escreve e pensa, para apresentar sua obra; e, com isso, houve uma grande... Ruth Cardoso, que foi também, de quem eu era grande amigo. Ruth é uma pessoa querida para mim, em todas as dimensões. Embora eu tivesse com ela uma tentação, sempre demoníaca, de contraditá-la, porque ela tão virtuosamente correta nas suas opiniões políticas, que eu tinha um desejo de defender as causas mais disparatadas: não apoio ao livre consentimento para casar, a valorização da escravidão... Em suma, qualquer coisa que causasse nela um choque, diante da sua correção. (risos) E o Brasil começa, já nesse momento, a dar sinais crescentes desse acerto cumulativo, que vem de muito tempo. Vem de muito tempo. O Brasil, se não fosse a grande desgraça da morte do Tancredo naquele momento, teria tido antes isso. Mas a morte do Tancredo é um ato de uma crueldade... Uma democracia que se estabelece e que perde o seu líder necessário, é quase inacreditável que isso possa acontecer. É um sinal de que Deus não era brasileiro, detestava. Em suma, essa aproximação cultural se faz, muito grande. E eu, o que eu procuro fazer, tendo eu uma certa francofonia dentro de mim e uma francofilia dentro de mim também, é levar tudo isso a... Então, você usar todos os instrumentos. Primeiro, um dos problemas que eu encontrei lá e tenho até hoje, todos

temos, é que a história Brasil – França pesa tanto, que você tem uma tendência a se historificar. Em Buenos Aires, um pouco isso também. *Você se lembra quando Sans Peña veio, ou quando o general Roca veio, o general Justo.* Quer dizer, nós temos muita rua com nome um do outro. Aqui no Brasil, até edifícios. Eu moro na Praia do Flamengo, eu saio de... Stéphane Mallarmé, ao lado do Charles Baudelaire, La Tour de Bois. Quer dizer, é tudo... tudo isso é uma francesidade. Eu tinha um amigo meu francês que diz que a erudição brasileira está no nome dos prédios, que nenhum prédio na França tem nome de poetas obscuros franceses. Nós somos uma... Mas de qualquer maneira. Então, há essa aproximação historicista. Dois, usando uma série de elementos de apoio: a Academia Brasileira e a Academia Francesa, modelada uma pela outra, o que dá uma certa ressonância ao que você faz; dois, a ideia de que correspondentes jornalistas brasileiros, lá e cá, tinham uma longa tradição de conhecimento recíproco; terceiro, um pouco o que eu sempre, por temperamento, gosto de fazer: procurar os melhores do Partido Socialista e os melhores da direita e estabelecer... Eu tenho, tenho até hoje, três grandes amigos socialistas franceses, que são homens de uma imensa... Quer dizer, o Dominique Stroschane, que é uma das pessoas mais brilhantes que eu conheço, mas sou muito amigo também do Claude Trichet, ex-presidente do Banco Europeu, do Claude Allegre, que é um grande amigo meu, que era ministro da Educação e Ciência e um dos grandes cientistas franceses e grande autor. Jacques Lang, que é uma brilhante... Também socialista. Mas... Hubert Védrine, que é um chanceler de grande talento. Em suma, procurar, na esquerda e direita, os mais brilhantes. O bom da grande inteligência é que ela é quase sempre desvinculada do extremismo e ela, quase sempre, se encontra perto do centro e mais para o alto. Quer dizer, a posição dela é mais alta e mais central, então dá para conversar e dá... e sobretudo quando a causa é uma causa transparente. A relação Brasil – França tem... Um exemplo. Eles tinham um porta-aviões para vender. E um dos problemas que existe é a quem vender um porta-aviões. Primeiro, os países muito poderosos já têm porta-aviões. Depois, tem países que pagariam muito, mas é arriscado vender - um porta-aviões para o Irã, não é uma boa ideia vender um porta-aviões para a Indonésia. Em suma, o freguês é complicado. O Brasil é um freguês perfeito, porque ele não representa uma ameaça; então, o Brasil é visto pela França como um lugar em que eles podem vender, sem riscos maiores. E também, uma outra dimensão que eu tinha, desde o início, é da nossa vizinhança física. O Brasil e a França têm... A França tem com o Brasil a maior fronteira que ela tem com qualquer país, quer dizer, mil e poucos quilômetros, na Guiana. Então, eu organizei logo uma visita do Chirac com o Fernando

Henrique, para tentarmos criar, finalmente, uma ponte sobre o Oiapoque. Porque eu tinha estado muito perto, várias vezes, do Chui. Então achei que eu podia, literalmente, pessoalmente, fazer um vôo do Oiapoque ao Chui e fazer uma aproximação. O Chui é um riozinho, dá para atravessar quase caminhando. Mas o Oiapoque é uma coisa mais importante. Então a ideia de aproximação, usando um pouco retoricamente: não importa muito para nós, não importa muito para eles; mas, uma das minhas grandes paixões é o Tratado de Cooperação Amazônica.

M.S. – O senhor participou dele?

M. A. – Eu participei.

M.S. – Com Ricupero?

M. A. – Várias vezes, nós tivemos... E nós não conseguimos dar vida a isto porque, primeiro, o Brasil fica preocupado com a Amazônia como ideia mas não faz quase nada; e dois, em vez de trazer o tratado, que já veio para o Brasil como sede, para Manaus ou para Belém, põe em Brasília. Quer dizer... Então, é você não querer... E o Brasil... Quer dizer, é uma digressão. A França é um bom sócio amazônico do Brasil. Primeiro, porque tem a tecnologia, dois, porque tem a presença, e terceiro, porque o Brasil tem de encontrar a ideia de que a Amazônia não pode nem ser internacionalizada, nem é nossa. Ela é de um condomínio de países sul-americanos. Então a minha... Com a Amazônia, eu sou um regionalista, e não um internacionalista. Então volto aos meus temas. Cultura, Guiana, Amazônia, combate ao protecionismo agrícola; e, na França, tem uma organização internacional importante, que é a organização de sanidade animal, então o Brasil precisava... Isso, trabalhei muito com o Prattini nisso, para que a febre aftosa fosse dissociada ao Brasil. Ou, pelo menos, do Brasil...

M.S. – Que vende.

M. A. – Que vende. Quer dizer, podia haver febre aftosa no Acre mas não no Rio Grande do Sul. Então... É dividir o Brasil, fatiar o Brasil, para que eles tivessem... Então, havia uma agenda muito diversificada. As vendas da Embraer para as empresas franceses, de apoio. É um menu interminável de possibilidades. E sobretudo, meu grande projeto na área cultural foi criar o ano do Brasil na França, de que eu fui o primeiro comissário geral, em que montamos a ideia de que o Brasil teria uma plataforma, a primeira, de uma apresentação, para o mundo, do conjunto das suas... Nós tínhamos tido uma experiência extraordinária, que foram aquelas exposições do 500 anos, que foram de grande beleza,

em São Paulo, e deu a ideia, primeiro, que o Brasil era capaz de se organizar para se mostrar. E agora, com o Ano do Brasil na França, nós tínhamos essa... Sabendo que esse Ano do Brasil na França ia levar, depois, a um ano do Brasil na Alemanha, do Brasil na China. Que nós estávamos treinando fazer cultura, não com um...

M.S. – Diplomacia cultural.

M. A. – Exatamente. Pois é isso.

T. C. – Eu tenho uma pergunta. O senhor mencionou a compra do porta-aviões, e na ocasião da negociação para a compra do Foch, que tipo de pressão ou de lobby ou diálogo havia, aqui no Brasil, para a compra do porta-aviões? Porque isso acaba influenciando em política de defesa, tem a questão do submarino ou porta-aviões, enfim. Como era a repercussão dessa negociação aqui no Brasil? Quem lhe procurava, para facilitar essa negociação?

M. A. – Não. Ninguém...

T. C. – Não houve pressão?

M. A. – Não. Pressão, muito pouca. A França procurava um comprador. Ela nos dava dois porta-aviões pelo preço de um. Um chamado Clémenceau, e era sucateado, para que servisse de peça de reposição. Vai junto com o outro porta-aviões. E vocês tiram muita coisa. Que ele era um navio gêmeo do outro. Mas em muito menos estado de conservação. Dois, a redução do preço a um ponto, em que ele passou a ser irrelevante: dez, quinze milhões de dólares, porque o objetivo da França era nos vender aquilo ou doar, a esse preço. Aquilo não valia nem... Nada. Era criar uma plataforma para que nós comprássemos mísseis, aviões, o diabo. Em suma, havia uma ideia, você usa um veículo para, uma plataforma. E o Brasil começava a encontrar no *offshore* um recurso tão valioso, tão importante que justificava investimentos na sua proteção. Você pode discutir até que ponto, em *offshore*, você não tem um porta-aviões, que é o próprio território seu; e, dois, até que ponto você exige um submarino nuclear para andar entre plataformas. Não são usos... Mas o que dava era, pela capacidade de formação de pessoal, treinamento, qualificação, aptidão. O Brasil tem um comportamento tão exemplar em matéria de gastos militares, no mundo, que toda vez que eu participei de negociações, e eu participo muito delas, para estabelecer uma linha de gastos máximos, o Brasil fica muito abaixo dela. O Brasil não gasta nada. O Brasil tem uma... Aliás, é um dos grandes méritos do regime militar, é ter sido de uma sobriedade extraordinária nisso. Então o Brasil tem gastos

mínimos. Agora o Brasil também não pode ter um dispositivo militar cômico. Ele não pode ter aviões tão velhos, navios tão sucateados. Isso não existe. Então é preciso uma certa credibilidade, de que nós tenhamos... Não é para nenhum fio de agressão, é apenas... Olha aqui, há um... Não é uma coisa totalmente... Não é uma Costa Rica. Quer dizer, o Brasil não pode se transformar num país que só tenha recurso à sua diplomacia para defesa do seu território. Então... O que nós gastamos, é muito pouco. E a conservação que se dá ao equipamento é extraordinária. Quem vê os *Mirage* voando ali em Santa Cruz... São quarenta anos, meu Deus! Quarenta anos, em matéria de aviação, é uma coisa inconcebível. Tudo bem cuidado, aqueles navios nossos, você entra, são... Há dias, eu estive fazendo uma conferência no *Jeanne D'Arc*, que é um porta-helicópteros que veio aqui, que tiveram o prazer de assistir a um Rio Fashion Week, que para eles... (ri) Então, aqueles marinheiros todos estavam parecendo mesmerizados com aquela... O que confirma de novo... *Não, nós vamos voltar ao Brasil. Você sabe, no porto, são mil modelos andando, de um lado para o outro, de biquíni...* Quer dizer, isso vai sempre levando essa nossa ideia de...(ri) E a França tem uma disposição maior, em vários pontos, que também eu trabalhava muito. Primeiro, Conselho de Segurança. A França favorece um assento permanente para o Brasil no Conselho de Segurança. Ela faz isso com uma certa gratuidade, porque sabe que não... É um *nonstarter*.

M.S. – Não vai acontecer, por que não apoiar?

M. A. – Então... Por que não apoiar? Então fica aquela coisa de... Mas é agradável você ouvir, estamos aí, fechando com você, aquela coisa toda. Dois, a transferência de tecnologia. A França confia que o Brasil é um país maduro, responsável, que não usará, de maneira abusiva... Então tem uma disposição maior de fazer certas coisas. E finalmente, hoje, a França e o Brasil têm uma vocação de turismo recíproco, quase que simétrico. Quer dizer...

M.S. – E ainda pouco desenvolvido.

M.A. – E ainda pouco. Mas que, cada vez mais... E, inclusive, você começa a criar... O que nunca houve com os Estados Unidos aqui. O eixo Lapa – Santa Teresa, é um eixo francês, eles acham aquilo... Um encantamento.

T. C. – Paraty.

M.A. – Paraty. Então tem muita coisa de... Então, foi uma relação em que você tinha de criar o seu próprio ímpeto, seu próprio momentum; mas, isso dito, com exceção

da política agrícola comum, em que há obstáculos... Porque eles lançam duas... Eles alegam ou dizem *a França é um país agricole, é um país... la France profonde, não podemos...* O Brasil não quer destruir bons queijos nem acabar, evidentemente, com vinhos excelentes. O Brasil não quer é que, em terceiros mercados, frangos franceses, altamente subsidiados, disputem conosco. Em suma, o nosso problema não é com o *terroir* francês. Eu fazia palestras, com frequência, dizia: *meus senhores, o Brasil é um consumidor do que vocês têm de melhor, o Brasil não está disputando isso. Nós não temos aqui... Não é isso. Agora vocês não podem querer que a Alemanha seja o maior exportador de café do mundo. Vocês não têm um só pé de café.* Eu fazia uma cena. Eu faço, como um mágico, levo certas coisas para certas conferências. Então eu levava... Vendem, no Brasil, muito uma geléia de laranja dinamarquesa. Disse: olha aqui essa geléia de laranja. Isso leva só duas coisas, açúcar e laranja e casca de laranja. Na Dinamarca...

M.S. – Não se produz nem um nem outro. (ri)

M.A. – Nem o açúcar nem a laranja. Eu posso andar toda a Dinamarca, e não consigo pegar um pé de laranja. Nada. Nem um quilo de açúcar. Quer dizer, que isso seja uma coisa subsidiada a ponto que é mais competitiva que qualquer outra geléia... E a França também, eu levava muito - faz um certo efeito isso - era uma roupa desconstruída de um bom costureiro francês. Então dizia: olha aqui, isso aqui, esse botão custa isso, isso custa isso, isso custa aquilo. O valor agregado é isso. Se eu juntar tudo isso - aí eu tinha ele montado - passa a valer três mil dólares. Que tinha um valor de quinze dólares, passa a três mil dólares, de venda. Em suma, o valor agregado, o *know how*... Para explicar a eles, porque a tendência deles é se defender e achar que você está tirando... Duas coisas: a França tem medo de mudar a política agrícola porque haveria uma imigração para as cidades, mudava o mapa político da França; e dois, a França, com a imigração crescente, encontra a França verdadeira, o que eles chamam *France de souche*, no campo. Eu posso chegar em Charles De Gaulle, conseguir um passaporte em horas, virar francês. Me leva dez minutos. Mas eu não posso virar gascão, não posso virar normando, não posso...

T. C. – Um gaulês.

M.A. – Gaulês. Quer dizer... Eu não posso ser bretão. Quer dizer, a verdade cultural está na...

M.S. – No interior.

M.A. – No interior e nas identidades regionais. Eu não posso ser... Na Picardie, eu não posso pegar um sujeito que chegou da Costa do Marfim, não vai virar *un picard*. Ou um *angevin* em Anjou. Quer dizer, a verdade, a identidade, hoje, reside... É como se o Brasil fosse uma coisa que qualquer um pudesse virar, então você diz não, eu sou baiano, eu sou capixaba. Você procuraria...

M.S. – Embaixador, o senhor está em Paris quando acontece o 11 de setembro, a primeira resposta norte-americana ao 11 de setembro e, muito rapidamente, a França começa a se opor ao que constitui como a doutrina Bush. E o presidente Fernando Henrique, progressivamente, começa a reproduzir parte do argumento e ele fica cada vez mais antiamericano entre aspas. Até usar a tribuna de Paris para fazer o seu último grande discurso na área de relações internacionais. Como acontece essa certa identidade?

M.A. – A relação França – Estados Unidos é a mais complicada que você possa imaginar. Porque ela é fundada numa espécie de intimidade da criação dos Estados Unidos, quer dizer, a França é... Quando o general Pershing chega, em 17 (1917), à França, para levar o general, ele desembarca e diz: “Lafayette, *here we are*.” Quer dizer, não era uma novidade. *Nós estamos devolvendo a visita, quer dizer, vamos apoiar você*. Então, havia essa ideia de...de profunda ligação. Por outro lado, a Segunda Guerra Mundial para a França e tudo que precede ela – a colaboração, Vichy... Na França surge um anti-semitismo, que não aparece na Itália, de uma ferocidade, de uma gratuidade... Ninguém cobrava aquilo. Quer dizer, o que choca muito na França e envergonha eles até hoje, e muito, é que eles foram muito além do que uma capitulação exigia. Eles se prestaram a certas coisas. Há uma coisa que quase ninguém sabe, é que em março, abril de 44, portanto, três ou quatro meses do desembarque na Normandia, houve uma manifestação em Paris, pró Pétain, multitudinária. Quer dizer, a ideia de que – não, o Pétain era, de certa maneira, a direita francesa... Em outras palavras. A França sai da Segunda Guerra Mundial muito enxovalhada. O comportamento dela é muito ordinário. Então isso gera, com os Estados Unidos, uma relação de gratidão, pela salvação, e ao mesmo tempo de humilhação. É uma má química interior. Quando há o 11 de setembro, a França tem uma primeira reação inteiramente favorável aos Estados Unidos. Solidária, o Chirac embarca para Washington, visita o *ground zero*; mas, pouco a pouco, o Bush, com quem a França tem uma incompatibilidade tão fundamental...

M.S. – Visceral.

M.A. – Que é impossível entender a França... Se a França entendesse o Bush, um dos dois estava... Porque não podia haver. Quer dizer, o Bush, como neocristão, novo cristão, novo no sentido de convertido recente, Crawford, Texas, aquela coisa toda, é inconcebível para um francês. E perigoso. Então a França defende... Primeiro a França acha que os Estados Unidos caem numa espécie de autovalorização com o atentado, que a França sofreu, como todo país europeu, vários atentados. Quer dizer, não compreende como aquilo legítima. Quando chega a guerra do Iraque, aí a relação fica mais... Porque a França, simplesmente, não entende a legitimação daquela invasão em função de alegações de armas, que... E dois, a França não vê no Saddam Hussein, que era um tirano, era uma pessoa execrável, uma ameaça; pelo contrário, mais bem. Que aquele equilíbrio, Irã, Iraque, aquilo precisava daquele negócio. Quer dizer, a França não quer aquilo. Então... Há, então, aquele processo de degradação da relação, que leva a uma ruptura – quase uma ruptura, não de relações diplomáticas, mas um esfriamento extraordinário. E nesse tempo a França reafiança o seu eixo Berlim – Paris. Quer dizer, a sensação é que a Alemanha também... Mesma sensação. E os Estados Unidos, então, quer ficar amigo do que ele chama de uma nova Europa, contra a velha Europa. Como se aquele Leste Europeu pudesse contrabalançar a... Em outras palavras. Houve uma... E durante os anos Bush há uma espécie de incompatibilidade tão profunda... Quem conhece um político francês de bom... É um homem que vem de uma *souche* intelectual. *La grande école* [INAUDÍVEL] são pessoas de uma capacidade... Se estivessem conosco aqui, estaríamos nós impressionados pela... E o Bush é uma pessoa de uma, de uma...

T.C. –

M. A. – Completamente... A França tem uma grande afinidade com o Kissinger, que ela considera uma inteligência digna dela.

M.S. – Européia.

M. A. – Européia, exatamente. Então há essa quase ruptura. E que depois se conserta, agora, com o Sarkozy. Sarkozy e Obama. Porque o Sarkozy dá uma cambalhota quase que excessiva para restabelecer... Porque houve, com o Bush, uma crise das relações Europa – Estados Unidos. Primeiro, qual era o papel residual da NATO, da OTAN; dois, a que ponto você se comportava com a antiga União Soviética; terceiro, novos aliados... A Espanha resolve fazer uma jogada de oportunismo. Ela aposta na guerra no Iraque, ela acredita que vai dar certo, enquanto que a França e a Alemanha se

distanciam. Agora está se compondo. Isso porque os interesses são enormes, nem se pode...

T. C. – E o processo de alargamento, também na mesma época, em 2004.

M. A. – Ah, sem dúvida. Para nós não foi bom aquilo, porque o que nós queríamos é que a Europa continuasse, um pouco aquela vocação atlântica dela. E a Europa faz uma *Ostpolitik*, uma política voltada para o Leste. Ela vai até... Chega a um limite, agora, em que a Rússia se sente um pouco ameaçada e cercada com sistemas antimísseis na Polônia. Bem, isso é uma outra história. Mas a França tem com os Estados Unidos uma diferença de discurso... Vou dizer outra coisa. A França tem uma perfeita identidade com o *establishment* intelectual da Costa Leste dos Estados Unidos. Perfeita. Um sujeito de Harvard, Princeton, com Boston, com as Ivy Leagues. Com a inteligência e as elites da Costa Leste. E uma completa perplexidade com esse imenso Estados Unidos do interior do país ou da Costa Oeste. Aqui, para eles, não são interlocutores que eles reconheçam.

M.S. – Muito bem. Embaixador, acho que agora a gente pode começar a cobrir alguns coisas que, ao longo de toda a entrevista, ficaram faltando. E eu tenho uma pergunta, que passou batida, ainda sobre o período em Buenos Aires. Em 95, a Argentina adere ao TNP e essa adesão é feita sem aviso ao Brasil, pega o Brasil de surpresa. Isso aconteceu com o senhor também.

M. A. – É verdade. Foi. Eu fui, imediatamente, ver o Guido di Tella. E a minha queixa era de que aquilo devia ter sido feito com consulta a nós, conversa conosco, que devia ser uma acomodação, que trouxesse certos dividendos, não como um ato unilateral. A Argentina, ao se desfazer do seu estamento militar, joga fora, unilateralmente, tudo. Pode até ter acordo, quase tudo aquilo não valia nada. Então, eles acabam com o Plano Condor, em Córdoba, de mísseis, mas não numa negociação, não através de uma acomodação com o grupo antimíssil ou... Não. Eles, apenas, renunciaram. Os atos, não eram atos de diplomacia ou negociação, eram rejeições, unilaterais, a coisas que eles achavam contaminadas ao passado. Então o TNP também, que o Brasil se aproximava a pequenos passos... Porque chegou um momento que o TNP era inevitável que se assinasse, primeiro, porque você já estava comprometido, o nosso caso, constitucionalmente, Tlatelolco...

M.S. – Quadripartite.

M. A. – Quadripartite. Quando chega um momento que... Você sabe que no direito internacional de tratados, quando você assina, (nós assinamos, desde o início, Tlatelolco), mesmo quando você não ratifica, você está, desde o início, comprometido a não agir contra os objetivos centrais do tratado. Em suma, o Brasil não podia fazer... O que representa o TNP, é apenas a consagração de uma camisa-de-força tão completa, que não havia nada a fazer. E sobretudo por percepção, que há também na Argentina, é de que aquilo era um perigo, de que aquilo podia cair em mãos de agentes não governamentais. Começa a haver a idéia de que a arma nuclear... E dois, você... Então, a Argentina rasga aquilo. E a queixa brasileira naquele momento não foi tanto... foi, olha aqui, vamos negociar isso. A vocação brasileira é sempre não fazer nada gra... O horror à gratuidade, ao ato unilateral, que não tem a contrapartida. Quer dizer, que aquilo venha dentro de um pacote de negociação. E a Argentina naquele momento queria era dar provas de virtude. Era mais como uma pessoa numa cerimônia religiosa, que se despe dos seus... Era para convencer da sua nova virtude. Causou a nós má impressão e pareceu açodamento, quando aquilo podia ter sido melhor negociado ou feito, conosco, de melhor maneira.

M.S. – Como é que a Argentina consegue fazer o processo de adesão e o Brasil não ficar sabendo de alguma maneira? Isso foi mantido em segredo na cúpula? Foi um jogo entre Menem e Di Tella?

M. A. – Di Tella, é. Eu creio que sim.

M.S. – Não vazou a fofoca ou?...

M. A. – Mas não vazou... Quer dizer, desde que eles tinham feito a coisa, não com o TNP, mas com os programas de mísseis, o programa Condor, havia a ideia de que a Argentina estava se encaminhando a renúncias unilaterais. O Brasil queria negociações multilaterais. O que o Brasil queria era se aproximar do Nuclear Suppliers Group, do Missile Technology Group. Sabe que hoje em dia, como não foi possível criar uma nova ordem internacional, você foi criando grupos, clubes, associações. Então você tem o Grupo de Wassenaar, o Nuclear Suppliers Group, o Grupo... Para cada coisa, existe um clube, um arranjo, uma acomodação. Então nós sabíamos que eles estavam... Mas não se esperava que fosse uma coisa tão... O problema, respondendo a sua pergunta, é que o ato unilateral de renúncia é de uma grande simplicidade.

M.S. – Não precisa de grande...

M. A. – Negociação, encontro. Se você disser eu abro mão, eu quero aderir, não... Não foi uma perda de inteligência, de uma coisa que levou meses, pessoas conversando. Não.

M.S. – Nem foi negociado com a cúpula militar?

M. A. – Nem foi negociado. Não havia negociação. Quer dizer, nós não... não é que não soubéssemos... É como o suicida. Vou pular de uma janela do oitavo andar. E pulou. Quer dizer... Então há uma dificuldade, quando um ato tem esse tresloucamento, que, para o Brasil, sempre é a ideia de que nada é *soft free*, nada se faz sem negociação, mesmo que seja um pouquinho, a gente faz aqui, porque a gente pode extrair disso alguma coisa. O Brasil não tinha, o que a Argentina tinha naquela época, primeiro, nós não tínhamos medo dos nossos militares como eles tinham dos deles; dois, não havia o senso de culpa que eles têm. A Argentina viveu, depois da guerra suja, uma situação de culpa, que o Brasil não tinha. Houve abuso, houve excesso também, mas nada na mesma proporção. É claro que estatísticas em direitos humanos são sempre obscenas. *Só mataram quatro criancinhas; oito moças foram violadas...* Não pode ser isso. Mas de qualquer maneira, dada as proporções demográficas, nosso caso foi uma fração mínima. Então nós não... Presumíamos que ia acontecer, tentamos obstaculizar, mas naquele momento... A Argentina...Tinha uma outra coisa. A Argentina queria três coisas. Sem abandonar tudo aquilo que era ligado ao regime militar e que tinha fracassado, não ia a lugar nenhum. Dar sinais de. Dois, acrescentar seus títulos com uma possível adesão à NATO OTAN. Terceiro, criar a ideia às Malvinas, ilhas Falkland, de que eles eram um sócio possível, que podiam voltar a conviver. O Guido di Tella tinha um programa de Natal, que ele mandava presentinhos para as crianças nas Malvinas. Quer dizer, que é uma coisa simpática; mas sugeria uma ideia de... A Argentina achava que seu poder de sedução era maior; e que, dois, os Estados Unidos iam acabar um pouco contagiados, comovidos com aquele (sinal). Aumentaram muito a sua presença em tropas das Nações Unidas, criaram um centro de treinamento para essas tropas, então, houve a ideia de um novo... Porque a última vez em que as forças armadas argentinas se mexeram foi com aquela revolução cara pintada, que foi uma tentativa de um golpe de certa proporção, já no governo Menem. De modo que havia uma sensação, que nós não tínhamos, de que era preciso andar depressa e liquidar com tudo, para não dar a eles as bases. O estamento militar na argentina sempre teve uma arrogância, que nós não tínhamos no Brasil. Você vê uma tropa argentina, ela tinha uma arrogância, uma presença, que não é a nossa.

M.S. – Senhores. Temos perguntas sobre o passado, sobre Tlatelolco?

T. C. – Sim, sobre Tlatelolco, algumas sobre a ABAC. Talvez seja melhor a gente falar um pouquinho sobre a ABAC e as inspeções, porque pega essa fase de Buenos Aires. Depois da declaração de Guadalajara, o início, estabelecimento da Agência, início das inspeções mútuas, qual era o papel do Itamaraty, basicamente, nesse entendimento entre Brasil e Argentina, e o papel da Agência Internacional de Energia Atômica? Como se relacionavam esses quatro atores?

M. A. – Olha, nós estamos tentando inventar um novo caminho. Você sabe que não é uma grande tradição de países renunciarem, através de negociação bilateral, a programas nucleares. Não havia.

M.S. – Não havia precedente.

M. A. – Precedentes. Dois, havia a suspeita de que aquilo podia ser um *double bite*, quer dizer, que você faz uma coisa, diz olha aqui, nós dois trabalhamos juntos, não acabamos com nada, mas vamos, juntos, apresentamos um pouco, uma negociação de fachada. Quer dizer, a ideia de que ali entre nós havia mais uma astúcia do que uma boa intenção. Então, não bastava aos dois... Que o problema de países onde as constituições foram violadas é que elas não têm a força...Dois países em que as forças armadas agiram mal... Em suma, o nosso bilateralismo não bastava. Então era preciso encontrar algum tipo de agência que fosse normatizadora dos compromissos e que não pudesse ser uma coisa de visitas *ad-hoc* de um presidente a tal instalação... Quer dizer, que não houvesse aquele aspecto quase turístico. Finalmente, havia a ideia de que sem uma supervisão da Agência, toda a contabilidade e controle não... Nós não tínhamos expertise de inspecionar, nós não sabíamos onde colocar, em cada instalação, os sensores da entrada... A contabilidade do que entra e do que sai. Então a Agência tinha isso, Tlatelolco tinha isso, mas sobretudo a Agência. Então, a ABACC é uma tentativa de trazer o que era um arranjo bilateral a um escrutínio internacional. É o que dava transparência, visibilidade. Se fosse só dos dois, são dois sujeitos que estão fazendo aqui... Não gerava credibilidade. Então a ABACC é um exercício importante de credibilidade e, dois, barata. Quer dizer, também, nós não estamos aceitando um tipo tão *intrusive*, tão *invadente* de inspeções, que fique uma coisa infernal a... Portanto, não há dúvida de que a ABACC cumpre bem. Eu estive há uns dias lá, visitando eles, ali na avenida Rio Branco, e é uma operação modesta mas correta; e que, entre Brasil e Argentina, faz um serviço de *confidence building*, sempre. Não basta ao mundo, que o mundo sempre quer uma... Há sempre uma cobrança

adicional, mais e mais garantias, mais e mais inspeções, mais e mais transparência. Sobretudo, na medida em que o Irã faz o que faz e que outros países desenvolveram, mesmo dentro do TNP. Hoje, todo jogo é um TNP *plus*. Eu estou indo agora para Paris, sábado, para uma reunião do... Um grupo muito interessante. Chama-se Global Zero.

M.S. – Fala um pouco do Global Zero.

M. A. – Global Zero é o resultado de negociações Obama – Mededev, que, pela primeira vez, *outline*, a ideia que talvez, em mais de uma geração, seja possível ter um mundo sem armas nucleares. Quer dizer, as armas nucleares saíram de privilégio de dois para três, para quatro, e agora a Coreia do Norte consegue ter. Quer dizer, há um aviltamento. E, quando a Coreia do Norte tem, começa a ver, qualquer grupo, pode cair em mãos inidôneas. Em suma, elas perderam status. E, dois, elas não correspondem mais, em nenhuma estruturação estratégica, a um instrumento a ser utilizado. Não há cenário para o uso, mais, das armas nucleares. Quer dizer, aquela deterrência recíproca, aquela..., não existe mais. Então começa a haver a ideia, primeiro, que você vai... Agora vai se negociar ou se ultimar essa grande redução de ogivas entre a Rússia e os Estados Unidos, que são os grandes detentores; e depois vai-se, gradualmente... A ideia é um mundo sem armas nucleares. E depois vai-se tentar fazer com armas biológicas. A ideia de sem armas de destruição em massa. Esse é um projeto que o enunciado leva dois minutos, a realização é de uma complexidade indescritível. Mas, pela primeira vez há muitos anos, há a ideia de que nós voltamos a ter uma política de desarmamento. Você sabe que o desarmamento ficou muito desmoralizado entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais. Pelo contrário, foi usado como uma camuflagem para permitir que a Alemanha se rearmasse. Então a... A Carta das Nações Unidas não fala em desarmamento. Ela fala em *security*, em segurança. O desarmamento ficou muito malvisto. Então, agora, volta essa possibilidade. E esse grupo Global Zero é um grupo de apoio a Mededev e Obama, para começar a procurar. Primeiro, ver o que se pode fazer com acordos regionais, aqui, nós, no hemisfério sul. Depois, ver se avança, o que é crucial, a zona desnuclearizada do Oriente Médio. E que é uma coisa que tem de ser feita mas é complicado. Adicionalmente, quer dizer, como é que se faz, Irã... Todos renunciariam, e Israel também. E Israel já tem a proteção nuclear americana. Então, vamos... Mas pela primeira vez... Porque a grande acusação a nós é de que nós tínhamos assinado o TNP e, com isso, tínhamos (chegado)... olha aqui, os desnuclearizados se desnuclearizam, os nuclearizados cada vez têm mais. Você, agora, começa a corrigir isso. Dizer não, o objetivo é o

desarmamento geral e completo, sob eficaz controle internacional, que é a... E você volta a ter uma política de desarmamento, mais do que apenas uma política de não-proliferação, que era único... A única coisa que nós tínhamos para jogar.

T. C. – Como é a relação com os outros comissários, Hans Blix, depois de tanto tempo trabalhando nesse assunto?

M. A. – Ah... Nós somos grandes amigos. Hans Blix é um amigo meu desde... Quando eu fui o perito brasileiro em recursos naturais compartilhados em Nairobi, ele era o perito sueco. Então nossa amizade vem de recursos naturais compartilhados. Desde essa época somos amigos. Minto. Quando ele era um jovem secretário na Sexta Comissão, eu era assessor de um homem, que foi um dos grandes mestres meus, o Gilberto Amado. E o Gilberto Amado tinha pelo Hans Blix uma grande... Então o Hans Blix é um homem extraordinário. Nós somos um grupo, o Garret Evans, da Austrália, Arbatov, da Rússia, nós somos um clube de amigos e temos grandes afinidades. E ficamos... O problema nosso é que nós produzimos um lindo *report*, um lindo documento, que caiu no momento... No pior momento possível, não havia ninguém para ouvir. Depois, nós rerepresentamos isso, um ano depois, em Washington, já com uma audiência muito mais bem disposta a... De modo que é um desses exercícios, que não é para ter resultados imediatos, é... *To keep the ball going*. Em grande parte, diplomacia, vocês um dia verão, é não deixar a peteca cair, é não deixar que certas ideias caiam em tal descrédito... Tem horas que paz não tem... *Falar de paz agora, como é que vai poder se fazer*. Mas é preciso manter essas ideias vivas, para que elas possam ter um renascimento.

L. N. – Início do governo Collor, o senhor é o secretário-geral do Itamaraty. Se não me engano, o senhor me confirma ou não, havia um grupo de trabalho informal entre o senhor, José Goldemberg e Pedro Paulo Leoni Ramos, que tratavam de alguns assuntos, inclusive não proliferação nuclear.

M. A. – É verdade.

L. N. – Quem era o interlocutor americano e por que a formação desse grupo, era um sinal que os americanos estavam fazendo um link entre o tema nuclear e outros temas?

M. A. – O Pedro Paulo Leoni Ramos, menos. Eu e o José Goldemberg temos uma relação desde sempre. O José Goldemberg e eu... Eu não. Goldemberg tinha uma coisa muito melhor que eu, José Goldemberg sabia, porque ele visitou os vários centros brasileiros de tecnologia e deu conta que eram de uma modéstia extraordinária. E ele me

dizia sempre: “Olha Marcos. Esse projeto tal equivale a um bom projeto de mestrado nos Estados Unidos. Não é mais do que isso. É muito pouco”. Quer dizer, havia uma... Um músculo intelectual muito modesto. Nós não sabíamos fazer. O Pedro Paulo Leoni Ramos era uma pessoa mais intuitiva, não tinha, sobre esses assuntos, uma reflexão. O que era importante nesse momento era começar a desconstrução do projeto paralelo, do programa paralelo. Primeiro objetivo do Goldemberg, meu e tudo era trazer, o máximo do possível, a um programa único, não paralelo, que não fosse sujeito a... Quer dizer, havia, naturalmente, nessas áreas, a necessidade de um controle, sigilo. Tudo isso se reconhece. Mas o paralelo, ele era... A palavra paralelo é um eufemismo. Ele era um programa marginal. Quer dizer, ele fazia, sem controle de ninguém. Não correspondia a nenhuma forma de controle. Então os Estados Unidos sempre pressionaram o Brasil, para que o Brasil fosse um... Primeiro, que, finalmente, ratificasse o TNP... Não, digo Tlatelolco; depois, que aderisse ao TNP. E as ameaças... A realidade é que nós não tínhamos acesso a todo um longo campo de tecnologias duais ou de computação de alta performance, por causa da suspeita do desvio disso para... E sobretudo, eu creio que o que levou... Vocês têm de conversar com o Goldemberg sobre isso. É que se nós estivéssemos muito mais perto de um resultado, desmontar isso teria sido mais... *Olha aqui, esse tanto; agora, no fim, na praia, jogar tudo...* Mas não havia nada. O que o Brasil acumulou de *savoir faire* em matéria de enriquecimento de urânio foi muito pouco, até essa época. Agora é que há um... Que nós tivemos um chefe da CNEN, durante muitos anos... Houve um homem muito admirável, chamado Hervásio de Carvalho. Durante uns anos foi uma... Depois, veio um outro, que era uma pessoa de menos... Que era o Rex Nazaré. O Rex Nazaré, não creio que tivesse a estatura para... O que falhou, a meu ver, no programa nuclear brasileiro paralelo, falhou sempre, faltou sempre a massa crítica da inteligência, do saber. Era muito pouco. E os poucos que sabiam foram exilados. Então ficou...

M.S. – Foram exilados em que período?

M. A. – Por...

M.S. – Na época...

M. A. – Pois é, de sessenta e poucos.

M.S. – Ah é?!

M. A. – Leite Lopes. Quase todos foram ser professores na França.

M.S. – Ou seja, houve um *brain drain* da área nuclear.

M. A. – Ah... Muito importante. Nessa área, muito importante. Na área nuclear, sobretudo, os físicos foram embora ou ficaram apenas com funções de professores, sem poder produzir. O Brasil achou num certo momento que a autoridade produzia criatividade científica. (risos) Não é assim. Quer dizer, você... Às vezes, tem um idiota. Você é um gênio. Sabe fazer aquilo. Vocês conhecem São José dos Campos, já foram ao INPE e à CTA e tudo? Vale a pena ver, porque você tem os *mocaps* dos foguetes mas que não voam. Quer dizer, aquilo tem um efeito assim de...

M.S. – Meramente espetacular.

M. A. – O Brasil não fez um investimento real em cientistas para essa área. Pelo contrário, ficou confiado em oficiais da Aeronáutica patriotas. Na Marinha, o almirante Othon. Quer dizer, pessoas de grande probidade... Na Marinha, melhor, fizeram mais bem feito o... Mas sempre com essa ideia de que o dinheiro que devia ir para pesquisa acabava em custeio. Então não... Então, nunca foi nada. Não, não se destruiu... Quando se diz que desmontou o programa nuclear brasileiro... Era muito pouco. O desmonte foi de pouca coisa, porque pouca coisa tinha sido feita.

L. N. – Nesse período, quem era o interlocutor americano, o senhor lembra?

M. A. – Deixa eu fazer um esforço. Quem era a pessoa com quem nós... Não sei se havia um...

L. N. – Era Bartolomeu?...

M. A. – Não sei, não me lembro quem era a pessoa com quem nós falávamos sobre isso. Mas não havia um inter... Me dá um tempo, que, isso, eu preciso fazer um pouco de... Uma viagem ao passado. (risos)

L. N. – Depois nós recordamos.

M.S. – Temos mais alguma coisa?

L. N. – Nós poderíamos voltar para Tlatelolco. Tem muita coisa escrita já, mas o senhor estava lá. Acho que é interessante.

[Interrupção da gravação]

L. N. – Falamos sobre as negociações de Tlatelolco. O senhor estava lá e, se eu não me engano, houve uma divergência muito grande, e as discussões ficaram polarizadas entre dois países, o Brasil e o México.

M. A. – Sem dúvida.

L. N. – Sobre o quê gravitava a divergência?

M. A. – Eu disse a vocês que o Brasil foi o dono inicial do projeto, da ideia de uma desnuclearização da América Latina, contexto da crise de mísseis em Cuba e tudo. Quando passa isso, o Brasil militar, o Brasil pós 64 volta à ideia de grande potência, país grande. Portanto, cessado o motivo para a ação, voltamos a achar que aquilo não era ou urgente ou necessário. Por outro lado, o México nos pede licença para reintroduzir o projeto, desta vez, sob o seu patrocínio. E surge uma pessoa... sempre as pessoas – um homem extraordinário na diplomacia mexicana, que era o embaixador Alfonso García Robles, que ganha, pela sua ação em Tlatelolco, o prêmio Nobel da Paz; com a Alva Myrdal, que era uma grande economista sueca, casada com Gunnar Myrdal, que era um homem, também, de grande teorização sobre a paz e o desarmamento. O México tem uma posição muito confortável. O México não tem espaço estratégico para ter uma política nuclear própria. O México é um puxado dos Estados Unidos. O México não tem lugar nem espaço estratégico. Os Estados Unidos nunca conceberiam um México se nuclearizando. Quer dizer, os Estados Unidos via... O guarda-chuva nuclear americano se estende sobre o México com a naturalidade das coisas. Aliás, cujas experiências são feitas no Novo México. Quer dizer, então é o próprio nome... Quer dizer, as experiências nucleares se fazem, entre outros lugares, no New México. Então o México vê uma oportunidade para grande protagonismo internacional a preço de banana. Eles não estão sacrificando nada. Eles não vão poder fazer nada. Então... Eles passam a ser os protagonistas. E o García Robles vê nisso, como depois lhe rende o prêmio Nobel, uma possibilidade – benéfica, benévola, boa – de fazer alguma coisa para que a América Latina fique livre de armas nucleares. O enfrentamento é com o Brasil. O Brasil tem uma posição complicada. O Brasil não quer dizer que ele está fora disso no momento, que era impossível fazer isso, que também você teria de revelar desígnios militares nucleares, que você ou não tinha, ou não queria assumir. E, dois, o Brasil, por seu lado, não queria ficar isolado da América Latina, então começa um jogo, em que o José Sette Câmara é o... (interlocutor) e que é um jogo de criar obstáculos ou identificar dificuldades para que o tratado fosse operacional. Então, o Brasil cobra certas coisas. São dois protocolos. Um é que potências extracontinentais se comprometam a não introduzir na região arma nuclear. Então, a França não pode trazer para a Guiana, a Holanda não pode trazer para o Suriname, o próprio Estados Unidos teria de se comprometer a não ter... a Inglaterra não poria nas Malvinas. Então, há esses compromissos todos, extracontinentais. Depois, o segundo é que todos os países da região se comprometessem a não... Então isso Cuba

teria que subscrever e assinar, e a Rússia através de Cuba. Então o Brasil cria condições, idealmente, para que o tratado nunca entre em vigor; e dois, que ele saia bem, porque ele é signatário. E ao mesmo tempo, ao ser signatário, ele está comprometido a não, ele, não (publicar). Então, era o melhor. O que acontece, com o colapso da União Soviética e tudo que se segue... O colapso da União Soviética foi o ato mais surpreendente depois da Segunda Guerra Mundial. É um imenso império militar que, sem derrota, acaba. E, com isso, desaparecem todas aqueles nossos instrumentos de argumentação: a guerra fria, o risco de uma presença de armas soviéticas no Atlântico Sul... Em suma, há o desmonte de toda a teorização que nós tínhamos, tipo guerra fria. Isso acaba. E o Brasil fica numa posição, que ele acha que é confortável: signatário. Só não assina os protocolos aqueles... Só não adere plenamente porque condições que o próprio tratado estabelece não foram cumpridas.

L. N. – Tinha a questão das explosões nucleares pacíficas.

M. A. – As explosões nucleares pacíficas foi todo um... Houve um momento que se achou que a energia nuclear era apenas uma dinamite melhor, um TNT mais eficaz, e que você poderia fazer... o que eu disse a vocês chama-se, então, engenharia geográfica. A ideia... E um dos sujeitos que fala disso ganha o prêmio Nobel de Física. É o programa Plawshare. Daquela frase da bíblia, transformaremos nossas... [inaudível] A ideia de que haveria a possibilidade de você fazer um canal de Panamá a preço de banana, que você conseguiria fazer um depósito *storage* de gás natural com um *big bang*. Nada, quase nada disso... Houve, pelo contrário, uma valorização da energia nuclear em agricultura, em medicina, extraordinariamente, que não se imaginou que pudesse ser tanto, mas hoje medicina nuclear é um dado... [inaudível] de todo tipo. E a parte das grande *bangs*, das grandes explosões não... E acho que, em parte, porque era complicado. E, dois, porque os Estados Unidos não quiseram valorizar uma dimensão benéfica da explosão, para não mudar a teologia de que a bomba era sempre ruim. Então, também não prosseguiram, houve a preferência de... Conseguisse. Então o Brasil fica numa posição, durante décadas... A última vez que fui ao México foi para essa... foi em 63?

M.S. – Tlateloloco?

M. A. – É, 63. Não. 67.

M.S. – É. Tlatelolco é 67.

M. A. – É. Eu volto... Eu termino a última reunião do... Chamada Copredal, Comissão Preparatória para a Desnuclearização da América Latina - Copredal, que vai criar depois... Vocês falam disso, aí volta a minha cabeça... A Opanal. (Organização para Proibição de Armas Nucleares na América Latina) Eu era representante do Brasil na Copredal. E volto para a assinatura, em fevereiro? Fevereiro ou março de 67. O Tratado é assinado, o Brasil é signatário. Portanto o Brasil se sentiu confortável. *Estamos numa posição. E deixem agora os outros se comportarem bem.* E levou uns anos depois para que isso... Agora essencialmente, como eu disse a vocês desde o início, o Brasil não tem uma política nuclear que leve a explosões pela falta de motivação para tê-las, falta de recursos para ter, expulsão de seus melhores talentos por exílio político; e finalmente, porque havia, como eu, aqueles que achavam que numa América Latina desnuclearizada, o Brasil tinha mais segurança do que com um vizinho... Mesmo que nós tivéssemos a bomba, um vizinho tendo, você tinha um patamar de insegurança. O que se pode argumentar é que o Brasil aderiu ao tratado de não-proliferação sem obter, de maneira mais formal, garantias positivas e negativas. Quer dizer, o Brasil não está protegido por... O Brasil é a única grande potência mundial... Quando eu vou aos BRICS, RIC, todos têm armas nucleares. O Brasil não tem. Quando eu vou aos BASIC, a África do Sul teve, e deixou de ter. Em suma, o Brasil teve uma renúncia muito grande, sem exigir nenhuma... Porque... não é que nós não... É que também, se você pedisse essas garantias, você tinha de ficar de certa maneira envolvido num acordo militar multilateral; coisa que o Brasil não queria. O Brasil preferiu correr os riscos, achando que, diante de uma situação, a qualquer momento, ele pode negociar e invocar. Se houver um ataque... Mas aí você entra na linha demencial, que é impossível prever.

T. C. – Se houver tempo, só mais um último link entre a energia nuclear, política ambiental, voltando um pouquinho na sua participação na organização da Rio 92. Esses temas, em 1990, 92, esses temas foram discutidos nas reuniões preparatórias, Energia nuclear, não-proliferação? Sei que é uma conferência ambiental, mas outros temas acabaram sendo levantados. Qual foi a participação da agenda nuclear nessa discussão ?

M. A. – Não, não... Mas não, porque você tinha então... Naquele momento, as próprias potências nucleares não queriam que se fizesse isso. Você leva em conta que tinha cinco ou seis potências nucleares, então, que não querem que o anátema pese sobre a energia nuclear. Dois, eu, antes de 92, fui representante do Brasil, durante anos, na Unep. Eu era chefe da delegação brasileira. É um programa que tem o nome, em inglês,

UNEP, em português, PNUMA, em francês, PNUE. Quer dizer, são... Mas é a mesma coisa. Então nós tínhamos essa mesma... Ah... Não, não. Porque os Estados Unidos, a Rússia, a Inglaterra não aceitariam que a energia nuclear entrasse nesse debate do meio ambiente, porque eles não queriam... Eles tinham feito já o que era importante. Isso sim. Foi a proibição das explosões na atmosfera, no mar e na superfície. Foram, apenas, autorizadas as explosões subterrâneas. Mas mesmo essas, depois, vão... Quando há o embargo completo. Então não, não creio que nessa primeira fase... Na primeira fase, o que se procura é uma... Difícil explicar hoje, diante dessas ideias cataclísmicas. Havia um livro de uma mulher chamado Rachel... *The Silent Spring*, que é uma fonte que vai morrendo pela... Foi um desses livros seminais da época. Portanto, a ideia do meio ambiente era mais Rousseau, mais poética, mais romântica, mais... As grandes planícies de Serengeti, a...

T. C. – Amazônia.

M.A. – Amazônia, um pouco menos, porque a Amazônia nunca teve... O problema da Amazônia é que ela é quase invisível, a não ser do ar. Dentro dela, você não vê nada. A própria escolha de Nairobi para a sede foi resultado da ideia de que aquilo... O elefante, o urso panda eram símbolos... Hoje, quando eu olho para esse meio ambiente dessa fase, eu digo, meu Deus, que coisa extraordinária, proteger o panda... Quer dizer, coisas... O coala, baleias. Quando hoje você tem hipóteses, com que eu tenho certas dificuldades, catastróficas. Eu, uma vez na China, tudo que eu comprava, na China, de antiguidade, eu dizia “que período é?” – diz assim: “*a hundred years old*”. (risos) *A hundred years old* cobria tudo. Quer dizer... (risos) Agora, em cinquenta anos tudo vai... Eu vivi tantos catastrofismos desmoralizados pelos fatos, que eu hoje também... Você não pode cair é na complacência. Mas também não pode... Você tem de encontrar um caminho difícil: nem achar que o mundo está acabando, nem achar que não precisa fazer nada; mas a mobilização se faz sempre pela ideia do cataclisma, do holocausto, da hecatombe.

T. C. – Medo.

M.A. – Medo. E sobretudo de uma ideia catastrófica, abrupta, que se dará num determinado ponto no futuro, que sempre se mantém à mesma distância de você. Era 2012. Agora vai ser 2020. Quer dizer, você tem de criar um *momentum* de terror, de temor...

T. C. – Um *deadline*.

M. A. – É. De modo que eu tenho muitas dúvidas sobre... Eu sou um *eco skeptic*, sem ser uma pessoa... Eu não quero... O problema de você ser isso...

M.S. – Sem ser complacente.

M. A. – Sem ser complacente, sem achar também... O *devoir de prudence*, quer dizer, vamos ter o cuidado... Tudo eu estou de acordo. Aliás, em matéria de meio ambiente, eu estou de acordo com toda a receita, sem concordar com o diagnóstico. Eu acho que tudo que está se fazendo – reciclar... Eu estou inteiramente de acordo com tudo. Agora o que vai acontecer em 35 anos, isso eu não sei. 35 anos. O problema, que na minha vida sempre marcou muito, é que o ser humano quer aprisionar o futuro. Eu não sei se eu disse a vocês antes isso. Ele quer fazer que o futuro seja uma extensão do presente. Negar, portanto, ao futuro a sua futuridade. E o futuro se nega a ser feito refém do presente. E o futuro vai ser aquilo que nós não imaginamos que ele vá ser. Qualquer que seja, não é aquilo.

M.S. – Embaixador, obrigadíssimo. Um prazer enorme.

M. A. – Eu que agradeço a você. Foi um prazer conversar com vocês.

M.S. – Excelente entrevista.

M. A. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]